



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**DANNYTZA SERRA GOMES**

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FALA-EM-INTERAÇÃO ENTRE  
SURDOS**

**FORTALEZA - CE**

**2014**

DANNYTZA SERRA GOMES

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FALA-EM-INTERAÇÃO ENTRE  
SURDOS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maia-Vasconcelos

FORTALEZA - CE

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- G6131 Gomes, Dannytza Serra.  
Língua brasileira de sinais : fala-em-interação entre surdos / Dannytza Serra Gomes. – 2014.  
143 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.  
Área de Concentração: Linguística, letras e artes.  
Orientação: Profª. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.
1. Língua brasileira de sinais – Fortaleza(CE). 2. Análise da conversação – Fortaleza(CE).  
3. Interação social – Fortaleza(CE). 4. Surdos – Meios de comunicação – Aspectos sociais – Fortaleza(CE). I. Título.

---

CDD 419.8131

DANNYTZA SERRA GOMES

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FALA-EM-INTERAÇÃO ENTRE  
SURDOS

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da referida Universidade.

Autorizo, para fins acadêmicos, a reprodução total ou parcial desta Tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos, desde que sejam respeitadas as normas de citação.

---

DANNYTZA SERRA GOMES

## BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos (PPGL/UFC)  
Orientador-Presidente

---

Profa. Dra. Marise Adriana Mamede Galvão (PPGEL/UFRN)  
Primeiro Examinador

---

Profa. Dra. Lia Matos Brito de Albuquerque (FACED/UECE)  
Segunda Examinadora

---

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (PPGL/UFC)  
Terceiro Examinador

---

Profa. Dra. Maria Elias Soares (PPGL/UFC)  
Quarta Examinadora

---

Prof. Dr. Messias Holanda Dieb (FACED/UFC)  
Suplente Externo

---

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo (PPGL/UFC)  
Suplente Interno

“[...] questionar faz voar aos pedaços os saberes fechados em seus compartimentos.”  
(HEIDEGGER in MORIN, 2013, p. 129)

## – Agradecimentos –

---

**A minha orientadora e amiga, Profa. Dra. Sandra Maia** exemplo constante de dedicação e compromisso no mundo acadêmico e na vida. Mas, principalmente, pela coragem desmedida de embarcar comigo nesse projeto tão audacioso.

**Ao meu marido Alex**, companheiro acadêmico, por fazer parte de tudo isso e por não desanimar nunca. Exemplo de profissionalismo e digno de todos os agradecimentos.

**Aos meus filhos, Alex e Giovanna**, que, de um jeito ou de outro, sempre conseguiram aceitar minhas escolhas e sempre ficaram ao meu lado.

**Aos meus pais Ailton e Miriam**, pelo amor, respeito e confiança que sempre demonstraram por mim. E também pelos momentos em que não compreenderam minha ausência, mas aceitaram sem questionar.

**Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos**, pelos momentos em família, pelos sorrisos descontraídos e pela companhia de todo domingo no almoço cheio de alegria.

**A minha cunhada Adriana Sandra**, pela confiança, sinceridade e cumplicidade nos meus momentos mais decisivos.

**A minha madrinha Marlene**, que sempre acreditou em mim e sem ela nada disso seria possível.

**Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC)**, por contribuir com a minha formação acadêmica.

**As professoras Dra. Marise Adriana Mamede Galvão (UFRN), Dra. Lia Matos Brito de Albuquerque (UECE), Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (UFC) e Dra. Maria Elias Soares (UFC)**, por aceitarem compor a banca examinadora de defesa da tese.

**Aos membros do grupo de pesquisa GELDA**, pela amizade sincera e troca de experiências acadêmicas e profissionais. **Neurielli, Leidiane, Karina, Jani, Samuel, Isabel, Mayara**, o meu agradecimento especial.

**Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará**, por compartilharem dos momentos que constituem esta experiência de formação (inclusive, os momentos constantes de angústia).

**Aos colegas da Universidade Federal do Piauí**, por dividirem comigo o espaço de atuação profissional.

**Aos meus alunos e ex-alunos**, o grande reflexo da minha formação.

**Aos amigos** que não mediram esforços para me ajudar a não desistir e a realizar esse trabalho, **Erika Alencar, Ernando Pinheiro, Izalete Inácio, Mariana Farias, Bruno Sales e André Accioly**.

**A todas as pessoas surdas** que contribuíram para essa pesquisa, desde o meu primeiro professor de Libras até os sujeitos desse trabalho.



## – RESUMO –

---

Esta pesquisa que dá continuidade à pesquisa realizada no período de mestrado tem como objetivo observar interações realizadas com pessoas surdas utentes em língua de sinais com o fito de analisar de que maneira ocorre o desenvolvimento do tópico discursivo em ambientes naturais de uso dessa língua. O objeto de estudo da presente pesquisa é a interação entre surdo-surdo e o instrumento é a língua brasileira de sinais. Para alcançar estes objetivos nos amparamos na teoria da Análise da Conversação, tomando como base os estudos de Marcuschi, (1986, 2007); Sacks, (1992); Jubran (1992; 1996); Fávero (1995; 2005), Goffman (2002), Fávero, (2005); Dionísio (2006), Kerbrat-Orecchioni (2006), Schegloff, (2007); Liddicoat (2011), Santos e Galvão (2012) entre outros. Elegemos uma das categorias analíticas da conversa/interação para guiar os resultados desse estudo: o tópico discursivo. Realizamos um breve apanhado sobre as línguas de sinais, mas precisamente a Libras, baseada nos estudos de Stokoe (1960; 1965; 1972); Ferreira-Brito (1995); Quadros (1997; 2004; 2011); Coutinho (2000); Chaveiro e Barbosa (2004); Santana (2007); Kojima e Segala (2008); Serra (2009), entre outros. Utilizamos-nos da Etnometodologia, visto que não buscávamos discursos pré-elaborados ou bem estruturados, mas sim, conversas espontâneas da prática do dia a dia, respeitando assim nossa escolha epistemológica e metodológica. O modelo de coleta foi a filmagem, vez que não contávamos com áudio; os informantes foram 4 professores de ensino superior, a fim de garantir a fluência dos temas geradores, a transcrição foi realizada em duas etapas: uma com intérprete e outra como tradução para o português e os procedimentos de análise seguiram as perspectivas teóricas de fala em interação. A exposição dos resultados foi dividida em algumas etapas, pois foi analisado vídeo a vídeo. Começamos com um tema gerador da conversa entre os informantes, a presença das propriedades teóricas já estabelecidas de tópico discursivo, as possíveis rupturas tópicas, a transcrição de trechos da interação e a proposição de uma nova categoria que contemple os estudos de conversas em línguas visuoespaciais: a espacialização. Graças às análises realizadas dos resultados foi possível constatar a legitimação da espacialização como garantidora da continuidade e do desenvolvimento tópico na interação entre surdos.

**Palavras-chave:** Interação, Tópico discursivo, Libras.

## – ABSTRACT –

---

This research, which continues the research started in the Masters course, aims to observe interactions with deaf people users of sign language with the aim of analyzing how occurs the discursive topic development in natural environments using this language. The study is centred on the interaction between deaf and the instrument is the Brazilian Sign Language. For achievement of these objectives we sought the support of the theory of Conversational Analysis, based on Marcuschi (1986, 2007), Sacks (1992), Jubran (1992, 1996), Fávero (1995, 2005), Goffman (2002), Dionísio (2006), Kerbrat - Orecchioni (2006), Schegloff (2007), Liddicoat (2011), Santos and Galvão (2012) studies among others, electing one of the analytical categories of conversation / interaction to guide the results of this study: the discursive topic. We conducted a brief survey about sign languages, but precisely the Libras, based on the works of Stokoe (1960, 1965, 1972), Ferreira-Brito (1995); Quadros (1997, 2004; 2011); Coutinho (2000); Chaveiro and Barbosa (2004); Santana (2007); Kojima and Segala (2008); Serra (2009), among others. Ethnomethodology was used in this research, since we do not seek pre-prepared or well structured speeches, but, everyday spontaneous conversations, respecting our epistemological and methodological choice. The model collection was filming, since we did not have audio; informants were four professors, to ensure the fluency of generating themes, and transcription was performed in two stages: one with and one interpreter as a translation into Portuguese and analysis procedures followed the theoretical perspectives of speech in interaction. The exhibition of the results was divided in several steps, because the analysis was made video by video. We started with a generator topic of conversation among the informants, the presence of the theoretical properties already established about the discourse topic, possible disruptions topical, the transcript of excerpts of the interaction and the proposition of a new category that includes studies of visuospatial language conversations: the spatialization. Thanks to the analysis of the results, we determined the legitimacy of spatialization as guarantor of the continuity and development of the topic in the interaction between deafs.

**Keywords:** Interaction, Topic of discourse, Libras.

## – RÉSUMÉ –

---

Cette étude donne séquence à la recherche de Master et a comme but d'observer les interactions entre personnes sourdes en langue des signes dans le but d'analyser la façon dont le développement du sujet du discours dans des situations spontanées en utilisant cette langue. L'objet d'étude de cette recherche est l'interaction entre les sourds dont l'instrument est la langue des signes brésilienne. Pour atteindre ces objectifs, nous nous sommes servis de la théorie de l'analyse conversationnelle, basée sur des études Marcuschi , (1986, 2007) ; Sacks (1992); Jubran ( 1992, 1996 ) ; Favero (1995 , 2005) , Goffman (2002) , Favero , (2005) ; Dionysos (2006) , Kerbrat - Orecchioni (2006) , Schegloff (2007) ; Liddicoat (2011) , Santos et Galvão (2012), entre autres . Nous avons élu une des catégories d'analyse de conversation / interaction pour guider les résultats de cette étude, soit : le sujet discursif. Nous avons construit une brève abordage sur les langues des signes, plus précisément les livres basés sur les travaux de Stokoe (1960, 1965, 1972); Ferreira-Brito (1995); Quadros (1997, 2004, 2011); Coutinho (2000); Chaveiro et Barbosa (2004) ; Santana (2007) ; Kojima et Segala (2008) ; Serra (2009), entre autres. Nous avons utilisé autrement de l'Éthnométhodologie, puisque nous ne cherchions point des discours préparés à l'avance ou bien structurés, mais des conversations spontanées et quotidiennes, ce qui mettait en relief notre choix épistémologique et méthodologique. La méthode de récolte a été le filmage, puisque nous n'avions pas d'audio à enregistrer; les informateurs étaient quatre enseignants de l'enseignement supérieur. Afin d'assurer la fluidité de thèmes de production, la transcription a été réalisée en deux étapes: l'une avec l'interprète et l'autre comme traduction en portugais; des procédures d'analyse ont suivi les perspectives théoriques de l'analyse interactionnelle. L'exposition des résultats a été divisée en quelques étapes, parce que l'analyse a été réalisée par vidéo *one-by-one*. Nous avons commencé avec un thème générateur de conversation entre les informateurs, des propriétés théoriques de sujets déjà établi de discours, d'éventuelles ruptures des sujets, la transcription d'extraits de l'interaction et la proposition d'une nouvelle catégorie qui comprend des études de conversations de langue visuo-spatiale : la spatialisation. Grâce à l'analyse des résultats, nous avons déterminé la légitimité de la spatialisation en tant que garant de la continuité et du développement du sujet dans l'interaction entre les sourds.

**Mots-clés:** Interaction; Sujet du Discours, Libras



වැඩේ ද පවත්වාගන්නේ ද ඒ කෙරෙහි පවත්වාගන්නා ජාතික ද  
විද්‍යාත්මක දේශපාලනික.

ප්‍රවේශන - ව්‍යවහාර: ව්‍යවහාර ජාතික, ජාතික ව්‍යවහාර, ජාතික.

## – LISTA DE ILUSTRAÇÕES –

---

Figura 1 – Sequência do termo N-U-N-C-A .....	26
Figura 2 – Configuração de mãos .....	27
Figura 3 – Ponto de Articulação sobre o corpo .....	27
Figura 4 – Ponto de Articulação no espaço .....	28
Figura 5 – Direção: para cima, para baixo .....	29
Figura 6 – Direção: para dentro, para fora .....	29
Figura 7 – Direção: para o lado .....	29
Figura 8 – Expressões Não Manuais .....	30
Figura 9 – Sinais de REUNIÃO e FAMÍLIA .....	33
Figura 10 – Sinais de TRABALHAR e VÍDEO .....	34
Figura 11 – Sinais de SÁBADO e APRENDER .....	34
Figura 12 – Sinais de SENTAR e CADEIRA .....	36
Figura 13 – Sinais de TELEFONAR e TELEFONE .....	36
Figura 14 – Sinal de BOA NOITE .....	37
Figura 15 – Sinais de MÊS e ANO .....	37
Imagem 1 – Vanessa e Kátia. Momento de interação .....	76
Imagem 2 – Rodrigo e Sérvulo. Momento de interação .....	78
Imagem 3 – Rodrigo, Kátia e Sérvulo. Exemplo de acompanhamento visual.....	81
Imagem 4 – Rodrigo, Kátia e Sérvulo. Deslocamento visual .....	84
Imagem 5 – Rodrigo, Kátia, Vanessa e Sérvulo. Exemplo de sobreposição de falas ....	89
Imagem 6 – Rodrigo, Kátia, Vanessa e Sérvulo. Exemplo de espacialização.....	91
Imagem 7 – Rodrigo, Kátia, Vanessa e Sérvulo. Momentos de interação .....	94
Imagem 8 – Exemplo da propriedade de espacialização no momento de interação .....	96
Imagem 9 – Vanessa, Rodrigo, Sérvulo e Kátia. Rodízio de lugares .....	100
Imagem 10 – Exemplo da propriedade de espacialização no momento de interação ....	103
Imagem 11 – Vanessa, Rodrigo, Sérvulo e Kátia. Momentos de interação .....	106
Imagem 12 – Exemplo da propriedade de espacialização no momento de interação ....	109
Imagem 13 Interação Vídeo 3. Professores da UFC .....	112
Imagem 14 Interação Vídeo 5. Lei e Decreto .....	116
Imagem 15 Interação Vídeo 6. Momentos de folga .....	118

## – LISTA DE QUADROS –

---

Quadro 1 – Definição do termo Conversa .....	58
Quadro 2 – Modelo de transcrição para textos em Línguas de Sinais .....	78
Quadro 3 – Síntese da interação 1 .....	76
Quadro 4 – Síntese da interação 2 .....	79
Quadro 5 – Síntese da interação 3 .....	80
Quadro 6 – Síntese da interação 4 .....	89
Quadro 7 – Síntese da interação 5 .....	94
Quadro 8 – Síntese da interação 6 .....	100
Quadro 9 – Síntese da interação 7 .....	107

## – LISTA DE GRÁFICOS –

---

Gráfico 1 – Representação da organicidade dos temas na conversa .....	60
Gráfico 2 – Plano hierárquico do vídeo 1 .....	77
Gráfico 3 – Plano hierárquico do vídeo 2 .....	80
Gráfico 4 – Plano hierárquico do vídeo 3 .....	84
Gráfico 5 – Modelo de Teia Conversacional do vídeo 3 .....	85
Gráfico 6 – Plano hierárquico do vídeo 4 .....	90
Gráfico 7 – Modelo de Teia Conversacional do vídeo 4 .....	92
Gráfico 8 – Plano hierárquico do vídeo 5 .....	95
Gráfico 9 – Modelo de Teia Conversacional do vídeo 5 .....	98
Gráfico 10 – Plano hierárquico do vídeo 6 .....	102
Gráfico 11 – Modelo de Teia Conversacional do vídeo 6 .....	104
Gráfico 12 – Plano hierárquico do vídeo 7 .....	108
Gráfico 13 – Modelo de Teia Conversacional do vídeo 7 .....	111



## – LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS –

---

Libras	Língua Brasileira de Sinais
ASL	Língua Americana de Sinais
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LS	Língua de Sinais
LO	Línguas orais
CM	Configuração de mãos
PA	Ponto de articulação
M	Movimento
L/D	Locação/Direção
ENM	Expressões não manuais
AC	Análise da conversa
ASCE	Associação de Surdos do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IFCE	Instituto Federal do Ceará

## – SUMÁRIO –

---

1	INTRODUÇÃO .....	19
2	DAS ESCOLHAS TEÓRICAS .....	23
2.1	A língua brasileira de sinais .....	24
2.1.1	Aspectos formais da língua brasileira de sinais .....	31
2.1.1.1	Fonologia da Libras .....	31
2.1.1.2	Morfologia da Libras .....	35
2.1.1.3	Sintaxe da Libras .....	38
2.1.1.4	Pragmática da Libras .....	40
2.2	A Etnometodologia .....	43
2.3	A Análise da Conversa .....	45
2.3.1	A conversa .....	45
2.3.1.1	Elementos da conversa .....	48
2.3.2	A interação .....	52
2.3.2.1	O constrangimento na interação .....	56
2.4	Tópico Discursivo .....	59
3	PERCURSO METODOLÓGICO .....	63
3.3	Métodos e instrumentos de pesquisa .....	63
3.4	Instrumentos de pesquisa .....	64
3.5	Coleta do <i>corpus</i> da pesquisa .....	66
3.6	Diário de pesquisa .....	68
3.7	Transcrição dos dados em LS .....	69
3.8	Procedimentos de análise .....	72
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	74
4.1	Análise do vídeo 1: Lembrança mais antiga da escola .....	75
4.2	Análise do vídeo 2: Um mal necessário .....	77
4.3	Análise do vídeo 3: O trabalho como professores da UFC .....	80
4.4	Análise do vídeo 4: Dificuldades em Língua Portuguesa .....	86
4.5	Análise do vídeo 5: Lei nº 10.436 .....	93
4.6	Análise do vídeo 6: Momentos de folga .....	99
4.7	Análise do vídeo 7: Cursos ministrados .....	105
4.8	Amostra de transcrição .....	112

4.8.1	Transcrição do vídeo 3: O trabalho como professores da UFC.....	112
4.8.2	Transcrição do vídeo 5: Lei nº 10.436 .....	116
4.8.3	Transcrição do vídeo 6: Momentos de folga .....	118
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	122
	REFERÊNCIAS .....	125
	APÊNDICES .....	131
	ANEXOS .....	142

# 1. INTRODUÇÃO

*Ao ler pela primeira vez a respeito dos surdos e de seu singular modo de linguagem, a língua de sinais, senti-me instigado a embarcar numa exploração, numa jornada. Essa jornada conduziu-me a pessoas surdas e suas famílias [...] uma notável comunicação entre as comunidades de surdos e ouvintes; conduziu-me aos grandes pesquisadores da língua de sinais e das condições dos surdos estudiosos brilhantes e dedicados que me contagiaram com seu arrebatamento, seu senso de regiões inexploradas e novas fronteiras. [...]... tornou estranho o familiar, e familiar o estranho. (SACKS, 2007, p.10-11).*

O interesse em pesquisar as línguas de sinais e a forma como se dá a interação entre surdo-surdo vem, antes de tudo, da lacuna que se apresentou no trabalho anterior de mestrado, mas também, da inquietação em demonstrar sua importância para a Linguística e contribuir para o avanço da ciência neste campo, pois parece não ser o bastante saber que a língua de sinais é uma língua natural que apresenta toda a complexidade linguística das línguas orais. Para Ferreira-Brito (2010, p. 11), a língua de sinais, no nosso caso língua brasileira de sinais, “é uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros, da mesma forma que o português, o inglês, o francês, etc. surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos linguísticos daqueles que as usam”.

Para isto, é necessário acompanhar as transformações sociais e históricas que muitas vezes contribuem para uma mudança linguística, fazendo-se necessária a revisão de alguns modelos teóricos já formulados anteriormente. Isso porque iniciar um estudo de uma língua de modalidade visuoespacial pode, de certa forma, afetar estudos linguísticos e suas teorias, como: i. pressupostos teóricos acerca da linguagem ou capacidade linguística; ii. conceito atual que se tem de gramática; iii. mudança de atitude do pesquisador sobre as pesquisas linguísticas.

O reconhecimento da LS como língua natural do sujeito surdo pela Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002 promove alterações nas pesquisas e nas práticas até então utilizadas. Isso demonstra a necessidade de se estudar a língua em uma amplitude que vá além da modalidade oral e escrita e alcance uma estrutura que abarque a modalidade visuoespacial. Passa-se, então, a considerar essa linguagem de sinais como fenômenos linguísticos.

Sendo uma língua, a Libras possui as mesmas características de uma língua oral, em termos de organização estrutural e de prática social. Desse modo, os surdos encetam conversas, desenvolvem diálogos e obedecem às mesmas estratégias dos ouvintes durante a interação. Na língua oral é constante a presença de recorrência vocabular, troca de falantes, recursos verbais caracterizados como marcadores conversacionais. Nosso questionamento inicial organizou-se no sentido de identificar e analisar se na língua de sinais, na interação entre surdos, esse processo ocorre de maneira similar.

Assim, a nossa proposta de encetar um estudo que aborde, identifique e analise a interação entre surdos parece oportuna, visto que tencionamos propor uma remodelização de métodos e elementos da Análise da Conversa para interações entre surdos em usuários da Libras. Por perceber que as teorias que respondem aos pressupostos da fala em interação de ouvintes não atendem, de forma geral, às interações ocorrentes entre surdos, surgiram-nos os seguintes questionamentos que se formularam como nossos problemas de pesquisa:

1) Durante as interações entre ouvintes as interrupções podem ser causadas por sons e ruídos externos à conversa. Uma vez que não há, entre surdos, essas mesmas situações de interrupção de conversa que existem entre os ouvintes, como acontecem essas interrupções nas conversas entre surdos em Libras?

2) Que estratégias interacionais são utilizadas no processo de desenvolvimento tópico nas interações entre surdos, uma vez que entre ouvintes usuários de línguas orais esse desenvolvimento ocorre por meio de aspectos verbais e não verbais?

3) Quais estratégias são utilizadas em interações entre surdos para que seja desfeita a situação de eventual constrangimento dentro das conversas sem que haja prejuízo para o desenvolvimento tópico?

Algumas reflexões iniciais, realizadas a partir do contato diário com sujeitos surdos, permitiram formular inicialmente a seguinte hipótese de trabalho: se considerarmos que Libras é uma língua e que os contatos visuoespaciais entre surdos são conversas, os preceitos utilizados para a análise das interações ouvintes deveriam servir de modelo para uma possível modelização de uma teoria de análise da conversa entre surdos. Pensando ainda sobre a interação, consideramos a pertinência do tópico discursivo através da familiaridade que o falante tem com o assunto a ser tratado.

Os objetivos desta pesquisa foram elaborados a partir de leituras que tratam da dificuldade enfrentada pelo sujeito surdo de se fazer “ouvir” através da língua de sinais, pois o surdo tem sido excluído da sociedade desde o início dos tempos. Para muitos, a fala parece ser instrumento imprescindível para a comunicação dos grupos. Por não compreender a forma de comunicação do surdo, ou seja, a linguagem gestual, o ouvinte muitas vezes impossibilita o acesso do surdo ao caminho para a aprendizagem da Língua Portuguesa, em sua modalidade oral.

Para atender e responder aos questionamentos acima apresentados, inicialmente, partimos de um estudo teórico sobre as línguas de sinais e o estudo da conversação, que podia confluir para o alcance de nossos objetivos. Organizamos, em linhas gerais, o conjunto de autores que nos serviu de referência.

Iniciamos com a introdução que apresenta brevemente a proposta da pesquisa e a divisão do trabalho escrito. O caminho teórico-metodológico trilhado foi delineado na seguinte sequência: no capítulo 2 apresentaremos os princípios básicos das línguas de sinais e da Libras. Nesse capítulo serão apresentadas algumas noções básicas sobre as línguas de sinais, seus parâmetros fundamentais, sua estrutura fonológica, morfológica, sintática e pragmática; informações sobre a evolução das línguas de sinais, que teve início com Língua Americana de Sinais (ASL), a oficialização da LS no Brasil e alguns estudos linguísticos que abordam essa temática. Apresentaremos, em seguida, o aporte teórico que guia essa pesquisa, Análise da Conversa. Antes, porém, mostraremos o percurso etnometodológico que acompanha a análise da conversa para a coleta de dados analisáveis por essa teoria. Apresentaremos também a análise da conversa no Brasil, alguns autores que tratam de Análise da Conversa Etnometodológica, como: Marcuschi (1986), Brait (1999), Fávero (2005 e 2006), Preti (2005), Urbano (2005), Leite (2008), entre outros. Em seguida, vamos abordar um dos elementos analíticos da AC, que é o foco dessa pesquisa, o tópico discursivo.

No capítulo 3, será apresentado o percurso metodológico, como: os métodos e instrumentos utilizados para conduzir a pesquisa e obter dados analisáveis sobre a interação entre surdos; a escolha pelo uso da filmadora para obtenção dos dados e como essa filmagem foi realizada; a seleção dos informantes para a pesquisa, todos professores e fluentes em língua de sinais; os temas sugeridos para a conversas durante a interação entre os surdos; o diário de pesquisa feito pela pesquisadora como forma de orientação para as futuras análises; o protocolo para transcrição em Libras de Felipe (1988); por fim, os procedimentos de

análise, a revisão e interpretação dos vídeos e análise tomando por base a categoria analítica tópico discursivo.

Em seguida, no capítulo 4, serão expostos os resultados encontrados com a análise do corpus. Nesse capítulo apresentamos a análise de sete vídeos e essa análise obedece a ordem de filmagem. Primeiro discutimos sobre o que os informantes conversaram para observarmos a interação entre eles. Em seguida observamos o uso do supertópico, tópicos e subtópicos e o alcance do que foi solicitado nos temas sugeridos. Depois disso, apresentamos a teia conversacional de forma a atender o tópico selecionado. Também foi levado em consideração as rupturas tópicas e a proposição de uma nova propriedade para análise de conversas em línguas de sinais.

Por último, nas considerações finais, retomamos nossos objetivos, para tecermos nossas conclusões e apontarmos sugestões de continuidade desta pesquisa, a partir das nossas próprias lacunas, pois é pelo debate e crítica constantes que o fazer científico se constrói.

## 2. DAS ESCOLHAS TEÓRICAS

*O fato de a elaboração se dar no próprio desenrolar da conversação confere à oralidade uma característica de fragmentaridade, decorrente dessa quase simultaneidade entre a manifestação verbal e a construção do discurso, bem como da conseqüente rapidez de sua produção. O movimento rápido com que o locutor constrói sua fala tem conseqüências diretas no gerenciamento do fluxo da informação, conduzindo a descontinuidades que são descompassos no fluxo informacional, revelados por diferentes fenômenos...*  
(CASTILHO, 2002, p.124).

Neste capítulo, reviso os aspectos teóricos que embasam minha investigação. Para isso, primeiramente, trago uma reflexão acerca da língua brasileira de sinais, desde seus princípios básicos até os fundamentos que a constituem como língua. Assim buscaremos amparo teórico em alguns autores que estudam à luz da Linguística as línguas de sinais, mais precisamente a Língua Brasileira de Sinais, quais sejam: Stokoe (1960; 1965; 1972); Ferreira-Brito (1995); Quadros (1997; 2004; 2011); Coutinho (2000); Chaveiro e Barbosa (2004); Santana (2007); Kojima e Segala (2008); Serra (2009); entre outros.

Em seguida, busco traçar um entendimento plausível acerca da literatura, primeiro, sobre a Etnometodologia, ciência base da Análise da Conversação. Para tanto, organizamos as seções em que reunimos os autores Marcuschi, (1986, 2007); Sacks, (1992); Fávero, (2005); Kerbrat-Orecchioni, (2006); Schegloff, (2007); Liddicoat (2011), de forma a apresentar suas filiações teóricas e, conseqüentemente, suas definições. Numa primeira seção, tratamos sobre os estudos da Etnometodologia (GARFINKEL, 1984 e GUESSER, 2003). Em seguida, na segunda seção apresentamos um diálogo entre os autores que se dedicaram aos estudos da conversação, apontando seus pontos em comum. Na terceira seção, apresentamos conceitos de diferentes autores para o tópico discursivo, onde traçamos um diálogo entre os estudiosos Marcuschi (1986); Koch (1990); Jubran (et al, 1992); Fávero (2005); Pinheiro (2005); Dionísio (2006); Marega & Romualdo (2007).



## 2.1 A língua brasileira de sinais

A linguagem do indivíduo surdo vem, ao longo dos anos, sendo estruturada através da língua de sinais, que é uma língua natural, autônoma e que tem propriedades diferentes das línguas orais. O status de língua foi adquirido a partir da década de 1960, quando as línguas de sinais passaram a ser estudadas e analisadas, figurando no cenário acadêmico (STOKOE, 1960; STOKOE et al., 1965). Estes estudos identificaram a língua de sinais como um sistema linguístico altamente estruturado e tão complexo quanto as línguas orais (CHAVEIRO & BARBOSA, 2004). Sobre essas pesquisas, Santana (2007, p. 94-95), citando Stokoe (1972), diz:

A língua de sinais teve seu estatuto linguístico estabelecido por Stokoe (1972) apenas recentemente, quando foi realizada pelo autor a análise dos aspectos fonológicos, semânticos e sintáticos da língua de sinais. Com relação à fonologia, temos os quiremas, unidades de características distintivas, como os morfemas. Tal qual a combinação de sons – fonemas – cria as unidades de significados (as palavras), as combinações na dimensão gestual – quiremas – produzem diversidade de unidades com significados (sinais). Os quiremas não são segmentos, mas aspectos de um sinal. [...]

De fato, as pesquisas de Stokoe (1960) e Stokoe *et al* (1965) inauguraram os estudos sobre as línguas de sinais. Surgiram, então, outras pesquisas, realizadas, em grande parte, sobre a língua americana de sinais que demonstraram “a riqueza de esquemas e combinações possíveis entre os elementos formais que servem para ampliar consideravelmente o vocabulário básico” (QUADROS, 2004, p. 31). No Brasil, as primeiras investigações sobre a Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, começaram a partir de 1980 e sobre sua aquisição a partir de 1990. Sobre este assunto, Quadros (1997) sustenta que ao sujeito surdo deve ser garantida uma aprendizagem através de uma língua visuoespacial, ou seja, a língua de sinais. Nesse sentido, é necessário que a língua de sinais seja entendida como a primeira língua do sujeito surdo, pois ela possibilita o desenvolvimento linguístico, social e intelectual daquele que a utiliza enquanto instrumento comunicativo, favorecendo seu acesso ao conhecimento cultural-científico, bem como a integração no grupo social ao qual pertence (QUADROS, 1997).

A Libras possui um conjunto de regras como gramática, semântica, pragmática, sintaxe, que preenche os requisitos científicos para que seja considerada um instrumental linguístico com grande força comunicativa. É constituída de todos os elementos classificatórios que requerem o conceito de “língua”, não sendo, assim, simplesmente uma

versão manual da língua oral usada pela comunidade ouvinte. Seu aprendizado exige conhecimento e prática, pois é uma língua viva e autônoma (STUMPF, 2005).

A Libras tem sua origem na Língua de Sinais Francesa. Cada país possui a sua própria língua de sinais, pois as línguas de sinais não são universais. Elas sofrem as influências da cultura nacional e, como qualquer outra língua, elas também possuem expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a legitima ainda mais como língua.

O alfabeto manual é uma ponte entre a Libras e a Língua Portuguesa. Ele apenas representa a língua oral, por isso não se faz necessário dominar o alfabeto para se alfabetizar em língua de sinais (KOJIMA & SEGALA, 2008). A datilologia ou alfabeto manual funciona para que haja uma comunicação mais efetiva e é usada para expressar nomes de pessoas, lugares e outras palavras que não possuem sinal. Na escrita de língua portuguesa, os nomes realizados através do alfabeto manual são representados por letras maiúsculas e separados por hífen. Ex.: M-A-R-I-A, H-I-P-Ó-T-E-S-E<sup>1</sup>.

Para quem não conhece os usos da língua de sinais, é comum considerar que a comunicação é sempre efetivada pelo uso da datilologia ou do alfabeto manual, não sabendo, no entanto, que essa língua possui um vasto vocabulário de sinais padronizados. Dessa forma, como já dito em parágrafo anterior, somente os termos para os quais não se tem um sinal específico é que são soletrados para que haja uma comunicação nas línguas de sinais.

A soletração rítmica ou sinal soletrado é, muitas vezes, confundido com a datilologia, por se assemelharem no sentido de que o falante está se expressando usando o alfabeto manual. Segundo Castro e Carvalho (2005, p. 31), “a diferença é que o sinal soletrado é uma palavra que foi emprestada do português e incorporada na Libras”. Esses sinais são soletrados numa velocidade diferente, sendo uma soletração rítmica, devido ao seu uso recorrente. Podemos citar como exemplos de sinal soletrado as seguintes palavras: B-A-R, S-U-L, N-U-N-C-A, M-A-L. Observemos nas figuras abaixo a sequência do termo N-U-N-C-A.

---

<sup>1</sup> FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos «Disponível em <http://www.feneis.org.br/>» «Acessado em agosto de 2008».

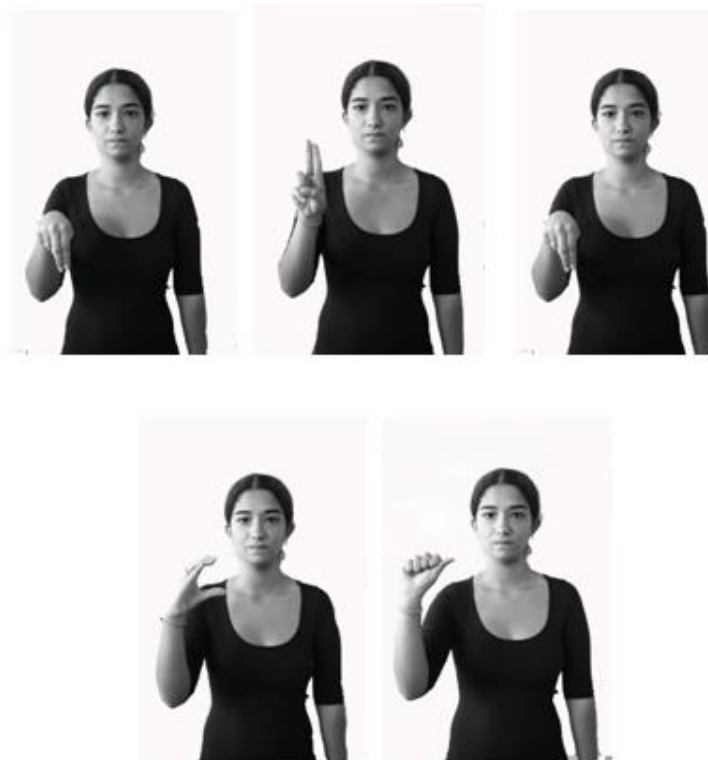


Figura 1: Sequência do termo N-U-N-C-A.

A língua de sinais é formada a partir da combinação da forma, do movimento das mãos – que evocaremos mais adiante como configuração – e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. Adicione-se que para uma comunicação clara, deve-se, não somente seguir a estrutura visuoespacial da Libras e do aprendizado dos sinais, como também preocupar-se com a precisão da realização de cada sinal, com o movimento adequado e as expressões não manuais correspondentes (CASTRO & CARVALHO, 2005). Tal detalhamento é previsto na Libras por cinco parâmetros fundamentais: a configuração de mãos, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e as expressões não manuais. A ocorrência combinada desses parâmetros produz o sinal. O sinal representa *grosso modo* as palavras ou o alfabeto manual, como comentado no início dessa seção.

A configuração de mãos é a forma que as mãos assumem no momento da produção do sinal, a saber: a datilologia ou alfabeto manual; outras formas feitas pela mão predominante; pelas duas mãos do emissor. A configuração pode ser a unidade mínima para se produzir o sinal. Assim, alguns sinais podem usar a forma de números e letras para formar o sinal. Segundo Castro e Carvalho (2005, p.26), “se se identificarem essas formas da mão, será mais fácil gravar os sinais por associação”. Alguns exemplos de configuração seriam a mão aberta com dedos unidos, a mão aberta com dedos separados, a mão aberta com dedos

curvados e assim por diante. Vale lembrar que a configuração de mão vai sendo modificada à medida que o sinal vai sendo realizado (COUTINHO, 2000). A autora chama de formas genuínas aquelas que não possuem origem vinculada à datilologia ou aos números, sendo estas independentes. Veja-se na imagem abaixo:



Figura 2: Configurações de mãos

O ponto de articulação é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar, bater ou ser posicionada em alguma parte do corpo ou, ainda, ser posicionada em um espaço neutro à frente, acima ou ao lado do corpo. O ponto de articulação pode ser imprescindível para o entendimento de alguns sinais.

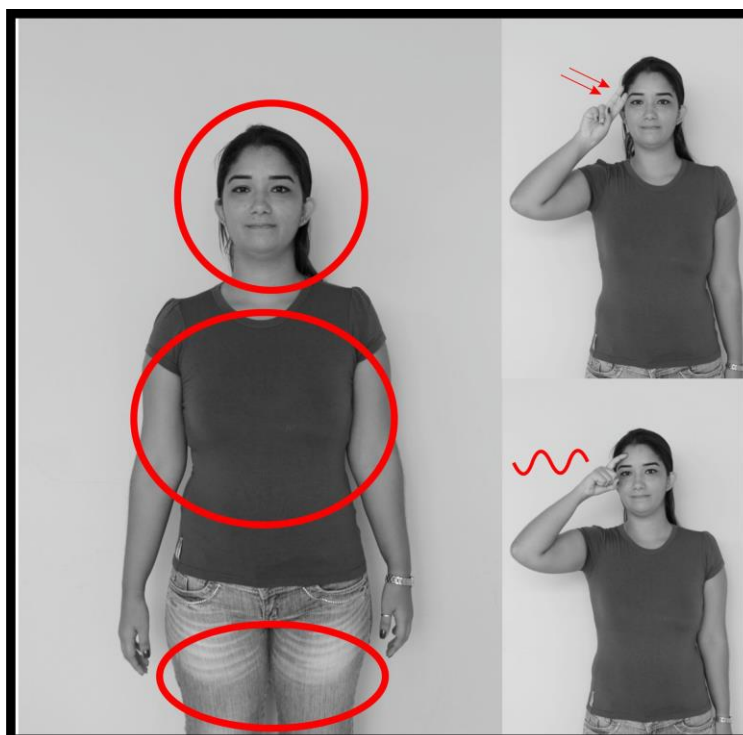


Figura 3: Ponto de articulação: sobre o corpo

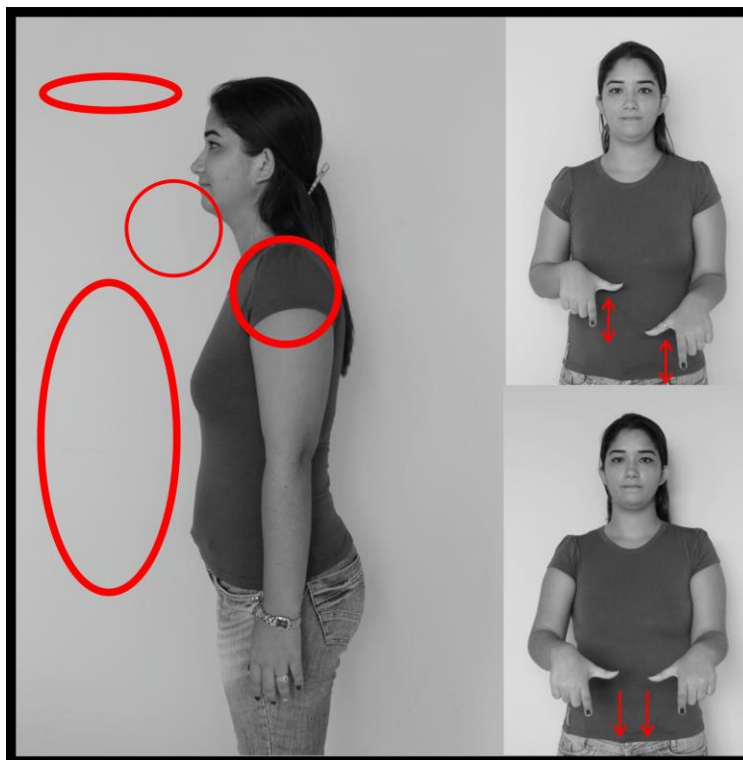


Figura 4: Ponto de articulação: no espaço

O movimento indica que o sinal executado pelo falante pode ter um movimento ou não, pois alguns sinais precisam de um movimento específico para expressar seu significado (CASTRO & CARVALHO, 2005). As oscilações nos movimentos, de ordem varia, são proporcionais aos elementos e à ênfase que o falante quer expressar: sua trajetória, sua direção e rapidez com que é realizado. A trajetória é importante porque devemos estar atentos ao trajeto a ser executado, que pode ser ondulante, caracol, semicircular, circular, reto e elétrico. Ainda em relação ao movimento, há outros elementos que não podem ser desconsiderados, como a repetição, a tensão muscular, a vibração dos dedos, a abertura ou o fechamento das mãos (COUTINHO, 2000).

A direção é o ponto de partida e de chegada do sinal e pode ser da direita para a esquerda ou vice-versa, de baixo para cima ou vice-versa. Há alguns sinais em que o movimento se realiza em uma só direção, alguns em duas direções e outros em várias direções. A orientação é a direção que o sinal pode ter, e a inversão desta pode dar ideia de oposição, contradição ou concordância, por isso podemos dizer que a orientação tem um significado específico. Neste parâmetro, buscamos observar a orientação das mãos e do corpo.

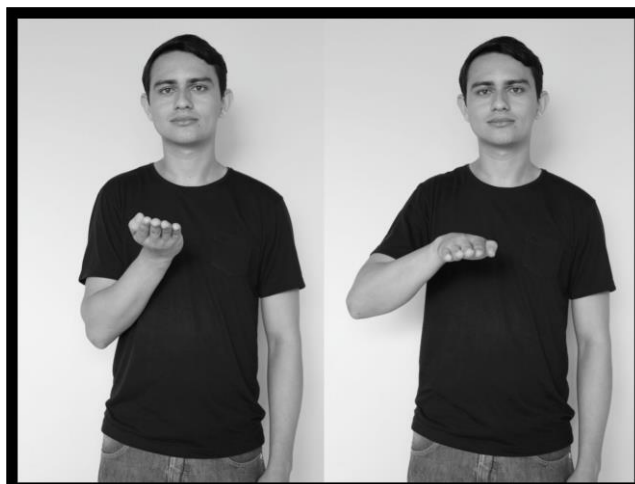


Figura 5: Direção: Para cima, para baixo



Figura 6: Direção: Para dentro, para fora



Figura 7: Direção: Para o lado (contralateral), para o lado (ipsilateral)

Muitos sinais utilizam, além dos parâmetros já citados, uma configuração como traço diferenciador, a expressão facial e/ou corporal, agora conhecidas como expressões não manuais. Para os ouvintes, a mudança de expressões ocorre de acordo com o que falam e com os sentimentos que querem expressar. As expressões podem expressar alegria, tristeza, desconfiança, ansiedade e muitos outros sentimentos. Os surdos fazem as expressões não

manuais de forma natural, os ouvintes que estão aprendendo as línguas de sinais necessitam de grande esforço para produzir as expressões adequadas aos sinais. O contato com surdos pode ajudar a desenvolver as expressões. As expressões não manuais podem definir o significado de alguns sinais. Os parâmetros que padronizam a língua de sinais ajudam na produção correta de cada sinal, o que proporcionará um melhor entendimento entre surdos e entre surdos e ouvintes.



Figura 8: Exemplos de expressões não manuais

Sobre isso Quadros e Schmiedt (2006, p. 21) nos diz que

As expressões faciais são marcas não-manuais que podem apresentar funções gramaticais tornando-se obrigatórias. Nesses casos, menciono como exemplos, as expressões faciais associadas às interrogativas, às construções com foco, às construções relativas e condicionais.

Assim podemos perceber a importância das expressões não manuais para a compreensão do que é dito em língua de sinais, pois essas expressões podem alterar por completo o sentido dos termos e das sentenças elaboradas nessa modalidade de língua.

Depois de tratarmos de forma mais geral sobre a língua de sinais e conhecermos brevemente os parâmetros que organizam a língua brasileira de sinais, passaremos a uma seção para apresentar uma breve apanhado sobre a estrutura da Libras, que assim como as línguas orais, possuem estrutura fonética, fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática e outros aspectos que envolvem a linguística e a Libras<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Convém salientar que esta seção é importante para a compreensão da Libras como língua e seus aspectos linguísticos.

## 2.1.1 Aspectos Formais da Língua Brasileira de Sinais

Segundo Quadros (2004), “as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos” (p.47-48), podendo ser esta a maior diferença entre as línguas orais e as de sinais. Mesmo com a diferença existente entre fala e sinal, os termos fonema e fonologia são usados para estudos linguísticos das línguas de sinais, pois são consideradas línguas naturais e compartilham princípios linguísticos compreendidos nas línguas orais.

### 2.1.1.1 Fonologia da Libras

Entendendo que uma língua de modalidade visuoespacial não se distingue de uma língua oral-auditiva (LO) em termos linguísticos, parece bastante razoável que saibamos que a língua brasileira de sinais – Libras - é uma língua natural e apresenta as complexidades dos sistemas linguísticos que servem para a comunicação e a organização de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem (FERREIRA-BRITO, 2010<sup>3</sup>). Segundo essa mesma autora, a Libras é uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros da mesma forma que a língua portuguesa, ou seja, elas surgiram para atender às necessidades linguísticas daqueles que as utilizam. A linguística estuda vários aspectos da linguagem humana, entre eles a fonologia. E é exatamente sobre esse aspecto que trata o texto a seguir.

Os primeiros estudos sobre a fonologia da língua de sinais (STOKOE, 1960; STOKOE, CASTERLINE & CROMENBERG, 1965; FRIEDMAN, 1977; SUPALLA e NEWPORT, 1978; KLIMA & BELLUGI, 1979) datam da década de 1960 e tinham uma visão bem estruturalista da língua. O estudo realizado foi com a língua americana de sinais (ASL) e apontava para a existência de parâmetros<sup>4</sup> constituídos que poderiam distinguir itens lexicais ou sinais através de seus traços específicos. Na Europa, os estudos (BERGMAN, 1982; DEUCHAR, 1984) sobre a estrutura sublexical das línguas de sinais seguiram o mesmo modelo americano.

Boutora (2008), em seu trabalho sobre os protocolos de tradução, considera inicialmente o fator explícito de que as línguas de sinais são expressas por um canal diferente das línguas orais, logo seguem parâmetros diferentes. Uma das questões subjacentes a seu

---

<sup>3</sup> 2ª Edição revista pela Nova Gramática da Língua Portuguesa.

<sup>4</sup> Os parâmetros da língua brasileira de sinais foram apresentados do início do capítulo. São eles: configuração de mão, locação/ponto de articulação, movimento, orientação/direção e expressões não-manuais.



trabalho é conhecer se é esta diferença do canal que leva a diferenças de estrutura. No presente tópico, concentramo-nos particularmente sobre as questões levantadas por uma fonologia da língua de sinais, bem como a capacidade de levar em conta a dimensão semântica em baixo nível. Para tanto, destacamos a inadequação das equivalências estruturais postuladas nos trabalhos fonológicos convencionais de LS, principalmente equivalência "sinal = palavra." Estas questões teóricas têm um impacto importante sobre as escolhas feitas nos protocolos de estudos experimentais. Acreditamos que, assim como a autora, chegamos à hipótese de que a equivalência estrutural é mantida pelas práticas de transcrição de corpus assinalados em todos os níveis de análise, práticas que não permitem dar conta da relação forma-significado em linguagem de sinais.

A fonologia das línguas de sinais (LS) é uma área da linguística que estuda e identifica a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos. Ela ainda busca determinar quais são as unidades mínimas que formam o sinal e estabelecer os padrões combinatórios entre essas unidades, bem como suas variações no ambiente fonológico. Sobre as pesquisas dos aspectos fonológicos das línguas de sinais, no caso, ainda a ASL, dois autores demonstraram interesse em estudos teóricos da Fonologia Auto-Segmental, Liddell (1984 e 1985) e Sandler (1986). Ferreira-Brito (2010, p. 30) fala sobre esse ponto:

Apesar de a abordagem autosegmental denominar-se não linear, por considerar os fenômenos fonológicos em camadas relacionadas hierarquicamente, ela tem favorecido uma segmentação ainda maior dos componentes dos sinais, o que resulta numa discretização, em nossa opinião, algumas vezes excessiva. Certos componentes dos sinais parecem privilegiar, por sua própria natureza, a continuidade e, como tal, deveriam receber tratamento especial.

Esses mesmo estudos revelam a possibilidade de duas categorias distintas de sinais, os unitários e os sequenciais, constituídos de um movimento e de dois ou mais componentes de parâmetro.

Vale ressaltar a diferença entre fonética e fonologia. A fonética se preocupa em descrever as unidades mínimas dos sinais, ela descreve as propriedades físicas, articulatórias e perceptivas dos parâmetros da Libras: configuração de mão (CM), movimento (M), locação (L), orientação (Or) e expressões não manuais (ENM). Podemos considerar, assim, a fonética como área que investiga o material das unidades mínimas das LS. A fonética estuda as unidades mínimas dos sinais, independente da função desempenhada por ela numa determinada língua (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Já a fonologia das LS apresenta duas tarefas distintas: uma é determinar as unidades mínimas que formam o sinal e a outra é estabelecer padrões de combinações entre essas unidades e quais suas possíveis variações dentro do ambiente fonológico, para assim identificar a estrutura dos constituintes fonológicos. A fonologia estuda as diferenças produzidas e percebidas com a diferença de significado, o que nos remete ao trabalho de Boutora (2008), citado anteriormente.

A fonética, para as línguas de sinais, por sua vez, busca descrever propriedades físicas, articulatórias e perceptivas da configuração de mãos, do movimento, do ponto de articulação, da orientação e das expressões não manuais. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos de sinais<sup>5</sup> com essas diferenças, ou seja, pares mínimos na Libras (QUADROS, 2004):

a) sinais que se opõem quanto a CM? – PEDRA/QUEIJO, FAMÍLIA/REUNIÃO;



Figura 9: Sinais de REUNIÃO e FAMÍLIA

b) sinais que se opõem quanto ao M – TRABALHAR/VÍDEO, IRMÃO/IGUAL;

<sup>5</sup> Exemplos retirados do livro “Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos” das autoras Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp, de 2004.

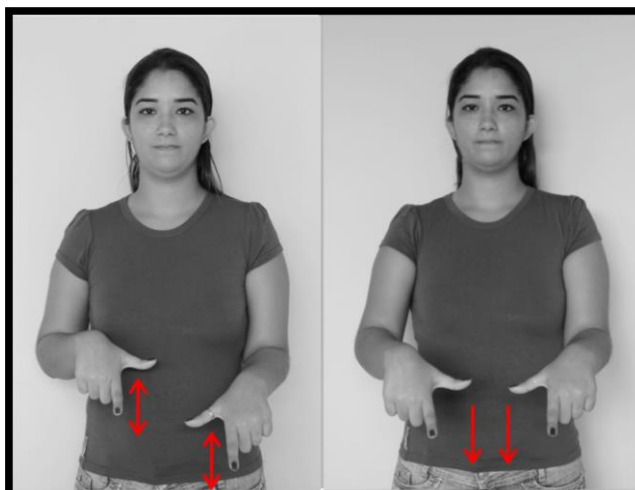


Figura 10: Sinais de TRABALHAR e VÍDEO

c) sinais que se opõem quanto a L – SÁBADO/APRENDER.



Figura 11: SÁBADO e APRENDER

Podemos, então, afirmar que a “fonologia estuda configuração de mão, locação, movimento, expressões não manuais e a orientação da mão segundo a função que eles cumprem numa língua específica” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.84). Segundos as autoras, há ainda como atribuição da fonologia investigar as propriedades universais do sistema visuoespacial das línguas de sinais, que seria observar os fonemas que podem ocorrer nas línguas. Seguindo a convenção, as unidades mínimas da fonologia, os fonemas, são apresentados entre barras inclinadas, //, também nas línguas de sinais.

Portanto, podemos afirmar que a fonologia estuda os parâmetros pela função que eles exercem em uma língua específica, as unidades relacionadas com diferença de significado e a sua inter-relação para formar sílabas, morfemas e sinais. Essa área da linguística também está ligada com a teoria geral da linguagem que investiga as propriedades universais do sistema visuoespacial das LS, ou seja, os fonemas passíveis de ocorrer nas línguas. Resulta disso

acreditarmos que cada língua apresenta um número determinado de unidades mínimas com a função de determinar a diferença de significado de um sinal em relação a outro, como foi citado anteriormente em PEDRA e QUEIJO, que apresentam CM diferentes, mas são idênticos quanto a L, M, Or e ENM. Nesse caso o traço distintivo é /L/ e /A/, pois alteram o significado do sinal. Portanto, /L/ e /A/ são fonemas específicos da Libras (QUADROS & KARNOPP, 2004), fazendo ressaltar-se a incongruência na relação sinal = palavra, já vista aqui.

### **2.1.1.2 Morfologia da Libras**

A morfologia das línguas de sinais pretende estudar a estrutura interna e as regras de formação de novos sinais. A palavra morfema deriva de um termo grego que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado. Alguns morfemas podem constituir palavras, outros não, constituindo apenas partes de palavras. Assim, temos os morfemas presos (sufixos/prefixos) que não podem ocorrer isoladamente e os morfemas livres que constituem palavras (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Todos os falantes de uma língua conhecem milhares de palavras, e não é diferente com os usuários das línguas de sinais (LS). Os surdos, usuários de uma LS, conseguem identificar, através de seu conhecimento fonológico, se um conjunto de configuração de mão (CM), movimento (M), localização (L) formam um sinal da sua língua.

De maneira igual as palavras em todas as línguas humanas, “os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras tais como nome, verbo, advérbio, etc” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 87). Entretanto, a formação de novas palavras em línguas orais (LO) acontece pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Em se falando de LS, essa formação ocorre de processos não concatenativos em que a raiz é enriquecida com movimentos e contornos no espaço onde o sinal se realiza.

Seguindo Quadros e Kanopp (2004), a mudança de classe gramatical é uma das principais funções da morfologia. Na Libras, um processo morfológico bastante comum na formação de um novo sinal é aquele que deriva nome de verbos (ou vice-versa). Nesse caso, ocorre uma mudança no tipo de movimento. “O movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos, [...]” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 97), como nos exemplos<sup>6</sup> dos sinais: TELEFONAR – TELEFONE, SENTAR – CADEIRA, OUVIR – OUVINTE.

---

<sup>6</sup> Exemplos retirados do livro “Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos” das autoras Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp, de 2004.



Figura 12: Sinais de SENTAR e CADEIRA

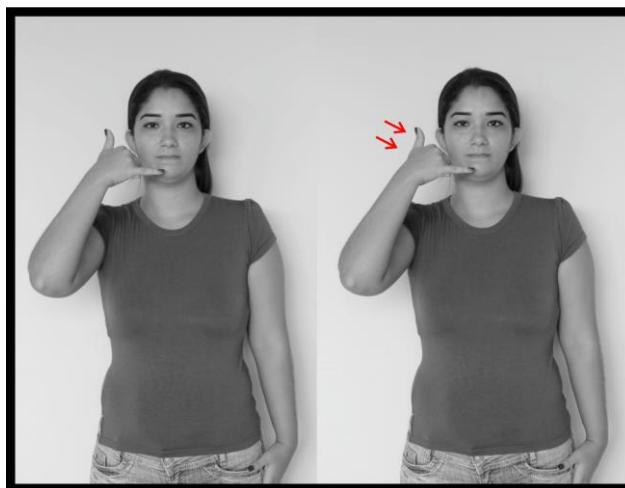


Figura 13: Sinais de TELEFONAR e TELEFONE

Na Libras pode-se observar um padrão regular para distinção entre nomes e verbos. É o movimento que faz a diferença no significado dos sinais. Esse processo é chamado de reduplicação e é semelhante à nominalização no Português. O processo de adicionar morfemas a uma base é uma maneira de criar novas unidades lexicais.

Outro processo de formação de palavras é a composição, que consiste na junção de dois elementos semânticos em apenas um elemento lexical. O processo de composição é bastante comum em várias línguas, inclusive na Libras.

Nas LS três regras morfológicas são usadas para criar sinais compostos: a regra de contato, a regra da sequência única e a regra da antecipação da mão dominante. Citaremos com exemplo na Libras o sinal de BOA NOITE. Nesse sinal podemos perceber que a mão dominante aparece no espaço neutro em frente ao sinalizador com uma configuração que envolve o sinal composto, fazendo uso da terceira regra morfológica.



Figura 14: Sinal de BOA-NOITE

Existem ainda outros processos de formação de palavras na Libras, como a incorporação de numeral (exs: dias, meses, ano) e a incorporação da negação (com ou sem alteração dos parâmetros).



Figura 15: Sinais de MÊS e ANO

Sobre a flexão nas LS, algumas pesquisas como a de Klima e Bellugi (1979), apresentam alguns diferentes processos, como a dêixis de pessoa, número, grau, modo, aspecto temporal entre outros.

Há ainda muito a ser estudado sobre a morfologia da Libras, pois existem várias possibilidades para a realização de trabalhos nessa área. Mesmo com o aumento do número de pesquisas sobre a Libras, ainda se percebe a necessidade da continuidade de estudos que revelem novos aspectos sobre a linguística da língua brasileira de sinais.

Uma semelhança entre as línguas de sinais e orais são os empréstimos linguísticos, pois todas as línguas podem incorporar ao seu léxico termos estrangeiros. A Língua Brasileira de Sinais apresenta como exemplo de empréstimos da Língua Portuguesa o seu alfabeto manual que é utilizado para soletrar palavras em variados contextos, para mostrar

uma palavra que não tem um sinal correspondente. Segundo Quadros (2004, p. 88), “soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configuração de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português”.

### 2.1.1.3 Sintaxe da Libras

É comum se pensar na diferença existente entre a estrutura das línguas orais e das línguas de sinais. Na língua portuguesa temos sujeito/predicado e a ordem predominante é sujeito – verbo – objeto (SVO). Como podemos ver no exemplo a seguir: *O gato comeu o rato*; a oração segue a estrutura SVO e, além disso, apresenta uma concordância entre sujeito e predicado. A língua brasileira de sinais apresenta uma flexibilidade muito peculiar em sua ordem estrutural e segundo Quadros (2004, p. 135), “determinar a sua ordem básica não é tão trivial”. Alguns estudos (FELIPE, 1989; FERREIRA-BRITO, 1995) apontam diferentes possibilidades, além da SVO, para essa ordenação de palavras nas orações nas línguas de sinais. Para Quadros (2004), “as demais ordenações encontradas na língua de sinais brasileira resultam da interação de outros mecanismos gramaticais”, como por exemplo, a direção dos olhos que pode servir de concordância de pessoa e verbo. A autora ainda esclarece que para haver uma construção como OSV ou SOV é necessário que haja alguma coisa a mais na sentença como a concordância e marcas não manuais.

As pesquisas realizadas por Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995) e Quadros (2004) apresentam resultados que indicam que ordenações como OSV, SOV ou VOS surgiram derivadas da ordenação básica SVO. Portanto, podemos indicar a SVO como ordem básica da Libras.

A sintaxe é o estudo da estrutura da frase, é a parte da linguística que estuda a organização interna das sentenças e a relação entre suas partes. A sintaxe também se preocupa em observar o que um utente de uma língua conhece para poder compreender e produzir um número infinito de sentenças (QUADROS & KARNOPP, 2004).

A língua brasileira de sinais é organizada espacialmente, mas de forma tão complexa quanto as línguas orais (LO). Pesquisar e analisar sintaticamente as línguas de sinais (LS) demanda um trabalho de observação visual, visto que essas línguas são de modalidade visuoespacial. Apesar de esses estudos terem surgido na década de 1960, com as pesquisas de Stokoe na língua americana de sinais (ASL), ainda é um desafio que apresenta certo grau de dificuldade aos linguistas.

A organização espacial dessas línguas apresenta possibilidades de estabelecimentos de relações gramaticais no espaço, de diferentes formas. No espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso de sistema pronominal são fundamentais para as relações sintáticas.

Alguns autores (BAKER & COKELY, 1980) dizem que o local pode ser referido através de vários mecanismos espaciais, como: a) fazer o sinal em um local particular; b) direcionar a cabeça e os olhos em direção a uma localização; c) usar a apontação antes do sinal; d) usar um pronome numa localização particular; e) usar um classificador; f) usar um verbo direcional incorporando os referentes.

Os verbos direcionais são também conhecidos como verbos com concordância. Na Libras, esses verbos têm que concordar com o sujeito e/ou com os complementos da frase.

Na Libras, os sinalizadores estabelecem os referentes relacionados a uma localização no espaço, e esses referentes podem estar presentes ou não. Quando os referentes estão de fato presentes, os pontos no espaço se baseiam na posição real ocupada pelo referente. Quando os referentes estão ausentes, criam-se pontos abstratos no espaço. Esse espaço será notoriamente importante durante uma interação entre três ou mais falantes, vez que os pontos de visão serão manipulados constantemente pelos interesses dos interlocutores e pela força persuasiva do tópico. Trataremos sobre esse tema no item sobre a espacialização.

Há ainda as expressões faciais, agora chamadas de não manuais. Segundo Liddel (1980), é muito raro a face de o sinalizador permanecer neutra, pois a sinalização vem acompanhada pela posição da cabeça, por movimentos de cabeça e por movimentos de corpo.

Falando sobre a ordenação das palavras nas frases, a Libras apresenta certa flexibilidade na ordem das palavras. No Brasil, temos dois importantes trabalhos que falam sobre a flexibilidade de ordem das palavras na Libras: Felipe (2009) e Ferreira-Brito (1995). As pesquisas dessas autoras mostraram que há várias possibilidades de ordenação das palavras nas sentenças, mas, mesmo sendo percebida essa flexibilidade, as pesquisas também mostraram que uma ordenação mais básica se destaca, a Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). As outras ordenações encontradas na Libras resultam da interação de outros mecanismos gramaticais.

Apresentamos alguns exemplos extraídos do trabalho de Quadros e Karnopp (2004): a) todas as frases SVO são gramaticais – El@ assiste TV; El@ gosta de futebol. Esse tipo de construção é bastante comum na Libras e esses exemplos são sempre considerados gramaticais. b) as ordens OSV e SOB somente ocorrem quando há algo mais na sentença,



como a concordância e as marcas não manuais – TV El@ assiste; El@ TV assiste; Futebol El@ gosta; El@ futebol gosta. Se não houver os traços particulares, essas construções podem ser consideradas agramaticais. c) as construções SOB e OSV, apesar de ocorrerem associadas a marcas não manuais, se houver uma estrutura complexa na posição de objeto, não pode ser possível mudar o objeto de ordem: Eu acho que Maria foi embora; Eu quero que Maria trabalhe mais. Esses exemplos só indicam mais uma vez que a ordem SVO é a mais básica da Libras. d) através da topicalização, muda-se a ordem da frase. A topicalização pode ser uma justificativa para a aparente flexibilidade da ordem das frases na Libras. A marca de tópico associada ao sinal topicalizado é seguido por outras marcas não-manuais, dependendo do tipo de construção. Assim, pode ser seguida por uma marca manual de foco (sentença focalizada), de negação (sentença negativa), interrogativa (sentença interrogativa) – De futebol, João gostar; De futebol, João não gostar; De futebol, João gostar? É importante ressaltar que a ordenação dessas construções foi alterada pela presença do tópico. Há vários casos de topicalização na Libras e as possibilidades de ordenação que fazem uso desse mecanismo demonstram as possibilidades de derivações da estrutura da frase nessa língua. Esse recurso sintático é derivado da ordenação básica SVO, gerando outras ordenações: SOB, OSV, OSVO, SSVO (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Ainda há muito o que se estudar sobre a sintaxe espacial, sobre as possíveis ordenações na Libras e em outras LS. Para que isso de fato aconteça, é necessária a estimulação de pesquisas no âmbito da linguística. É necessário que, para além do reconhecimento da Libras como língua natural dos surdos brasileiros, haja um reconhecimento dos aspectos linguísticos da Libras e o apoio dos linguistas para que essas pesquisas se realizem, a fim de que se consiga encontrar respostas para as muitas perguntas que estão sendo impostas por alguns estudiosos surdos e ouvintes. Não é nosso interesse, nesse estudo, aprofundar essas questões, mas abrem-se caminhos para futuras pesquisas a partir dessas ponderações.

#### **2.1.1.4 Pragmática da Libras**

É certamente na pragmática que nosso estudo deverá ganhar em espaço e em reflexões, uma vez que os estudos da análise da conversa nascem no seio das discussões pragmáticas. A pragmática (MUSSALIM & BENTES, 2001)<sup>7</sup> é o estudo da linguagem em

---

<sup>7</sup> MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). Introdução a linguística: domínios e fronteiras, vol.2. 2ª edição. SP: Cortez, 2001.

uso e dos princípios de comunicação. É difícil dissociar o estudo da significação (semântica) do contexto em uso (pragmática). Algumas teorias modernas preferem entender que o estudo do significado linguístico é semântico e, ao mesmo tempo, pragmático, baseados em que as conceitualizações que fazemos de palavras, sentenças e textos são alicerçadas em nossa experiência e em nosso conhecimento enciclopédico.

Se o termo pragmatismo provocou muitos mal-entendidos e muitas vezes tem sido associado a uma transposição teórica do capitalismo americano, designa também uma corrente intelectual abundante cuja atualidade é realçada por Jean-Pierre Cometti<sup>8</sup>. O objetivo deste último é restaurar a força crítica do pensamento pragmático. O problema se complica se estendermos as correntes e os interesses teóricos fecundos das ciências pragmáticas. É na Linguística, entretanto, que se desempenha o papel do modelo histórico que encaminha a pragmática da filosofia à ciência. A “galáxia pragmática” (MADELRIEUX, 2009)<sup>9</sup> vem fortalecer a pragmática linguística acentuando “os usos que os interlocutores fazem dos recursos gramaticais em situações concretas nas quais são submersos” (MALDELRIEUX, 2009, p. 127). Por assim compreendermos, a pragmática é uma área nova nos estudos linguísticos. Somente em meados do século XX alguns estudiosos da linguagem passaram a se interessar por fenômenos que não podiam ser compreendidos isoladamente, sem levar em conta o contexto em que eles eram usados.

Entre esses fenômenos estão as expressões dêiticas e os atos de fala (MCCLEARY & VIOTTO, 2009). Podemos citar como exemplos<sup>10</sup> de expressões dêiticas os verbos (trazer, levar, ir, vir), os advérbios (hoje, ontem, amanhã, aqui, aí, lá) e os pronomes pessoais (eu, você) e demonstrativos (esse, este, aquele). Vale ressaltar desde já que na interação em Libras tem-se uma representação espacial bastante incidente e marcada, o que nos parece sobrepôr à gestualidade do falante de uma língua oral. Essas expressões são dêiticas porque mostram uma pessoa, um lugar ou um tempo, sempre tendo como ponto de referência o momento da enunciação. As marcar ou sinais que identificam as pessoas citadas na interação entre surdos são ao mesmo tempo esclarecedoras e denotadoras de um conhecimento interno. Veremos adiante, nas análises, como isso ocorre. Enunciação é a ação de falar alguma coisa oralmente, em sinais ou por escrito. A enunciação é o ato de produzir enunciados, que são as realizações linguísticas concretas.

---

<sup>8</sup> Jean-Pierre Cometti. *Qu'est-ce que le pragmatisme?*, Paris, Folio/Gallimard, 2010, 436 p.

<sup>9</sup> <http://www.laviedesidees.fr/Pragmatistes-et-pragmatiques,700.html>

<sup>10</sup> Exemplos extraídos do trabalho de McCleary e Viotti, 2009.

A dêixis, ou ação de apontar por meio do uso da língua, pode ser de três tipos: pessoa, lugar e tempo. Pensado num conceito mais atual de dêixis podemos citar Cavalcante (2013, p. 127):

Além dos processos referenciais de retomada, existe outro tipo de referenciação conhecido como *dêixis*. As expressões referenciais dêíticas tanto podem introduzir objetos de discurso, como podem retomá-los, assim como acontece, respectivamente, com as introduções referenciais e com as anáforas. O que caracteriza um dêítico não é o fato dele poder constituir uma introdução referencial ou poder compor uma retomada anafórica. O que define um dêítico é outra propriedade: a de só podermos identificar a identidade a que ele se refere se soubermos, mais ou menos, quem está enunciando a expressão dêítica e o local ou o tempo em que esse enunciador se encontra. [...] Temos, então, que, nos casos de dêixis, a expressão referencial remete a um referente que não se acha representado no contexto, mas cuja imagem pode ser divisada no tempo/espaço real de fala, ou exige que o interlocutor pressuponha quem é o enunciador ou onde ele se localiza.

As expressões dêíticas têm um conteúdo propriamente semântico, mas só chegam a ter um significado pleno em determinada enunciação. Somente na enunciação essas expressões conseguem fazer referência, ou seja, designar uma determinada pessoa, tempo ou lugar. Trazemos como exemplo os pronomes pessoais *eu* e *você*. Só poderemos entender o significado total pronomes em um determinado contexto de uso. Saber que ‘eu’ é o pronome utilizado para a pessoa se referir a si mesma e ‘você’ pronome utilizado para se referir à pessoa com quem se fala não é suficiente. O eu e o você podem ser qualquer pessoa fora de uma enunciação. A mesma coisa pode acontecer com os advérbios de tempo ‘ontem’, ‘hoje’ e ‘amanhã’: se não temos a referência específica, não poderemos identificar o significado real.

O estudo da dêixis nas línguas de sinais (LS) pode vir a ser interessante, embora ousado, por causa dos verbos direcionais, como PERGUNTAR, RESPONDER, DIZER, ENTREGAR, etc. Esses verbos são indícios que podem levar a fenômenos dêíticos. A cada diferente enunciação, eles apontam ou para uma pessoa que fala ou para seu interlocutor, ou para os dois ou ainda para uma terceira pessoa. Além disso, a forma do verbo muda dependendo do local do espaço de sinalização em que o falante e seu interlocutor se encontram. A noção de espaço nos será de grande relevância nas análises, o que aproxima nosso estudo dos domínios da pragmática interacional. Por assim entendermos, já prevemos que a significação precisa desses verbos só pode ser analisada tendo por base a situação de enunciação (MCCLEARY & VIOTTO, 2009).

A pragmática também estuda a teoria dos atos de fala que foi elaborada inicialmente pelo filósofo J L Austin (1965). Os atos de fala são todas as ações realizadas através do dizer e do não dizer. As ações que se realizam através dos atos de fala podem ser

muito diferentes (SILVA, 2007). Os atos de fala se dividem em três dimensões: o ato *locucionário*, corresponde ao ato de pronunciar um enunciado; o ato *ilocucionário*, corresponde ao ato que o locutor realiza quando pronuncia um enunciado em certas condições comunicativas e com certas intenções, e o ato *perlocucionário* corresponde aos efeitos que um dado ato ilocutório produz no interlocutor, podendo influenciar seus sentimentos ou pensamentos.

Apontamos com exemplos dos atos de fala: a) Locucionário - A porta está aberta. O enunciador está apenas proferindo um enunciado que significa uma infinidade de coisas diferentes; b) Ilocucionário – A porta está aberta. O enunciador pode ter uma intenção ao proferir esta sentença, por exemplo, pedir a alguém que se retire, ou convidando alguém a entrar, entre outras; c) Perlocutório – Eu vos declaro marido e mulher. Verbos como convencer, persuadir ou assustar ocorrem neste tipo de sentenças, pois nos informam do efeito causado no interlocutor.

Mesmo com o aumento das pesquisas acadêmicas, notadamente teses de doutorado, sobre as LS (CORREA, 2007; LEITE, 2008; SOUSA, 2008; SERRA, 2009) e, no caso do Brasil, a Libras, não temos ainda de fato pesquisas realizadas sobre os atos de fala, pois estudos de teor pragmático que contemplem essa teoria ainda são superficiais e não apresentam resultados satisfatórios.

## **2.2 A Etnometodologia**

A Etnometodologia surgiu na década de 1960 como uma corrente da sociologia americana que tem como marco a obra de Harold Garfinkel, *Studies in Ethnomethodology* (Estudos sobre Etnometodologia). Autores como Heritage (1999) julgam que a obra de Garfinkel está pouco ligada às questões sociológicas clássicas, portanto, condensadas e por isso o surgimento da Etnometodologia é considerado de fato turbulento e confuso.

Uma das características da Etnometodologia é o fato de ela elencar como parte de sua teoria conceitos que foram tomados de empréstimo pelos etnometodólogos - conceitos esses que advinham de outras correntes ou áreas de conhecimento, como a Sociologia, a que foram acrescentadas algumas informações novas. A Etnometodologia tem o caráter de complementar e de valorizar o aporte já construído pela ciência (GUESSER, 2003).

Vários são os conceitos trabalhados pela corrente americana, optamos seguir alguns dos selecionados por Guesser (2003) para exemplificar o perfil teórico dos

etnometodólogos. A seguir, explicitaremos os conceitos de prática/realização; indiciabilidade; reflexividade; retabilidade e noção de membro, retirados dos estudos de Coulon (1995 *apud*<sup>11</sup> GUESSER, 2003). O que nos auxiliará no percurso metodológico desta pesquisa.

A Etnometodologia considera que a realidade social é construída e desenvolvida pela prática diária por seus atores sociais em interação e, por isso mesmo, busca abordar as atividades cotidianas e as circunstâncias práticas através do raciocínio sociológico. Através do senso comum, os estudiosos dessa área estão preocupados em compreender o sentido e o raciocínio prático que os atores demonstram em suas ações.

Para os estudos etnometodológicos, a linguagem culta não interessa, visto que os estudos enveredam pelo caminho das práticas do cotidiano, pois esta linguagem está repleta de expressões indiciais. Para Guesser (2003, p. 158):

indicialidade é um termo adaptado dos linguistas e refere-se a expressões que possuem significados “trans-situacional”, ou seja, expressam em si mesmas um conjunto de ideias que superam o seu próprio significado literal ou sugerem a interligação de conteúdos já subentendidos ou já referidos, ou ainda, conteúdos que podem ser deduzidos pelos próprios atores no momento da interação, sem a necessidade de explanação verbal pormenorizada.

Essas expressões são cheias de marcas que só ganham sentido a partir do contexto onde elas ocorrem. Como exemplo, podemos citar um caso muito estudado pelos etnometodólogos, o “et cetera”, que é uma expressão que sugere uma continuidade, uma complementaridade do que está sendo dito, mas que só poderá ser compreendido pelos atores que possuem o conhecimento do contexto onde está sendo inserido.

Quando falamos sobre reflexividade, não estamos apenas falando de atitudes factuais ou mentais, mas também de uma propriedade que permite aos atores exprimir os significados de seus atos e pensamentos, pois ela envolve várias atividades que são motivadas tanto pelos sinais exteriores produzidos por outros atores como por aqueles interiores produzidos por nós mesmos. As ações sociais são geradas a partir da reflexividade.

A relatabilidade está bem próxima do processo de reflexividade e é uma característica que torna possível compartilhar as atividades práticas. Para Guesser (2003, p. 162), “a relatabilidade são as descrições que os atores fazem de seus processos reflexivos, procurando mostrar sem cessar a constituição da realidade que produziram e

---

<sup>11</sup> COULON, A. *Etnometodologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995.

experienciaram”.<sup>12</sup> Essa característica é muito presente em trabalhos que abordam a experiência e a história de si dos atores sociais (MAIA-VASCONCELOS & CARDOSO, 2009).

Os membros são os participantes de um determinado grupo que compartilha de seu crescimento e desenvolvimento, domina a linguagem utilizada pelo grupo e interage com seus iguais a partir de uma rede de significações criadas para o processo interacional, pertencendo a este grupo naturalmente. Coulon (1995 *apud* GUESSER, 2003) acrescenta que um membro comunga com o resto do grupo os mesmos modos, métodos que o fazem capaz de se adequar e incorporar a competência social que o faz participar de tal grupo naturalmente. Para o autor, a linguagem “que interessa aos etnometodólogos não é a linguagem culta, dos linguistas eruditos ou aquela dos discursos estruturados, mas aquela do dia-a-dia, utilizada pelo cidadão comum, nas suas ações práticas do cotidiano” (COULON, 1995 *apud* SANTOS & GALVÃO, 2012, p.1056).

Portanto, a etnometodologia se baseia na prática do cotidiano numa tentativa de buscar explicações para uma realidade observada. Realidade esta que, na década de 1970, dividiu a etnometodologia em duas partes: uma parte demonstra maior preocupação com o lado tradicional da sociologia; a outra parte cabe aos analistas da conversação que buscam pistas em nossas conversas a fim de garantir-lhes sentido e continuidade (GUESSER, 2003). Enquanto os sociólogos buscam respostas para “como conversamos?”, os linguistas querem desvendar de que forma a linguagem é estruturada e como favorece a conversação (DIONÍSIO, 2006). Para melhor expor as ideias defendidas por esses analistas, julgamos necessária uma seção em separado.

## **2.3 A Análise da Conversa**

### **2.3.1 A conversa**

Com os estudos de Goffman (2002, p.17), a análise da conversa começa a tomar um outro rumo em nossa pesquisa. Para este autor, toda interação só pode surgir dentro de uma situação social, essa mesma definida como “um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento” e nesse ambiente pode surgir uma situação social no momento em que dois ou mais indivíduos se encontrem na presença imediata um do outro. Nessas situações

---

<sup>12</sup> PINEAU, G. et LE GRAND, J. L. **Les Histoires de Vie**. Paris : PUF, 2ème ed. 8<sup>e</sup> mille. (1993), 1996.

emergem as conversas, que podem ser simples falas do dia a dia ou conversas elaboradas com um objetivo específico. É importante ressaltar que Goffman (2002) não descarta as situações artificiais de interação, levando suas análises para os domínios da Literatura, do cinema e do teatro. Com fundamento nessas possibilidades, trouxemos o canadense para o cerne teórico de nosso estudo, vez que, como veremos mais tarde nos procedimentos, as situações de interação entre surdos tiveram de ser construídas pelo projeto desta tese a fim de que obtivéssemos os elementos que nos eram necessários à compreensão e ao atendimento de nossos objetivos. Ainda que as situações espontâneas fossem as condições ideais, o procedimento de coleta e o tempo disponível para a realização dos encontros de imagens – numa operação 3D – obrigou-nos a optar pela montagem de um cenário de interação, que por fim foram tomadas pela espontaneidade.

No andamento de uma conversa, fazemos trocas de palavras, expressões verbais e não verbais, partilhamos ideias, nos comunicamos acerca de impressões vividas, vistas ou compartilhadas. Na maior parte das vezes, não guardamos das conversas mais que as emoções que esses momentos suscitaram em nós – foi ou não agradável? – ou ainda as informações que pudemos armazenar graças a esta interação. Contudo, nem sempre estamos conscientes das regras que permitem à conversação manter-se e evoluir, passando de seu início, por exemplo, em torno das saudações de polidez, até o fechamento. Para a linguista Catherine Kerbrat-Orecchioni, especialista da análise conversacional, todo discurso é essencialmente uma coconstrução<sup>13</sup>. Este postulado nos permite demarcar um percurso científico estável, uma vez que ele se apoia sobre os discursos pronunciados, mas também extremamente móvel e instável, já que se trata de construção (e assim de evolução contínua). Esta construção seria coletiva e diria respeito assim a todos os atores da conversação: a conversação seria um produto integralmente interativo. Além disso, o estudo desta coconstrução nos permite compreender que o “coletivo” de que estamos tratando não circunscreveria unicamente os interactantes, mas, segundo Albin Wagener<sup>14</sup> (2009), mais amplamente a sociedade ou a cultura que os abriga, quiçá o povo que fala a língua em vigor na conversação dada. Para retomar a fórmula do sociolinguista Joshua A. Fishman (2001), “it is difficult to oppose languages without opposing their speakers and their community interests”<sup>15</sup>. Portanto, logo

<sup>13</sup> KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales : 1/ Approche interactionnelle et structure des conversations*, Paris, Armand Colin, 1998, p. 13.

<sup>14</sup> WAGENER, Albin. *Le désaccord conversationnel Le désaccord conversationnel : enjeux d'un : enjeux d'un processus interactionnelprocessus interactionnel et applications et applications interculturellesinterculturelles*. Tese de doutoramento. Université Catholique de l'Ouest. Ecole Doctorale d'Angers. 02 junho 2009. 357 p.

<sup>15</sup> FISHMAN, J. A. “ Sociolinguistics “, In : J. A. Fishman (Ed.), *Handbook of Language and Ethnic Identity*, 152-163, Oxford, Oxford University Press, 2001, p. 154 ; “é difícil opor as línguas sem opor seus locutores e

que uma língua comum é utilizada, os interlocutores, segundo seu grau de domínio desta língua comum, podem se opor no interior mesmo da prática da língua.

Como dito anteriormente, a conversa é uma entre as atividades de interação que pode abranger situações comuns do cotidiano, tais como atender a um telefonema ou fazer compras. Podemos defender que a facticidade é um tipo de atividade de interação que põe em questão as noções de intencionalidade entre interlocutores. Da mesma forma que pode ocorrer em situações mais formais como discursos políticos, apresentação de programas de televisão. Segundo Leite (2008, p. 09), “encontros conversacionais com diferentes níveis de complexidade se mostram fundamentais tanto para o sucesso quanto para o fracasso dos mais diversos empreendimentos sociais humanos”. Assim, podemos compreender a conversa como uma tarefa simples ou como mais elaborada, dependendo da situação de interação.

Para os estudiosos da Análise da Conversa, a linguagem é vista como o ato de realizar ações individuais e sociais. Isto é, a conversa é uma atividade social que o sujeito desempenha quando começa a falar. Um dos primeiros autores brasileiros a publicar um livro tratando sobre a AC foi Marcuschi (1986, p. 14), que afirma que “a conversação é a primeira das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”. Enfim, para este autor, a conversação seria o gênero base da interação entre os seres humanos.

Na mesma linha de pensamento de Marcuschi, Fávero (2005 p. 15) defende que a conversa “é definida como atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano”. Para Marcuschi (1986), a conversa é considerada como a mais básica das atividades do ser humano, que vai além, quando define oralidade como uma prática social que pode aparecer de várias formas ou gêneros e, define a fala como uma forma de “produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral” (MARCUSCHI, 2007, p. 25).

Observando a conversa pelo viés da interação, podemos citar Goffman (2002, p.19):

A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social. Uma vez que um estado de fala tenha sido ratificado, é preciso haver pistas à disposição para requisitar a palavra e cedê-la, para informar o falante quanto à estabilidade do foco de atenção que está recebendo.

---

seus interesses comunitários”, nossa tradução. Nós propusemos traduzir o termo “language”, utilizado sem distinção em inglês pelos termos em português “língua” e “linguagem”, por “língua”, a fim de corresponder ao contexto científico no qual se inscrevem os trabalhos de Fishman.



Se retomarmos o conceito de situação social podemos apontar a conversa como um empreendimento da interação, o que para Hughes (s/d) se constitui em uma realidade *sui generis*. O que aponta que a fala de Marcuschi (2007) corrobora com tal pensamento.

Os primeiros trabalhos publicados acerca da AC datam da década de 1970. Desses textos, o mais conhecido talvez seja o de Sacks, Schegloff e Jefferson (2003), cujo trabalho apresenta uma descrição sistemática para a tomada de turnos durante uma conversa cotidiana. Outros autores (ATKINSON & HERITAGE, 1984) publicaram trabalhos de grande relevância para os estudos da fala-em-interação, essa “nomenclatura parece englobar mais os objetivos dos estudos realizados sob essa perspectiva” (SILVA et al, 2009). Atkinson e Heritage (1984) explicam que realizar estudos detalhados das ações sociais que cercam a interação pode revelar um leque de opções sobre os fenômenos da ação. Eles explicitam de forma clara o objetivo central das pesquisas em AC (1984, p. 13):

The central goal of conversation analytic research is the description and explication of the competence that ordinary speakers use and rely on in participating in intelligible, socially organized interaction. At its most basic, this objective is one of describing the procedures by which conversationalist produce their own behavior and understand and deal with the behavior of others. A basic assumption throughout is Garfinkel's (1967:1) proposal that these activities – producing conduct and understanding and dealing with it – are accomplished as the accountable products of common sets of procedures.<sup>16</sup>

Podemos perceber que esses autores apontam o objetivo central de se analisar a conversa, mesmo essa sendo um ato do cotidiano não perde seu caráter analítico. Descrever e explicar as estratégias de que se utilizam os falantes no momento em que participam de uma conversa socialmente organizada parece ser uma forma de compreender o comportamento das outras pessoas. Essas atividades percebidas através das análises das conversas podem ser explicadas como um conjunto de procedimentos compartilhados pelos falantes para que haja essa organização social da fala.

### **2.3.1.1 Elementos da conversa**

Segundo defendiam Sacks, Schegloff e Jefferson (2003), a conversa não representava apenas uma simples ação realizada de forma caótica, mas ao contrário, as pessoas podem se

---

<sup>16</sup> A meta principal da pesquisa em Análise da Conversa vem a ser a descrição e explicação das competências que usam e das quais dependem falantes quaisquer ao participar de interação inteligível socialmente organizada. No plano mais elementar, trata-se de um objetivo de descrever os procedimentos usados por quem conversa para produzir o próprio comportamento e para entender e lidar com o comportamento dos outros. Um pressuposto elementar em tudo isso é proposição de Garfinkel (1961:1) de que tais atividades – produzir e entender e lidar com a conduta – são realizadas como produtos explicáveis em conjuntos de procedimentos em comum.

organizar socialmente através da fala. Para comprovar essa afirmação, eles apresentaram algumas observações sobre a conversa, dentre as quais optamos por destacar:

- (1) A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.
- (2) Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.
- (3) Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.
- (4) Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições.
- (5) A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.
- (6) O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.
- (7) A extensão da conversa não é previamente especificada.
- (8) O que cada um diz não é previamente especificado.
- (9) A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada.
- (10) O número de participantes pode variar.

Apresentaremos mais detalhadamente no item a seguir essas observações do modelo de Sacks, Schegloff e Jefferson (2003). No entanto, é necessário lembrar que essas observações, às vezes vistas como regras, nem sempre são seguidas, pois muitas vezes as conversas são espontâneas e não mecânicas. Entretanto, essas mesmas regras podem ser perfeitamente adequadas a contextos mais formais ou mecânicos. Podemos citar como exemplo uma consulta médica ou uma aula dada por um professor. Para Silva, Andrade e Osterman (2009, p. 04), há uma grande diferença entre uma fala espontânea e uma entrevista, pois “diferentemente do que acontece na conversa mundana, na entrevista, os turnos de fala são pré-alocados, ou seja, ao entrevistador cabe perguntar e ao entrevistado, responder”. No caso dessa pesquisa essas observações sugeridas pelos autores são pertinente, visto que buscamos tornar as conversas em Libras o mais espontâneas possíveis.

Partindo da ideia etnometodológica da análise da conversação, poderíamos enumerar diversas razões para o estudo do discurso oral cotidiano, mas este não é o interesse que move esta pesquisa. Nosso interesse está ligado à interação em LS, ou seja, discurso visuoespacial. Portanto, basta-nos compreender a etnometodologia como uma área da ciência voltada para o estudo das práticas sociais e de comunicação.

Antes de tratarmos sobre os conceitos da Análise da Conversação, julgamos conveniente explicar o que seria a interação social, visto que este seja um dos aspectos mais

relevantes para que a conversa se realize. Para Kerbrat-Orecchioni (2006), a noção de interação é necessária para que exista a troca comunicativa entre os falantes e para que também ambos estejam engajados numa mesma conversa.

A princípio, quando foi criada a AC, na década de 1960, a preocupação dos analistas se limitava a descrever a estrutura das conversas e a forma como esses mecanismos eram organizados. Ela baseava-se na premissa de que a ação e a interação social poderiam ser apenas descritos do ponto de vista da organização estrutural. Essa ideia foi ampliada e estudos mais recentes da AC demonstram grande preocupação com os conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais e como eles devem ser partilhados durante a interação (MARCUSCHI, 1986).

A estrutura conversacional pode ser estudada através de três níveis de enfoque: o macronível, o nível médio e o micronível. O macronível estuda as fases da conversação, ou seja, seu início, final, tema, desenvolvimento entre outros. O nível médio trata do turno de falas, suas trocas, a tomada, a sequência conversacional e também os marcadores conversacionais. O micronível analisa a estrutura sintática, lexical, morfológica, ou seja, os elementos internos da ação (DIONÍSIO, 2006). Para Marcuschi (1986, p. 06), dessa forma:

é oferecida uma noção de atividade representada pela conversação e sua arquitetura geral, evidenciando-se que ela não é um fenômeno anárquico e aleatório, mas altamente organizado e por isso mesmo passível de ser estudado com rigor científico. [...] mostra-se como essa organização também é reflexo de um processo subjacente, desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa, ou seja, as decisões interpretativas dos interlocutores decorrem de informações contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais, entre outros.

Ainda de acordo com Marcuschi (1986), a AC tenta responder a questões como: a) como as pessoas se entendem ao conversar? b) como sabem que estão se entendendo? c) como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? d) como usam seus conhecimentos linguísticos e outros para criar condições adequadas para a compreensão mútua? e) como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais? A AC parte de dados empíricos colhidos em situações reais. Este material considera também as realizações entonacionais e o uso de gestos que podem ocorrer durante a conversação. E, segundo Dionísio (2006), as expressões faciais e corporais, alguma entonação específica, sorriso, olhar contribuem para a construção do enunciado linguístico que está sendo proferido e, além disso,

podem até substituir esse enunciado numa interação face a face. No caso dessa pesquisa a entonação está presente nessas expressões e nos sinais propriamente ditos.

Para Fávero (2005 p. 15), a conversação “é definida como atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano” e, por isso mesmo, Marcuschi (1986) considera como a mais básica das atividades do ser humano. O autor vai além quando define oralidade como uma prática social que pode aparecer de várias formas ou gêneros e, fala como uma forma de “produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral” (MARCUSCHI, 2007, p. 25).

A autora Kerbrat-Orecchioni (2006) enumera uma lista de elementos fundamentais que poderão assegurar que o ato comunicativo se realize. O emissor deve estar se comunicando com alguém e utilizar procedimentos fáticos para garantir a escuta do destinatário. O receptor deve utilizar sinais para confirmar ao emissor que está fazendo parte da interação e, para isso, usar os procedimentos reguladores. A produção dos procedimentos reguladores é essencial para que exista a interação. Por fim, a sincronização interacional que é o mecanismo de ajuste que está presente em todos os momentos da interação.

Para a AC, os dados empíricos de situações reais são os mais relevantes, pois uma de suas características básicas é a metodologia que parte da indução, por isso mesmo não considerar materiais extraídos de obras literárias, filmes e outros, pois trata sempre de uma construção de reprodução de fala real (MARCUSCHI, 1986). Dionísio (2006) explica que as expressões faciais, o olhar, um sorriso contribuem para a construção de um enunciado linguístico e que, às vezes, podem até substituir o próprio enunciado numa interação face a face. Estes são chamados de recursos não verbais. O que Goffman (1974 *apud*<sup>17</sup> KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) define como expressões não verbais são as expressões de corpo e de olhar. O autor ainda diz que o interlocutor deve dispensar toda a sua atenção visual para esses sinais. Muito embora, eles ainda sejam bastante desconsiderados entre os falantes de uma língua oral. O que podemos considerar um equívoco, visto que muito do que é dito pode ser compreendido através de expressões não-verbais.

---

<sup>17</sup> GOFFMAN, E. *Les Rites d'interaction*. Paris, Éd. De Minuit, 1974.

### 2.3.2 A interação

As interações entre falantes podem ocorrer de diversas formas entre as quais as interações verbais (conversa) e as interações não verbais (danças, esportes, vestimentas). Em alguns momentos, as interações se tornam mistas, utilizando marcas verbais e não verbais, interações que ocorrem, por exemplo, em lojas, restaurantes. As interações verbais podem acontecer em muitos casos como reunião de família, entrevistas, conversa com amigos. Por isso, podemos dizer que a conversa implica um número de características, como o número de participantes, o lugar onde ocorre, o objetivo, o grau de formalidade da ação comunicativa entre outros.

Sobre os processos de interação Santos e Galvão (2012, p. 1057) afirmam:

[...] no processo da interação verbal devemos considerar os papéis intercambiáveis dos participantes e a sincronização interacional, eles, devem deixar claro que estão falando um com o outro por meio do olhar, das posturas orientadas, das formas de tratamento, dos marcadores conversacionais. Nesse processo atenta-se também para as eventuais correções que acontecem no transcurso da interação, motivadas por falhas de compreensão, materializadas por retomadas, reformulações, reparos etc. ou por necessidade de refazer o estilo e polir o texto.

Portanto, durante a interação entre os interlocutores deve haver uma combinação, não necessariamente preestabelecida, para que haja o desenvolvimento da conversa e, se necessário, as correções de algumas falhas que podem ser ocasionadas pela troca de falantes, pelo desenvolvimento do tópico, entre outras coisas. Essa combinação pode envolver recursos de natureza não verbais. Estudos de LO podem desconsiderar esses recursos, mas estudos de LS tendem a tratar esses recursos como elementos próprios da língua, como Quadros e Karnopp (2004).

Ainda sobre os elementos pertinentes à interação, Santos e Galvão (2012, p.1059) tecem o seguinte comentário:

os elementos não verbais desempenhadores de variadas funções na interação e podem ser classificados como lexicais (quando funcionam como substitutos das palavras dos interlocutores) e os não lexicais (ao acompanhar a fala dos interlocutores como forma de enfatizar e ilustrar o discurso).

Assim, como citado anteriormente, desconsiderar tais elementos pode comprometer o entendimento do que o falante quer de fato dizer ao seu interlocutor. Durante a interação esses elementos podem deixar claro com um simples balançar de cabeça o que por algum motivo não foi compreendido pela fala em si.

Alguns recursos não verbais são empregados pelos usuários de uma língua numa determinada conversa. Estes recursos são conhecidos como:

- Recursos de paralinguagem: sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que não são conhecidos dentro do sistema da língua em questão;
- Recursos cinésicos: movimentos corporais, gestos, olhar, sorriso;
- Recursos proxêmicos: distância ou aproximação mantida pelos falantes no momento da interação;
- Recursos tacênicos: uso de toques no interlocutor;
- Recursos do silêncio: total ausência de construções sonoras ou de recursos de paralinguagem, muito utilizado em momentos de interação.

Para Steinberg (1988), os recursos de paralinguagem incluem também sons e ruídos não linguísticos como os sons onomatopaicos. Os gestos visuais podem ser estudados pelo viés dos recursos cinésicos. Os atos paralinguísticos e cinésicos podem indicar algumas funções distintas e podem ser classificados como lexicais, descritivos, reforçadores, embelezadores e acidentais. Assim, podemos dizer que a interação está estruturada sobre a linguagem, a paralinguagem<sup>18</sup> e a cinésica, portanto, “falamos com a voz e com o corpo” (DIONÍSIO, 2006, p. 77). A classificação cinésica é fundamental para o estudo e a compreensão de uma LS, visto que compõem movimentos corporais, gestos, olhar, sorriso, além de propiciar a interação na língua visuoespacial. Os recursos tacênicos são importantes em estudos da conversa em LS, pois a troca ou tomada de turno pode se estabelecer através dele. O recurso de silêncio pode ser conjugado em mais de uma marca quando se trata de estudos que envolvem uma LS e não somente como ausência de construções sonoras. O silêncio pode funcionar como uma estratégia para o desenvolvimento da conversa em questão.

Em estudo anterior nosso (SERRA, 2009, p.11), apontamos a relevância dos recursos cinésicos para o estudo da Libras e a “necessidade de se estudar a língua em uma amplitude que vá além da modalidade oral e escrita e alcance uma estrutura [...] Cinesiolinguística”, considerando, dessa forma, que na Libras ocorrem fenômenos linguísticos.

---

<sup>18</sup> Vale salientar que em nenhum momento estamos usando o termo paralinguagem em relação direta com a língua de sinais, uma vez que, já ficou esclarecido e consolidado o status de língua natural à modalidade visuo-espacial da Língua de Sinais Brasileira.

Marcuschi (1986) cita como exemplo a interação entre a mãe e o nenê, momento em que a mãe se dirige à criança dialogicamente, oferecendo-lhe turnos e buscando construir significados para o silêncio ou os sons que a criança produz, mostrando que eles também compõem manifestações comunicativas. Para o autor, o fundamental é que a criança esteja aprendendo a interagir, pois ela está sendo introduzida numa atividade conversacional. Segundo Bertaux (1997), numa conversa entre duas ou mais pessoas, a comunicação passa por três canais simultâneos: a comunicação não verbal (gestos, movimento dos olhos e expressões do rosto); as entonações de voz e as palavras. Enquanto para o ouvinte o primeiro canal é negligenciado, para o surdo os três canais são indispensáveis.

Marcuschi (1986, p. 05) apresenta ainda cinco características que considera básicas para a organização da atividade conversacional, sendo a “interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução numa identidade temporal e envolvimento numa interação centrada”. Para ele, é através dessas características que podemos perceber o desenvolvimento da interação que pode durar um determinado tempo entre dois ou mais interlocutores que centram sua atenção para uma atividade comum (MARCUSCHI, 1986).

Ventola (1979), em seus estudos sobre a estrutura da conversação apresenta um modelo de organização a partir de conversas espontâneas, indicando elementos como o tópico ou assunto, tipo de situação, papel dos participantes, modo e meio do discurso. Quando fala em tópico, a autora os define como forma de manutenção de relações sociais, pois são eles que estabelecem o contato entre os participantes. A situação seria o encontro face a face em que os participantes estão atentos às ações verbais e não verbais, pois a situação pode afetar e/ou alterar o que se diz na conversação. O papel dos participantes diz respeito ao comportamento que se deve assumir durante uma situação ou outra de comunicação. Dessa forma, é fácil perceber que um participante pode desempenhar vários papéis durante a ação, por exemplo, o tipo de fala que se deve usar em dada situação. O modo em que o discurso acontece é determinado pelo objetivo da ação comunicativa podendo ser maior ou menor o grau de formalidade. O meio corresponde ao canal por onde é transmitida a mensagem podendo ser face a face, por telefone, pela internet etc. No caso da Libras a transmissão da mensagem e a interação se dá face a face.

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), que classifica esses elementos como “ingredientes do contexto”, o lugar da interação pode ser dividido em quadro espacial e

quadro temporal. O primeiro podendo ser citado por seus aspectos físicos, ou seja, pelas características físicas do lugar onde ocorre a interação e também sob o ângulo de sua função social e institucional. O quadro temporal diz que o que se fala deve ser apropriado ao lugar em que se fala e também ao momento em que se fala. Quanto ao objetivo, a autora os distingue em objetivo global e objetivos mais pontuais, que dizem respeito aos atos de fala produzidos durante o evento comunicativo. Em relação aos participantes, ela considera o número, suas características individuais e as relações que eles mantêm entre si. Goffman (1974 *apud* KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) sugere uma distinção entre os tipos de receptores, como os participantes reconhecidos e os simples espectadores. Os participantes reconhecidos são aqueles que fazem parte do grupo que desenvolve uma conversa, atestado pelo comportamento de seus membros. Os simples espectadores são apenas testemunhas de uma troca comunicativa da qual não fazem parte. O autor reconhece ainda duas subcategorias dentro dos simples espectadores: os receptores ocasionais, que são aquelas pessoas que estão em lugares públicos e que alcançam a informação, e os espiões, que são intrusos que identificam a mensagem à revelia do falante, podendo esta ser uma informação privada ou não.

Em relação ao alcance da informação no processo conversacional, Marcuschi (1986, p.16) defende que:

para produzir e sustentar uma conversação, duas pessoas devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns. [...] Os esquemas comunicativos e a consecução de objetivos exigem partilhamentos e aptidões cognitivas que superam em muito o simples domínio da língua em si.

O partilhamento entra no domínio da interação já tratada nesse item. Uma comunicação não se sustenta sem esse espaço comum de conhecimento entre os actantes. Em consideração a isso, Fávero (2005, p. 21) comenta que:

para participar de atividades dessa natureza, são precisos conhecimentos e habilidades que vão além da competência gramatical, necessária para decodificar mensagens isoladas, pois que as atividades conversacionais tem propriedades dialógicas que diferem das propriedades dos enunciados ou dos textos escritos. Na verdade, para tomar parte – interagir – numa conversação, é necessário que os participantes consigam inferir do que se trata e o que se espera de cada um.

A partir dessa ideia é que podemos separar os diálogos em dois tipos distintos: os diálogos assimétricos e os diálogos simétricos. Partindo da definição de cada um deles, poderemos perceber que apenas um deles se caracteriza como uma conversação propriamente



dita. O diálogo assimétrico é aquele em que um dos envolvidos na ação tem o direito de iniciar, orientar e concluir a interação, exercendo assim uma pressão sobre os outros participantes. Como exemplo, podemos citar uma sala de aula onde o professor é quem dirige o conteúdo a ser explicitado. O diálogo simétrico é aquele em que vários participantes podem exercer o direito de fala, de escolha do tema, do tempo de duração etc. Uma conversa natural entre amigos pode ilustrar a situação simétrica (MARCUSCHI, 1986). Fávero (2005) opta por classificá-los como relativamente simétricos e relativamente assimétricos, dando a eles uma definição bem próxima à que foi citada acima. Para ela, existe certo privilegiamento no uso da palavra por um dos interlocutores nos discursos relativamente assimétricos, pois cabe a este membro da ação comunicativa iniciar, conduzir e encerrar o diálogo.

### **2.3.2.1 O constrangimento na interação**

A interação pode vir acompanhada de algumas marcas perceptíveis durante a conversa. Uma delas, citada por Baldwin (1902, apud GOFFMAN 1967) é o constrangimento no momento da interação. Esse constrangimento pode ser reconhecido pelo falante e pelo interlocutor através de sinais de perturbação emocional enumerados pelo autor como: enrubescimento, balbucios, gaguejos, voz estranha (aguda ou grave), voz trêmula ou entrecortada, suor, palidez, tremor das mãos, movimentos hesitantes ou vacilantes. Todos esses sinais voltados para uma interação entre falantes de uma LO. Se pensarmos em uma interação em LS, podemos apontar o tremor das mãos, movimentos hesitantes, suor, palidez, gestos forçados, além de movimentos de cabeça, olhares e ENM como evidências de tais constrangimentos.

Diante de uma situação de constrangimentos na interação os indivíduos podem ficar alvoroçados<sup>19</sup> devido ao engajamento na tarefa interacional quando o mesmo não se julga inadequado para o desempenho na tarefa. Podemos apontar a familiaridade ou a ausência dela com o tópico discursivo uma possível causa do constrangimento, visto que os tópicos variam em seus propósitos e determinado sujeito pode ou não ter conhecimento acerca dele.

No caso de nossa pesquisa, podemos considerar que o constrangimento é recorrente quando pensamos o porquê ele surge. Para Baldwin (1902, apud GOFFMAN 1967, p. 97)

---

<sup>19</sup> Termo utilizado pelo autor em BALDWIN, J. M. *Social and Ethical Interpretations in Mental Development*. Londres: [s.e.], 1902, p. 212.

Nem sempre os participantes sentem constrangimento pelos apuros de um indivíduo; ele pode ocorrer por pares de participantes que estejam tendo dificuldades juntos, e mesmo pelo encontro como um todo. Além disso, se o indivíduo pelo qual sentimos constrangimento porventura é percebido como representante responsável de alguma facção ou subgrupo [...], então é provável que os membros dessa facção se sintam constrangidos, e sintam isso por si mesmos.

Como nesse caso específico trabalhamos com uma determinada LS, a Libras, nossos informantes, de certa forma, são representantes de um grupo de pessoas que usam uma língua diferenciada daquela da maioria linguística do nosso país. Portanto, é possível que encontremos em nossos resultados momentos em que ocorram marcas de constrangimentos. Para encontrarmos esses resultados, observaremos o desenvolvimento tópico das conversas realizadas em LS, pois, dependendo, do constrangimento causado pelo tópico, esse mesmo pode ser negligenciado e os sujeitos tentaram para além do tópico, reestabelecer a tarefa interacional.

Os tópicos selecionados para a realização dessa pesquisa são passíveis de constrangimentos, pois aborda temas ligados diretamente a Libras e a vida cotidiana dos informantes, o que pode ser percebido pelo autor em

O prazer ou desprazer que um encontro social gera para um indivíduo, e a afeição ou hostilidade que ele sente pelos participantes, podem ter mais do que uma relação com sua compostura ou falta dela. Elogios, aclamações e recompensas repentinas podem colocar o receptor num estado de confusão alegre, enquanto uma discussão acalorada pode ser provocada e mantida com o indivíduo sentindo-se composto e em controle total de si o tempo todo (BALDWIN, 1902, apud GOFFMAN 1967, p. 99)

O fato de trazermos para a interação entre os sujeitos surdos temas em evidencia para o desenvolvimento de pesquisas que apoiem as LS, podem causar certo desconforto entre eles e assim gerar situações de constrangimento. Durante a interação é esperado dos participantes certas capacidades e informações que os tornem capazes de realizar a tarefa interacional estabelecida. Para Goffman (2002<sup>20</sup>, p. 16)

...um estudioso interessado nas propriedades da fala se ver obrigado a olhar para o cenário físico no qual o falante executa seus gestos simplesmente porque não se pode descrever completamente um gesto sem fazer referência ao ambiente extracorpóreo no qual ele ocorre. E alguém interessa nos correlatos linguísticos da estrutura social pode acabar descobrindo que precisa se voltar para a ocasião social toda vez que um indivíduo possuidor de certos atributos sociais se fizer presente diante de outros.

---

<sup>20</sup> Reimpressão.

Segundo o autor essas questões têm sido negligenciadas nos estudos das interações sociais. Se pensarmos sobre tais estudos em LS, veremos que essa negligência é bem mais perceptível devido a escassez de pesquisas linguísticas sobre interações sociais em línguas com características tão específicas.

Retomando o que foi dito ao longo dessa seção, apresentamos o quadro a seguir com o objetivo de demonstrar o pensamento dos principais autores que nortearam essa pesquisa diante da definição dos termos: conversa e interação. Diante disso, podemos apontar uma linearidade entre o pensamento desses autores sobre a conversa, visto que eles corroboram entre si e veem a conversa e a interação muito próximas.



Quadro 1: Definição do termo Conversa.

Além disso, a estrutura conversacional apresenta visões distintas, mas, ao mesmo tempo, complementares segundo os diferentes autores. Basicamente, um texto conversacional é estruturado por alguns elementos para que haja organização. Aqui optamos por analisar um deles: o tópico discursivo. É a partir da próxima seção que trataremos desse elemento, pois baseados na ideia de conversa como interação social, é bastante relevante investigar as particularidades dessas situações para analisar a conversação.

### 2.3.3 Tópico discursivo

O tópico, segundo Dionísio (2006, p. 71), pode ser definido “como uma atividade em que há certa correspondência de objetivos entre os interlocutores e em que há um movimento dinâmico da estrutura conversacional”, transformando, dessa maneira, o tópico num elemento central na produção da conversa. Já Fávero (2005) vê o tópico como o assunto acerca do que se fala. Ela trata o tópico como um elemento que estrutura e mantém a conversa, visto que os interlocutores compreendem quando estão interagindo dentro do mesmo tópico e quando há mudança ou corte dele. No entanto, Koch (1990 p. 146) trata o tópico como “um fragmento textual que se caracteriza pela centração em determinado tema, como um dos subtópicos em que se divide o tópico discursivo global”. Da mesma forma, Jubran *et al* (1992) considera o tópico discursivo como o assunto discutido em determinado ponto do texto e sobre o qual se concentram de forma dominante os elementos do ponto em questão. Buscando atender aos questionamentos formulados para esta pesquisa faremos opção pela definição que trata o tópico como assunto a ser tratado na conversa.

Para Jubran (2006), já no tópico referência a uma unidade discursiva, que compreendido como um fragmento textual pode ser caracterizado pela centração<sup>21</sup>, característica fundamental do tópico conversacional, em uma determinada conversa sobre um determinado tema, com extensões variadas, que podem contemplar o enunciado, “correspondendo aproximadamente ao conceito de período, do ponto de vista sintático, até um âmbito mais abrangente envolvendo porções maiores do texto” (p. 146). Podemos perceber, então, que a característica da centração já existe nessa primeira tentativa de conceitualizar o tópico. Mas segundo a autora (p.34):

há uma precariedade na conceituação dessa unidade discursiva, visto que o significado vago e fluido da palavra “tema” não permitia a apreensão do que se estava entendendo por centração, e a questão da extensão dessa unidade, do modo como foi abordada, permanece difusa, porque não se apóia em critérios precisos para o recorte da unidade discursiva.

O tópico discursivo pode ser estabelecido pelo grupo que está engajado numa ação comunicativa num determinado contexto, pois dessa forma eles podem negociar o assunto que será abordado. Muitas vezes, a identificação de tópico pode ser feita através do contexto situacional, onde as marcas linguísticas estão relacionadas a informações do mundo extralinguístico (FÁVERO, 2005). O tópico pode ainda ser considerado como uma categoria primitiva que ocorre na conversa através de enunciados relevantes e sugeridos pelos próprios

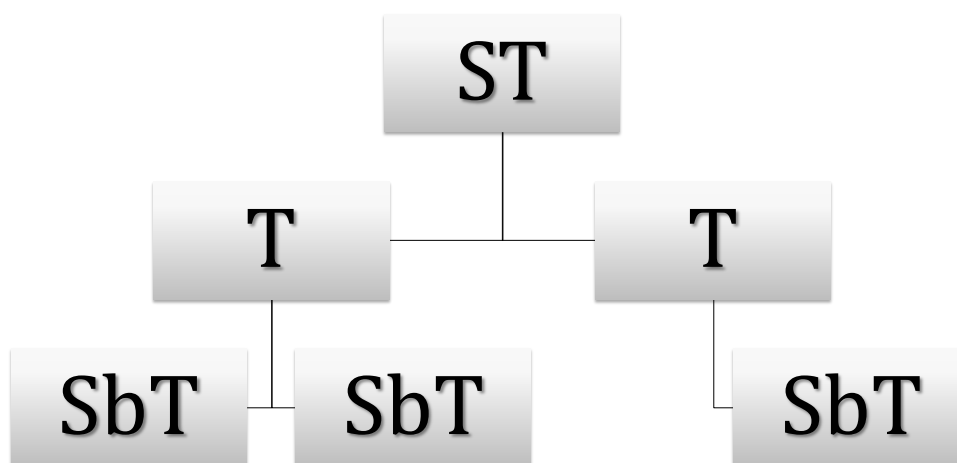
---

<sup>21</sup> Propriedade do tópico discursivo apresentado mais adiante no texto.

interlocutores (JUBRAN *et al*, 1992). Para esses autores o tópico pode ser visto como “um elemento decisivo na constituição de um texto oral, e a estruturação tópica o fio condutor da organização discursiva” (JUBRAN *et al*, 2002, p. 343). Partindo dessa perspectiva, podemos inferir que o tópico apresenta duas propriedades básicas: a centração e a organicidade.

A centração diz respeito ao conteúdo, como o assunto a ser tratado, que vai ser dito, a questão de se falar sobre algo. Dessa forma, são utilizados referentes explícitos ou inferidos que contribuem para o desenvolvimento da interação. A centração abrange ainda alguns traços específicos: a *concernência*, um tipo de relação semântica entre os enunciados que é responsável pela integração do conjunto de referentes explícito ou inferíveis; a *relevância*, que depende do foco assumido pelos elementos do que vai ser dito e a *pontualização*, local onde se situa esse conjunto em determinado momento da mensagem (JUBRAN *et al*, 1992).

A organicidade está relacionada à ligação entre os temas desenvolvidos numa conversa. Fávero (2005) destaca que essa interdependência se dá a partir de dois planos: um sequencial (distribuição linear ou horizontal) e outro hierárquico (distribuição vertical). O plano



hierárquico poderá ser melhor visualizado na figura abaixo:

Gráfico 1: Representação da organicidade dos temas desenvolvidos numa conversa. ST= Supertópico; T = Tópico; SbT = Subtópico.

Nos estudos de Jubran *et al* (1992), ela também apresenta os dois níveis para a organização tópica.

No plano hierárquico, as sequências textuais se desdobram em supertópicos e subtópicos, dando origem a quadros tópicos, caracterizados, obrigatoriamente, pela contração num tópico mais abrangente e pela divisão interna em tópicos co-constituintes; e, possivelmente, por subdivisões sucessivas no interior de cada tópico co-constituente (PINHEIRO, 2005 p. 151).

O supertópico e o subtópico podem se converter em tópico, ao mesmo tempo, durante uma interação. Isso vai depender de fatores ligados diretamente à conversação, como o nível de intimidade dos interlocutores, os objetivos comuns entre eles para a realização dessa conversa, entre outros.

O plano sequencial distribui os tópicos na linha discursiva de forma contínua ou descontínua. O processo de continuidade é marcado pela relação de proximidade entre dois tópicos, um sendo iniciado apenas quando o outro é encerrado e esgotado. A descontinuidade ocorre quando acontece uma perturbação da sequência linear, a qual pode ser causada pela suspensão ou ruptura de um tópico, que, a partir daí, se apresenta em partes descontínuas (PINHEIRO, 2005). E é essa perturbação que influencia no processo de fluxo informacional, criando as inserções, rupturas, reconstruções, repetições e elipses. A inserção parte do princípio da contração, pois pode ser considerada como um desvio temático dentro de um tópico discursivo (MAREGA & ROMUALDO, 2007).

Koch (1990) trata as rupturas como interferência da estrutura das sentenças e diz que elas resultam da falta de controle do falante sobre a organização de seu próprio enunciado. Embora as rupturas também apresentem função discursiva, elas acarretam um corte da progressão do tópico, é o momento em que o falante busca expressar melhor uma informação, utilizando uma série de construções sintáticas. Para a autora, a reconstrução também interfere na progressão do tópico, pois pode reter o ritmo do fluxo informacional. “A reconstrução pode dar-se por mecanismos de repetição ou adjunção” (MAREGA & ROMUALDO, 2007, p. 1544). A repetição é um recurso muito recorrente, podendo acontecer com palavras e até com períodos inteiros, entretanto pode acrescentar dados novos à informação já fornecida. Portanto, não se pode julgar que a repetição atrapalhe a continuidade da informação. Em relação às elipses, Koch (1990) ressalta que elas não são responsáveis pela descontinuidade ou interrupções no fluxo de informação.

Com relação à mudança de tópico na interação, podemos apontar três formas: a introdução de um tópico novo após o término da anterior que marca um processo de continuidade, a passagem gradativa para um novo tópico ao qual se dá maior relevância, ou

seja, tópicos de transição e a introdução de um tópico por abandono do anterior antes que esse fosse totalmente encerrado (MAREGA & ROMUALDO, 2007).

Fávero (2005) ainda apresenta como propriedade do tópico discursivo a *delimitação local* que aponta que o tópico é marcado por um início, um desenvolvimento e um desfecho, mesmo que, muitas vezes, isso não fique claro durante a interação. Assim, Marega e Romualdo (2007, p. 1545) admitem que podemos “identificar as marcas que permitem a delimitação tópica nos possibilita conhecer diferentes formas de se iniciar, bem como de fechar tópicos, além de reconhecê-los”.

Marcuschi (1986, p. 77) diz que uma conversação é iniciada com o tópico que motivou o encontro. Para ele, cumprimentos e despedidas não compõem tópicos, mas podem transformar-se neles. O importante é entender que se estabelece e se mantém uma conversação quando existe sobre o que conversar. E para o autor, “uma conversação fluente é aquela em que a passagem de tópico a outro se dá com naturalidade, mas é muito comum que a passagem de um tópico para outro seja marcada”.

Os resultados da presente pesquisa serão delineados através do estudo do tópico discursivo. Será observada na interação a contração, levando em conta a extensão que o tópico pode alcançar dentro de determinada interação. Além disso, observaremos também a organicidade tópica respeitando o desenvolvimento da conversa, utilizando para isso o plano hierárquico proposto por Fávero (2005), buscando perceber o supertópico, o tópico e o subtópico. Apresentaremos ainda, através do estudo do tópico, a teia conversacional, formada através da interação entre os sujeitos surdos usuários da Libras.

### 3. DAS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

*O intuito principal dos pesquisadores da área de língua [...] é o de viabilizar uma descrição da Libras baseada em corpus de natureza espontânea ou quase espontânea. Tal trabalho deve trazer importantes contribuições teóricas aplicadas: para o estudo linguístico de maneira geral, nos impelindo a repensar visões já bastante consolidadas sobre as propriedades e o modo de funcionamento das línguas naturais; e, para a vida da comunidade surda, produzindo um conhecimento que será importante para a estruturação de uma educação bilíngue, com ênfase no ensino de Libras como primeira língua para surdos [...] (LEITE, 2008, p. 19).*

Neste capítulo, relato as decisões de natureza metodológica, evidenciando os procedimentos que foram desenvolvidos para o alcance dos objetivos da investigação. Na pesquisa que estamos empreendo, buscamos investigar até onde a Análise da Conversa contempla as línguas visuoespaciais. E, após esse primeiro olhar, apresentar sugestões para que as línguas de sinais possam ser analisadas à luz de legítimas teorias linguísticas. Tratamos, particularmente, da Análise da Conversação Etnometodológica, observando o tópico discursivo em interações entre surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais. Um dos nossos propósitos, além de atender aos questionamentos que impulsionaram esse trabalho, é ampliar o universo da pesquisa sobre o tema, até então restrito a estudos voltados para a Língua Americana de Sinais – ASL.

A escolha da corrente Etnometodológica se deu pois, uma vez que considera que a realidade social é construída e desenvolvida pela prática diária por seus atores sociais em interação busca, também, abordar as atividades cotidianas e as circunstâncias práticas através do cotidiano, das ações que acontecem no dia a dia dos atores envolvidos. Os estudiosos dessa área estão preocupados em compreender o sentido e o raciocínio posto em prática pelos atores em suas ações sociais.

#### 3.1 Métodos e instrumentos de pesquisa



Nesta seção, apresentaremos métodos e instrumentos que utilizamos para conduzir nosso trabalho e obter dados analisáveis sobre:

1. a interação em Libras entre surdos;
2. as estratégias utilizadas por eles para minimizar as dificuldades de comunicação;
3. as estratégias para o desenvolvimento tópico;

Esta investigação nos fez percorrer algumas etapas, sendo a primeira delas a revisão bibliográfica. A partir da consulta ao referencial teórico disponível, construímos um mapa conceitual que pensamos nos ajudar a estabelecer temas para gerar as conversas entre os surdos da maneira mais espontânea que pudemos conseguir.

A segunda etapa da pesquisa consistiu em várias visitas à Associação de Surdos do Ceará - ASCE. Essas visitas, inicialmente informais, tiveram o objetivo de nos manter imersos na língua que seria estudada nessa pesquisa. Para além da imersão no ambiente linguístico próprio da Língua de Sinais, durante essas visitas, tivemos a oportunidade de discutir qual seria a melhor forma de coletar os dados, de maneira que a pesquisa mantivesse seu caráter etnometodológico.

Finalizada essa etapa de visitas, ficou-nos evidente que a ASCE não seria o lugar ideal para realizar as filmagens que nos serviram de dados para a seleção do *corpus*. Alguns problemas foram identificados logo de início. A dificuldade de se pensar na logística de instalação de iluminação e câmeras no espaço disponível para o encontro dos surdos na ASCE fez com que descartássemos a associação. Outra dificuldade inequívoca era a grande quantidade de pessoas surdas presentes nesses encontros, e o aumento desse número, encontro após encontro, também se apresentou como uma grande dificuldade. Além disso, Leite (2008) relatou a grande dificuldade encontrada no momento da realização das filmagens, o que não deixou de acontecer com a nossa pesquisa.

Por fim, após definirmos a Sala de Acessibilidade da Universidade Federal do Ceará – UFC, como o local ideal para realizar as filmagens, deparamos com outra dificuldade, a disponibilidade dos sujeitos surdos para comparecerem na hora e local fora da ASCE. Solucionamos essa dificuldade com a ajuda dos professores de Libras da UFC, ouvintes e surdos, que prontamente aceitaram ajudar participando, tanto na logística quanto na contribuição com as informações.

A última etapa consiste na seleção do *corpus* e na análise dos dados que vem sendo feita com base em nosso referencial teórico e nas evidências percebidas nas conversas espontâneas entre os surdos.

Para a produção final desse trabalho foi feita uma sessão de fotos para ilustrar a parte teórica da pesquisa. Essas fotos foram feitas em uma manhã na Universidade Estadual do Ceará por um professor dessa instituição e contamos o auxílio de dois membros do nosso grupo de pesquisa como modelos.

### **3.2 Instrumentos de pesquisa**

Embora não haja obrigatoriedade do uso de entrevistas em pesquisa qualitativa, Duarte (2004) afirma que ela ainda é muito requisitada. A utilização de entrevista requer, no entanto, um planejamento prévio e manutenção do componente ético, desde a escolha do participante, do entrevistador, do local, do modo ou mesmo do momento para sua realização (BICUDO, 2006). Embora, nessa pesquisa não seja utilizada a entrevista, optamos por fazer um planejamento cuidadoso de todos esses elementos citados por Bicudo (2006).

Na proposta desse trabalho atendemos as exigências éticas e científicas, implicando em autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade aos participantes (HOSSNE, 1999, COZBY, 2003).

Os entrevistados foram orientados sobre o objetivo das informações coletadas, o direito ao sigilo profissional e a interrupção da entrevista. Somente após o término destas orientações e após o livre consentimento e autorização expressa (FALCÃO & TÉNIES, 2000) é que as nossas conversas foram iniciadas.

Segundo Schraiber (1995), o uso do gravador é indicado para que seja ampliado o poder de registro e captação de elementos de comunicação muito importantes que podem se perder se não houver a gravação, como: pausas de reflexão, dúvidas, entonação da voz e ainda o aprimoramento da narração. Essa ideia é compartilhada também por Patton (1999) e Rojas (1999), pois a gravação preserva o conteúdo original e pode ser acionado sempre que houver necessidade durante a análise do material.

A pesquisa em questão trata de uma língua de modalidade visuoespacial, dessa forma, impossibilita o uso de gravador, sendo necessário trabalhar com filmagens em vídeo. Segundo Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005), a evolução dos recursos tecnológicos permitiu uma melhoria no processo de gravação de dados por meio de videogravação<sup>22</sup>. A filmagem passou a captar sons e imagens que reproduzem muitos aspectos que podem interferir na coleta dos dados. Por se tratar de filmagens e pela oportunidade e importância de criar um banco de

---

<sup>22</sup> Termo utilizado pelos autores, optamos por deixar nessa passagem do texto, muito embora mais a frente nossa opção seja por utilizar apenas filmagem.

dados iconográficos em Libras, os sujeitos assinaram um segundo termo, sendo esse um termo de autorização de uso de imagem, anulando assim, o critério de sigilo do TCLE.

A imagem se torna, assim, um instrumento muito rico para captar o objeto de estudo, pois diminui questões ligadas à seletividade do pesquisador e configura a produtividade e estabilidade do estudo (SACAPPATICCI, IACOPONI & BLAY, 2004). Além disso, os dados podem ser manipulados e examinados a qualquer momento da pesquisa pelo pesquisador e/ou por seus colaboradores, mantendo a neutralidade dos dados. O uso do vídeo permite ao pesquisador um certo grau de exatidão na coleta e análise de informações, uma forma de comprovação frente aos questionamentos subjetivos da pesquisa qualitativa (KENSKI, 2003).

A filmagem ainda abre um leque de opções ao se examinar e interpretar os dados repetidas vezes, pois o pesquisador pode descobrir novas informações não percebidas antes, além de novos caminhos a serem trilhados diferentes daqueles planejados em princípio (BELEI *et al*, 2008).

Lander (2000 *apud* Belei et al, 2008, p.193) faz uma observação importante para as pesquisas que utilizam a filmadora para coletar seus dados:

Para utilizar as tecnologias de vídeo na pesquisa e na educação, no entanto, é necessário preparo. Escolher o ambiente de acordo com a estrutura física, verificar se o local comporta a instalação da filmadora, a disposição dos móveis, a iluminação e o fluxo de pessoas. Além disso, é preciso criar um clima adequado para a coleta de dados, permitindo que o sujeito da pesquisa participe e expresse suas opiniões.

Como em nossa pesquisa o uso da filmadora é imprescindível, torna-se necessário que o cuidado com a escolha do equipamento, do local, da iluminação, entre outras coisas que podem interferir na nossa coleta.

### **3.3 Da coleta do *corpus* da pesquisa**

Os informantes da pesquisa foram quatro surdos fluentes na língua brasileira de sinais, dois homens e duas mulheres, todos eles professores do ensino superior, sendo três da UFC e uma do IFCE. Eles se revezaram em conversas de duplas e depois conversaram os quatro ao mesmo tempo. Todos os informantes já se conheciam, o que tornou a interação muito mais fluida. Os tópicos das conversas foram apresentados previamente e aos informantes foi solicitado que conversassem livremente. Nessa pesquisa procuramos tornar o ambiente bastante amigável, a fim de que as conversas se tornassem as mais espontâneas possíveis, visto termos a etnometodologia como princípio da AC.

No total foram nove pessoas envolvidas na coleta dos dados. A pesquisadora, a orientadora, um bolsista ligado ao projeto de pesquisa da orientadora, um professor da universidade, uma intérprete e os quatro informantes surdos. Sobre os informantes surdos podemos destacar que todos são filhos de pais ouvintes e nasceram surdos. Dois dos informantes têm na família outras pessoas surdas como, irmãos e primos. Dois dos informantes aprenderam a LS antes dos cinco anos de idade, enquanto que os outros dois só aprenderam alguns sinais depois dos dez anos. Todos os informantes têm contato diário com outras pessoas surdas desde criança. Três dos informantes são oralizados, enquanto apenas um deles alega não ser falante de LP. Todos eles têm nas famílias parentes que conhecem e usam a Libras para fins de comunicação. Os quatro informantes estudaram em escolas especiais para surdos quando eram crianças. Todos são graduados em Letras-Libras e atualmente são professores concursados, três da UFC e um do IFCE. Um dos informantes em Mestre em Educação, outro mestrando em Linguística e os outros dois têm concluído o curso de especialização.

Utilizamos de início duas câmeras para filmagem dos encontros entre surdos, mas logo verificamos a impossibilidade em editar os vídeos e, por fim, decidimos usar uma só câmera filmando sem interrupções, atendendo às indicações de Speváková e Robinson (s/d)<sup>23</sup> (a ser descrito).

Os encontros de conversa dos informantes estando realizados, após a gravação, o trabalho dos intérpretes foi imediato. Alguns trechos dos textos interpretados foram transcritos para inserção nesse documento de tese, uma vez que as análises demandam a apresentação escrita. Essas transcrições, após realizadas, foram organizadas e divididas em quadros segundo as categorias de tópico, e já previamente utilizadas para as induções das conversas entre surdos. Ressaltamos que foram realizados 131 minutos de gravação, num total de 14 vídeos que tiveram alguns tópicos como motivação:

1. A associação de Surdos do Ceará – ASCE;
2. O trabalho como professores da UFC;
3. Aquisição da linguagem – Libras e Língua Portuguesa;
4. Lembrança mais antiga da escola;
5. Família, escola e sociedade;
6. Uma situação vivida por eles que ficou mal resolvida;
7. Compras coletivas na internet;
8. Um mal necessário (atividades realizadas por obrigação);
9. Leitura, compreensão de textos em português, dificuldades encontradas, gramática da LP;

---

<sup>23</sup> SPEVÁKOVÁ, Sarka e ROBINSON, Caroline. Como filmar a ciência. Curso On-line de Jornalismo Científico. s/d. Disponível em: <[http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod\\_8.pdf](http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod_8.pdf)> Acesso em 04nov2013.

10. O que de fato para eles significou a Lei nº10436 e o que foi modificado na vida deles após a homologação dessa lei;
11. O que fazem nos momentos de folga. Esses momentos podem ser na família, na associação e em outros lugares onde eles encontram outros surdos;
12. Os cursos ministrados por eles (aqueles cursos básicos, conversação...) para ouvintes;

Da mesma forma que citado por Leite (2008), percebemos que o fato de os sujeitos serem antigos amigos, se refletiu numa maior espontaneidade de suas conversas, os sujeitos se mostraram altamente relaxados e descontraídos no desenrolar da conversa. Segundo o autor (p. 139):

por mais relevantes que sejam os esforços de neutralizar os constrangimentos<sup>24</sup> de gravação para os participantes numa pesquisa, mais fundamental à coerência metodológica do estudo é o registro e a explicitação das circunstâncias da gravação, a fim de que a análise possa ser apropriadamente avaliada e dimensionada em face do contexto de emergência dos dados. Cada situação de fala particular, seja menos ou mais espontânea, deve sempre ser compreendida dentro das circunstâncias que a suscitam e que a restringem.

Acreditamos que a realização das filmagens foi feita dentro do padrão e sem maiores problemas, visto que buscamos evitar problemas apontados por alguns autores que pesquisaram a língua de sinais utilizando o recurso de vídeo.

### **3.4 Diário de Pesquisa**

Durante os encontros foi feito pela pesquisadora um diário de pesquisa, no qual foi anotado minuciosamente os acontecimentos dos momentos de conversa, desde a data e horário até o assunto tratado. Os encontros tiveram início dia 11 de agosto de 2012 na ASCE, onde houve uma reunião com um grupo grande de surdos que frequenta a associação. No dia 24 de maio de 2013 ocorreu o último encontro e filmagens, já nas dependências da UFC.

Durante o primeiro encontro, que aconteceu na ASCE, foi feita uma observação do local onde possivelmente iriam ser realizadas as filmagens. Nesse dia estavam presentes na associação cerca de oitenta surdos mais uma turma de alunos ouvintes de um curso de formação de intérpretes realizado pela ASCE. Totalizando umas cento e dez pessoas. Primeiramente o projeto dessa tese foi exposto ao grupo de surdos, de quem tivemos um apoio quase que total, somente alguns surdos não se manifestaram.

---

<sup>24</sup> Não entendemos constrangimento aqui como uma categoria estabelecida por Goffman (1967), mas sim, um possível mal estar entre os interlocutores gerado pelo uso da filmadora.

Um outro encontro aconteceu na sala da Secretaria de Acessibilidade da UFC. Inicialmente conversamos todos juntos ouvintes (eu, professor e bolsista) e surdos (4 informantes) e falamos sobre diversos assuntos. Nesse encontro já estávamos com a filmadora e a intenção era fazer uma filmagem piloto. Foram sugeridos três temas para as conversas: a Associação de Surdos do Ceará – ASCE, o trabalho como professores da UFC e a aquisição da linguagem – Libras e língua Portuguesa. Esse encontro foi encerrado com a manifestação de que a pesquisa gerasse benefícios para a comunidade surda brasileira.

No encontro seguinte, que aconteceu no dia 29 de abril de 2013, na sala dos professores de Libras da UFC, montamos uma agenda com prováveis datas para os encontros subsequentes. Mais uma vez discutimos sobre o projeto dessa pesquisa e a importância de estudos voltados à linguística das LS.

No dia 06 de maio de 2013, voltamos a nos encontrar para realizar as filmagens. Os tópicos propostos para as conversas foram: lembrança mais antiga da escola, família, escola e sociedade. Estabelecemos dois grupos, cada um com dois surdos, duas mulheres e dois homens. Muito embora, a ideia foi, desde o início, mesclar de todas as formas possíveis. Depois desse encontro alguns outros foram remarcados devido a incompatibilidade de horários da pesquisadora e dos informantes.

O encontro seguinte ocorreu no dia 14 de maio de 2013 e os tópicos sugeridos foram; uma situação vivida por eles que ficou mal resolvida, compras coletivas na internet e um mal necessário (atividades realizadas por obrigação). Outros temas foram conversados, como: como vocês se conheceram, trabalho na UFC e o primeiro encontro de professores de Libras do ensino superior. Vale ressaltar que esses tópicos não foram sugeridos pela pesquisadora, mesmo assim a filmadora ficou ligada até o final da conversa.

O último dia de encontro foi realizado em 24 de maio de 2013, na sala dos professores de Libras. Foi estabelecido apenas um grupo com os quatro surdos e os temas: leitura, compreensão de textos em português, dificuldades encontradas, gramática da LP; o que de fato para eles significou a Lei nº 10.436 e o que foi modificado na vida deles após a homologação dessa lei; o que fazem nos momentos de folga; cursos ministrados por eles para ouvintes. A filmagem dessa data foi realizada pelo professor de Libras colaborador dessa pesquisa, pois a pesquisadora estava ausente e a data prevista no agendamento dos encontros foi mantida.

### **3.5 Transcrição dos dados em LS**

Em trabalho anterior (SERRA, 2009), citamos a importância da transcrição de dados coletados através de filmagens. No caso da Libras, apresentamos o protocolo de transcrição sugerido por Felipe (1988), mesmo cientes do grande desafio que é fazer a transcrição de dados tão singulares optamos por apresentar uma amostra da transcrição dos dados coletados por nós no período supracitado. A dificuldade segundo McCleary & Viotti (2007, p. 73)

Diferentemente das línguas orais, que há milhares de anos têm sido representadas por um sistema quase-fonológico -- o alfabético -- que se presta à transcrição de texto oral e que pôde ser, sem grandes inovações, adaptado à representação fonético-fonológica, as línguas sinalizadas carecem de qualquer sistema de escrita largamente aceito, que possa servir como base de uma transcrição própria. (p.73)

Para os autores é de extrema importância que o analista possa representar a língua em estudo de forma fixa e simplificada. Da mesma forma, Marcuschi (2007) explicita que não existe a melhor transcrição e que todas podem ser úteis desde que o analista conheça seus objetivos e saiba o que é mais relevante assinalar. Para ela “a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados” (p.09).

Nos últimos anos alguns modelos de proposta de transcrição de língua de sinais foram apresentadas, como o sistema de SignWriting, de Valerie Sutton (1996). De forma mais geral, o sistema que vem sendo adotado é a variação de um sistema de glosas, em que uma palavra numa língua oral é grafada em maiúsculo para representar o sinal manual com o mesmo sentido.

Em nossa pesquisa utilizamos o sistema denominado de “*Sistema de notação em palavras*” e tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais. Esse protocolo de transcrição (FELIPE, 1988) que adotaremos vem sendo utilizado para representar uma língua visuoespacial e será descrito no quadro<sup>25</sup> (1) abaixo:

Procedimentos utilizados	Exemplos
Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.	ESTUDAR, FAMÍLIA
Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.	LEITURA-LABIAL, CONHECER-NÃO
Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia	CASA^CRUZ “igreja”

<sup>25</sup> Quadro retirado na íntegra de trabalho anterior nosso Serra (2009).

de uma única coisa, serão separados pelo símbolo (^).	
A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra, por hífen.	A-R-A-T-U-B-A, B-E-L-O-H-O-R-I-Z-O-N-T-E
O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer a LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico.	<i>R-S</i> “reais”, <i>N-U-N-C-A</i> “nunca”
Na LIBRAS, não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.	AMIG@ “Amigo(s) amiga(s), PROFESSOR@ “professor(ES) professora(s)”
Os traços não-manuais: expressões faciais e corporais, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma ideia, que pode ser em relação ao: a) tipo de frase ou advérbio de modo: <i>interrogativa</i> ou... <i>i</i> ... <i>negativa</i> ou ... <i>neg</i> ... etc Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?! b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f “espantado” etc;	interrogativa <b>COMO</b> ou ... <i>i</i> ... <b>COMO</b>  negativa <b>ENTENDER</b> <b>ou</b> ... <i>neg</i> ... <b>ENTENDER</b> muito <b>ESTUDAR</b>
Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito.	pessoa <b>IR</b>
Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará: a) a variável para o lugar: <i>i</i> = ponto próximo à 1ª pessoa, <i>j</i> = ponto próximo à 2ª pessoa, <i>k'</i> = pontos próximos à 3ª pessoas, <i>e</i> = esquerda, <i>d</i> = direita; b) as pessoas gramaticais: <i>1s, 2s, 3s</i> = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular; <i>1d, 2d, 3d</i> = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual; <i>1p, 2p, 3p</i> = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural;	<sup>3s</sup> <b>PERGUNTAR</b> <sub>3s</sub> “ela perguntar eu”  <sub>d</sub> <b>PASSAR</b> <sub>e</sub> <sub>e</sub> <b>PASSAR</b> <sub>d</sub>
Às vezes, há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito	AMIGO +



acima do sinal que está sendo repetido:	
Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).	IGUAL (md) IGUAL (me) PESSO@PASSAR (md) PESSO@EM- PÉ (me)

Quadro 2: Modelo de transcrição para textos em língua de sinais.

No capítulo seguinte, referente aos resultados e discussão, apresentaremos trechos transcritos acompanhados de imagens para uma melhor compreensão dessa transcrição. Os trechos selecionados para transcrições foram de vídeos que tinham mais de dois interlocutores. O que julgamos relevante apresentar nas transcrições que não tinham uma definição na proposta de Felipe (1988) está explicado nas notas ao final das transcrições. Vale ressaltar que as transcrições logo mais apresentadas foram realizadas com o auxílio de dois profissionais intérpretes de língua de sinais.

### 3.6 Dos procedimentos de análise

Antes de realizarmos análise dos dados primeiramente foi feito um recorte para a composição do *corpus*, pois não foi viável a análise de todo o material coletado nos encontros. Os vídeos foram selecionados da seguinte forma: pela familiaridade dos informantes com o tema, pela presença de maior número de informantes e pelo tempo de filmagem de cada vídeo<sup>26</sup>.

Embora o material selecionado para a análise seja o que está presente nas filmagens, solicitamos auxílio de uma intérprete de Libras. Assim, foi feita a interpretação dos vídeos para a língua portuguesa de forma a esclarecer algumas falhas na interpretação da pesquisadora. Depois disso a revisão dos vídeos foi feita repetidas vezes, pois percebemos o quão exaustivo seria o trabalho de manipulação dos vídeos.

Observando os temas podemos perceber que os tópicos foram variados, cruzando assuntos diretamente ligados à comunidade surda e outros comuns a qualquer pessoa, surda ou ouvinte. Além da variedade, compreendemos o grande número de temas, mas a intenção foi realizar a filmagem de momentos de interação entre surdos e os temas foram sendo incorporados à medida que se fazia necessário. Devido a isso, a escolha de fazer um recorte entre os dados ficou clara, dada a dificuldade de se analisar tanto tempo de conversa.

<sup>26</sup> Os vídeos estão disponíveis em forma de DVD nos anexos dessa pesquisa.

Uma vez que elegemos o tópico discursivo como nossa categoria analítica das conversas entre surdos em Libras, vamos trazer em nossa análise resultados acerca das propriedades relacionadas a essa categoria, a saber: a centração e a organicidade. Ao analisarmos a centração apresentaremos se houve ou não o atendimento de aspectos específicos dessa propriedade como a concernência, a relevância e a pontualização. Na análise da organicidade tentamos observar e mostrar o atendimento plano hierárquico distribuído verticalmente em supertópico, tópico e subtópico. Baseados no estudo do tópico discursivo e nos resultados alcançados, esperamos mostrar nosso objetivo de propor mais uma propriedade ao estudo do tópico em conversas em línguas visuoespaciais. A essa nova propriedade chamaremos de espacialização, que acreditamos ter relação direta como o canal visual e motor das LS.

Os resultados dessa análise serão apresentados em forma de quadros, seguindo o trabalho proposto por Maia-Vasconcelos (2010), pois da mesma forma buscamos mostrar a simultaneidade que pode existir em conversas em LS. Maia-Vasconcelos (2010) tratando sobre o discurso de adolescentes em fim de vida propõe que

A análise não tem por objetivo hierarquizar as falas dos participantes, daí por que a escolha de quadros temáticos cuja organização se torna muito difícil, vez que é impossível operar uma simultaneidade de dados por escrito. Assim, sem ter a possibilidade de simultaneidade de importância, os quadros organizam as falas selecionadas atribuindo-lhes o mesmo nível de importância para a pesquisa (MAIA-VASCONCELOS, 2010, 192).

Além dos quadros temáticos, mostraremos imagens feitas no momento da interação entre os informantes surdos, gráficos que vão nos apontar a hierarquia tópica e, além desses, outros gráficos que vão delinear a teia conversacional entre eles, de forma que essa teia se apresente de maneira pertinente ao tópico solicitado. Passemos então a apresentação dos resultados e algumas discussões acerca do que foi encontrado nessa pesquisa. Vale ressaltar que nos resultados os informantes serão tratados pelo primeiro nome, visto a assinatura de uma autorização de imagem já citada anteriormente.

## 4. DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“El problema deriva del hecho de que los eventos de nuestra experiencia nunca imponen el marco con el cual conviene interpretarlos. Cualquier situación es susceptible de ser el objeto de múltiples encuadres, incluso de encuadres contradictorios. Los hechos no hablan por sí mismos. Siempre nos corresponde ‘hacerlos hablar’ o, em otras palabras, conferir um sentido a los eventos. [...]?En que circunstancias estimamos que lãs cosas son reales?, el elaboaraba La hipótesis de que La realidad por si sola no es suficiente y que la movilización de nuestras convicciones es determinante.” (GOFFMAN, 1991, p. 245).*

Neste capítulo, apresento e discuto os resultados da investigação empreendida no período do doutorado, com vistas a demonstrar o alcance dos objetivos propostos no projeto que antecedeu essa pesquisa. Assim, apresentaremos uma análise sobre os processos de interação, que já foram pesquisados e discutidos nas LO (MARCUSCHI, 1986, 2007; SACKS, 1992; FÁVERO, 2005; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; SCHEGLOFF, 2007; LIDDICOAT, 2011), a partir da interação numa LS, no caso, a Libras. Nosso interesse é mostrar que os elementos utilizados em línguas orais são partilhados também nas línguas de sinais até o momento em que a espacialização<sup>27</sup> não seja fator determinante para a interação. Portanto, buscamos apresentar evidências de que o desenvolvimento do tópico discursivo, assim como suas propriedades, estão presentes nos discursos realizados em línguas visuoespaciais.

Os resultados foram divididos obedecendo a ordem de gravação dos vídeos, uma vez selecionados e analisados. Para mostrar os resultados obtidos optamos por utilizar imagens dos informantes, quadros sistemáticos, gráficos que apontem o supertópico, os tópicos e os subtópicos e, por fim, figuras que demonstrem de forma autoexplicativa a teia conversacional que surge durante a interação dos interlocutores e o alcance do tópico discursivo solicitado.

### 4.1 Análise do vídeo 1: Lembrança mais antiga da escola

---

<sup>27</sup> Esse conceito será apresentado na análise do vídeo 3.

O primeiro vídeo analisado foi de uma conversa entre as informantes Vanessa e Kátia, o tema foi “Lembrança mais antiga da escola”, e a conversa teve duração de 00:10:07 min. Lembramos que essa filmagem foi realizada na Sala de Acessibilidade da UFC. Esse foi um dos primeiros vídeos realizados e podemos perceber um ligeiro nervosismo por parte das informantes. Um nervosismo inicial que foi se desfazendo à medida que a conversa ia se desenvolvendo. Foi intenção nossa iniciar com um tema mais ameno a fim de proporcionar maior espontaneidade e conforto diante da câmera.

As lembranças da escola foram surgindo de acordo com a invocação de nomes de amigos antigos e nome das escolas onde as informantes estudaram quando crianças. Logo em seguida, o que não é incomum, surgiu na conversa o tópico sobre as dificuldades com a LP, a proibição do uso da LS nas escolas e, por fim, elas discutiram sobre a melhoria no ensino para surdos, na melhoria das escolas. As informantes admitiram que enquanto estavam na escola, aprendiam a oralizar e muito pouco do que aprendiam de sinais era fora da escola. Lembram que quando crianças tinham uma comunicação bastante limitada e misturavam gestos e sinais. Fazem uma comparação do surdo com um papagaio que apenas repete o que lhe é dito, mas não aprende de fato.

As informantes comparam o ensino nas escolas de antigamente com o das escolas de hoje e lembram-se de ter sido alunas de professores ouvintes. Aproveitam e citam como exemplo a escola bilíngue, em fase de implantação na cidade de Fortaleza. Até esse momento a conversa atendeu as especificações do supertópico, do tópico e dos subtópicos, mas as digressões que tratavam sobre os modelos de ensino para surdos, oralismo e sobre a filosofia bilíngue fizeram com que ocorresse a ruptura tópica. Muito embora essa ruptura não tenha atrapalhado a interação, propiciou uma fuga mais ampla do tópico solicitado quando as informantes falaram sobre namoro entre pessoas surdas. Mesmo assim, a interação se mantém no vídeo até que elas<sup>28</sup> julgam o assunto encerrado.

As observações propostas por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003) são percebidas na interação entre as informantes. A troca de falantes ocorre, a ordem das falas não é pré-estabelecida e o tamanho da cada fala não é fixo, o que nos aponta o atendimento das exigências para que haja a interação.

---

<sup>28</sup> Coube aos participantes definir a extensão da interação e encerrá-la a qualquer tempo.



Imagem 1 – Vanessa e Kátia. Momento da interação.

A análise desse vídeo pode ser melhor visualizada no quadro abaixo:

Supertópico	Lembrança mais antiga da escola
Objetivo	Observar o uso do Tópico e do Subtópico
Hipótese	Ocorre o uso do Tópico e do Subtópico e os temas ligados a eles aparecem com frequência na fala das informantes; ocorre a ruptura do Tópico, mas há a retomada tópica.
Resultado	A marca de Tópico é a evocação de memórias do tempo escolar, o nome da escola, a lembrança dos amigos; o uso do Subtópico pode estar presente na dificuldade de se estudar em LP com a proibição da LS, a melhora das escolas para surdos nos dias atuais; mas a ruptura do tópico é muito recorrente e é marcada pela comparação entre os modelos de ensino, a filosofia bilíngue, namoro entre surdos, fala sobre o uso do termo escola bilíngue antes da homologação da lei; mas há a retomada tópica pela inserção de termos como: escola, criança, professora. Dando continuidade a conversa.

Quadro 3: Síntese da interação 1

No que diz respeito à centração, ou como o tópico será tratado na interação, as informantes estabelecem que vão discorrer sobre alguns fatos que marcaram suas vidas durante o período de escolarização, utilizando alguns referentes explícitos quando citam o nome de escolas ou de amigos o que contribui para o desenvolvimento da interação. A concernência é justificada pela presença de elementos próprios da Libras, marcados pelas

referências feitas ao longo da conversa. A relevância e a pontualização são comprovadas pelo atendimento ao tema proposto. A interação é preservada e durante toda a conversa as informantes buscam manter o foco no que foi solicitado.

No vídeo analisado não percebemos o predomínio de nenhuma das interlocutoras durante a interação. Elas demonstram familiaridade com o tema proposto e a conversa flui naturalmente. Embora exista a ruptura do supertópico, a presença do tópico e do subtópico auxiliam no desenvolvimento da interação entre elas. Uma apresentação do gráfico proposto por Fávero (2005) seria da seguinte forma:



Gráfico 2: Plano hierárquico do vídeo 1

#### 4.2 Análise do vídeo 2: Um mal necessário

O segundo vídeo analisado foi uma conversa entre os informantes Rodrigo e Sérvulo. Uma das marcas das interações entre essa dupla é a descontração presente sempre na fala de Sérvulo e a postura diferenciada de Rodrigo. O vídeo tem duração de 00:06:50 min e trata de dois temas sugeridos pela pesquisadora. O primeiro solicitava que eles conversassem sobre “um mal necessário (atividades realizadas por obrigação)” e em seguida, com a intenção de estender um pouco a conversa entre eles, foi sugerido um tema sobre a forma como eles se conheceram.

Atendendo a solicitação de conversar sobre um mal necessário, os informantes citaram imediatamente a obrigatoriedade de escrever em LP nos trabalhos acadêmicos. A dificuldade de conviver com a LP nas mais variadas situações. E, ainda, a falta de

conhecimento do significado de algumas palavras em LP. Os interactantes falaram ainda do trabalho como professores, da distribuição de turmas e da necessidade recorrente de alterar e inserir novas informações ao currículo, o que nos remete ao uso da LP.

Sobre o segundo tema proposto para a conversa, houve um início de constrangimento quando eles se perguntam sobre o que, mais especificamente, vão falar. O informante Rodrigo cita a má aparência do colega Sérvulo e aponta o cigarro como motivo para isso. Por sua vez, Sérvulo apenas concorda. A inserção tópica acontece quando Rodrigo diz que Sérvulo poderia voltar a ser como antes, quando era jovem. Isso nos mostra que eles se conheceram antes desse momento de interação e nesse momento eles atendem a proposta de tema.

Da mesma forma que na primeira interação analisada por nós, nesse momento percebemos o atendimento dos pontos estabelecidos para que a interação ocorra. A extensão da conversa não foi pré-estabelecida, a troca de fala ocorre, a conversa é marcada por breves intervalos e ligeiras sobreposição de falas, da mesma forma que o cada um dos falantes diz não é previamente especificado.



Imagem 2 – Rodrigo e Sérvulo. Momento da interação.

Podemos observar a análise desse vídeo agrupada no seguinte quadro temático:

Tópico	Um mal necessário (atividade realizada por obrigação) + Como vocês se conheceram <sup>29</sup>
--------	------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>29</sup> Essa segunda parte do tópico foi inserida para que os informantes desenvolvessem um pouco mais sua fala.

Objetivo	Observar o uso do Tópico, do Subtópico e do constrangimento durante a conversa.
Hipótese	Ocorre o uso do Tópico e do Subtópico e os temas ligados a eles aparecem com frequência no primeiro momento na fala dos informantes; ocorre a ruptura do Tópico no segundo momento e a retomada tópica demora a acontecer e só aparece no final da interação.
Resultado	A marca de Tópico <i>falar de atividades que não sejam agradáveis para os informantes, a escrita, os trabalhos dos cursos obrigatórios em LP, assumir várias disciplinas no mesmo dia, ter três turmas, quadro de distribuição de disciplinas</i> ; o uso do Subtópico pode estar presente em termos como <i>chateação, precisar escrever, por que não fazer em Libras, trocar currículo, palavras desconhecidas em LP</i> ; mas a ruptura do tópico é muito recorrente quando se fala como eles se conheceram, podemos apontar termos como <i>vamos falar sobre o que?, sua aparência está ruim, é por causa do cigarro, Você precisa se cuidar mais</i> ; mas há a inserção tópica percebida pela expressão: <i>Você voltar como <u>era antes</u></i> .

Quadro 4: Síntese da interação 2

Dessa forma, a primeira conversa gira em torno do desconforto gerado pela obrigação de fazer algo, preservando assim as propriedades da categoria analítica de centração. A concernência é percebida pela relação entre as falas e pelas possíveis inferências que podemos fazer pelo que está sendo dito pelos interlocutores. A relevância está presente pela inserção do tópico imediata, a obrigatoriedade da escrita em LP. A pontualização também se confirma pela manutenção tópica.

Em se tratando do segundo tópico sugerido a centração só é percebida no final da interação entre os interactantes. Mas a concernência, a relevância e a pontualização são pontuadas pelas escolhas do que vai ser dito. Pois eles utilizaram mecanismos de referenciação que não foi prontamente compreendido exatamente pelo fato dessa referência ser de quando eles se conheceram. Assim, ao final da fala, depois de superar o primeiro momento de não compreensão das inferências, é possível compreendermos sobre a forma como eles se conheceram e ver que de fato eles já se conheciam antes desse momento de conversa.

Como o princípio da organicidade está relacionado aos aspectos intertópicos e intratópicos, podemos mostrar a relação entre o supertópico, o tópico e o subtópico da seguinte maneira.





Gráfico 3: Plano hierárquico do vídeo 2

### 4.3 Análise do vídeo 3: O trabalho como professores da UFC

A partir da análise desse vídeo tivemos o acréscimo de mais um interactante para o desenvolvimento do tópico sugerido, de modo que o número de envolvidos pode variar como apontaram Sacks, Schegloff e Jefferson (2003). O vídeo foi feito com os informantes Rodrigo, Kátia e Sérvulo e teve duração de 13 min. Ressaltamos que esse vídeo foi realizado na sala dos professores de Libras da UFC, na Faculdade de Educação. O tema proposto foi “o trabalho como professores da UFC”, visto que os três informantes são professores efetivos do Curso de Letras Libras nessa instituição.

A conversa se inicia com o informante Sérvulo falando sobre seu trabalho no Instituto de Educação de Surdos de Ceará e faz uma ligeira comparação com o trabalho na universidade. Todos os informantes falam da responsabilidade que vem atrelada ao trabalho no nível superior. A continuidade se dá quando eles falam sobre o trabalho propriamente dito, sobre a rotina, as reuniões. A partir daqui ocorre a primeira ruptura tópica quando se fala na falta de intérpretes e na necessidade que eles sentem de uma maior independência, que pode ser entendido como uma incoerência presente na fala dos informantes. Em seguida, Kátia retoma o tópico quando fala de quando entrou na UFC através de concurso, fala também do uso de materiais para as aulas e da grande quantidade de atividades que a profissão exige deles. Uma nova ruptura se desenha quando Rodrigo fala sobre um curso que fez sobre sinais internacionais, sobre a burocracia, a necessidade de preenchimento de fichas e formulários e volta a falar da falta de intérpretes e da importância da afinidade entre eles e os intérpretes

com quem possivelmente irão trabalhar. A retomada do tópico ocorre mais uma vez quando se fala do trabalho em sala de aula com os alunos, sobre o perfil do professor de Libras e sobre futuras pesquisas que envolvam essa LS.

Durante a interação com esse grupo de informantes percebemos que em alguns momentos a conversa vem acompanhada de uma marca perceptível que Goffman (1967) chama de constrangimento. Diante de uma situação de constrangimento os informantes podem ou não sanar o mal estar estabelecido por essa marca que se apresenta tanto em conversas formais como em conversas informais. O constrangimento pode ser negligenciado e os sujeitos seguem com a interação. Nesse caso, o constrangimento ocorre em dois momentos diferentes. O primeiro quando se fala em reunião chata, os sujeitos se olham como se isso não soasse bem, mas esse mal estar é desfeito quando se fala que é uma coisa comum e que todo mundo diz isso mesmo. Num segundo momento ele ocorre quando há uma divergência entre informações sobre afinidade entre professor e intérprete. Esse constrangimento é resolvido porque eles resolvem adiar a conversa para quando a intérprete estiver presente. Antes de encerra o tópico, porém, surgem outros temas inseridos pelos informantes que quebram o tópico proposto, quando eles falam sobre a tecnologia e a facilidade de se enviar vídeos pelo computador e pelo celular.

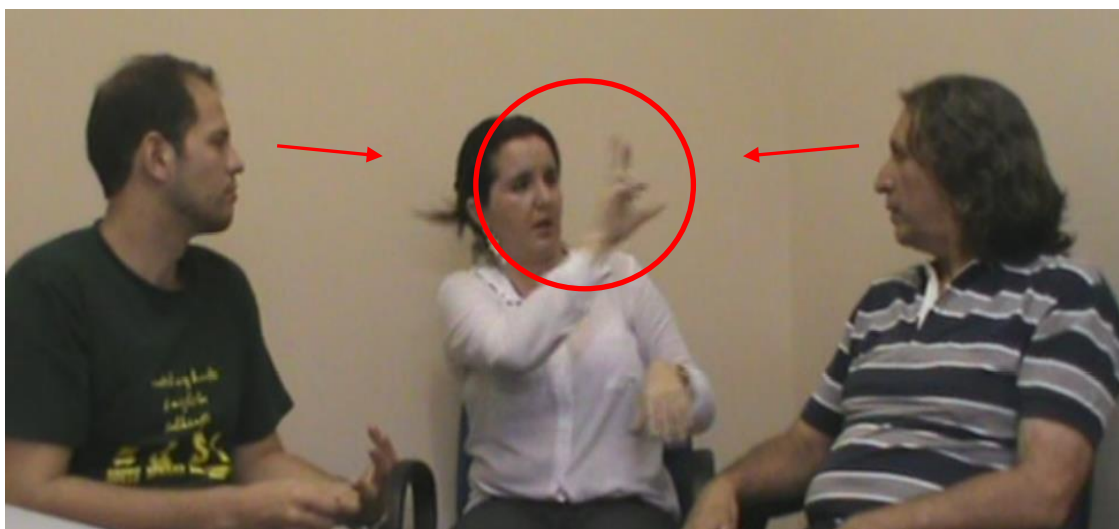


Imagem 3 – Rodrigo, Kátia e Sérvulo. Exemplo do acompanhamento visual sobre o que está sendo dito.

Tópico	O trabalho como professores da UFC
Objetivo	Observar o uso do Tópico, do Subtópico e do constrangimento durante a conversa.
Hipótese	Ocorre o uso do Tópico e do Subtópico e os temas ligados a eles aparecem com

	frequência no primeiro momento na fala dos informantes; pode ocorrer a ruptura do Tópico no segundo momento e a retomada tópica; caso ocorra o constrangimento ele é desfeito pelos interlocutores antes do final da interação.
Resultado	A marca de Tópico <i>professores da UFC, universidade, responsabilidade</i> ; o uso do Subtópico pode estar presente em termos como <i>outros trabalhos, idade, reuniões, eventos, rotina</i> ; mas a ruptura do tópico é eloquente quando se fala em <i>não temos intérpretes, independência</i> ; mas há a retomada tópica percebida por expressões: <i>eu entrei em 2011, material já utilizado, muitas atividades</i> . Em seguida ocorre uma nova ruptura quando se fala em: <i>sinais internacionais, burocracia, falta de intérprete, afinidade entre eles e os intérpretes</i> . O tópico é retomado mais uma vez em <i>sala de aula, alunos, dar aula, perfil de professor, novas pesquisas</i> . O constrangimento ocorre em dois momentos diferentes. Primeiro quando se fala em <i>reunião chata</i> e ele é desfeito quando se fala <i>todo mundo diz isso</i> . Segundo momento quando há uma divergência entre informações sobre afinidade entre professor e intérprete. Eles resolvem adiando a conversa para quando a intérprete estiver presente. Em determinado ponto da conversa surgem outros temas inseridos pelos informantes que quebram o tópico proposto, pode ser percebido em termos como <i>tecnologia, envio de vídeos, boa internet, webcan</i> .

Quadro 5: Síntese da interação 3

A análise desse vídeo, se comparada a dos dois primeiros, foi um pouco mais complexa, pois três informantes estavam interagindo entre si – formando o que chamamos tríade interacional. Veremos na sequência a complexização desse processo na interação entre surdos. Além disso, o tema sugerido exigiu maior elaboração no momento das falas. Em determinados pontos da conversa a centração pode ser comprometida, pois quando a conversa começa a se deslocar e ocorre a interferência que pode ocasionar a ruptura do tópico. Da mesma forma que logo em seguida ele é retomado. Na LP as interferências são mais tangíveis porque o sujeito da conversa é participante mesmo quando não é ele que está falando.

Como a Libras exige dos interactantes a participação pelo canal visual o que ocorre é o deslocamento do corpo para que haja o acompanhamento da interação faz parte da interação propriamente dita. Ou seja, é preciso olhar para quem fala mesmo que para isso seja necessário virar para um outro participante da conversa. Percebemos então no trabalho de análise da conversa em Libras a necessidade de estabelecer uma propriedade tópica a que chamaremos de *espacialização*. Nascido nas ciências da terra, o conceito de espacialização se define como a propriedade de distribuição de elementos/pontos de uma amostragem em um espaço pré-determinado. Nesse estudo propriedade é obrigatoriamente vinculada ao sentido visual e motor dos interactantes. Portanto, definiremos a espacialização do tópico como distribuição de pontos num espaço delimitado relacionada ao canal visuoespacial que pode ou não manter o desenvolvimento tópico.

Então quando Rodrigo está falando e Kátia desloca o corpo de forma a acompanhar o que está sendo dito, ela não pode acompanhar o que possivelmente Sérvulo podia ou não estar dizendo nesse momento. Da mesma forma ocorre quando Kátia que está no centro dessa interação se desloca para acompanhar Sérvulo e, portanto, não consegue acompanhar Rodrigo. Nesse vídeo específico acontece que Rodrigo fala sobre as responsabilidades de assumir um cargo de professor e Sérvulo concorda, mas Kátia não percebe a concordância entre ambos, pois está com o corpo voltado para acompanhar a fala de Rodrigo. A espacialização é a garantia de que o que está sendo dito pode ser acompanhado pelos participantes da interação. Essa propriedade é uma marca da LS, pois é necessário que o campo de visão esteja voltado para o falante no momento da fala. Na LP não é necessário que estejamos olhando para o falante para possamos escutar o que está sendo dito, mesmo de cabeça baixa podemos acompanhar e compreender o que o interlocutor está querendo dizer.



Imagem 4: Rodrigo, Kátia e Sérvulo. Deslocamento visual de Kátia.

Na imagem mostrada acima, podemos observar que Rodrigo e Sérvulo estão voltados para o que Kátia está dizendo a fim de que possam compreendê-la. Na imagem abaixo, Kátia desvia atenção ora para Rodrigo, ora para Sérvulo, pois a interação por vezes se apresenta com a sobreposição de falas.

Observando a propriedade de organicidade nessa interação entre os três interlocutores e levando em conta a relação dos planos hierárquico e linear, apresentamos abaixo o gráfico que melhor explica a dependência de super ou subordinação entre os tópicos e o grau de abrangência com que esses tópicos são levados na interação:

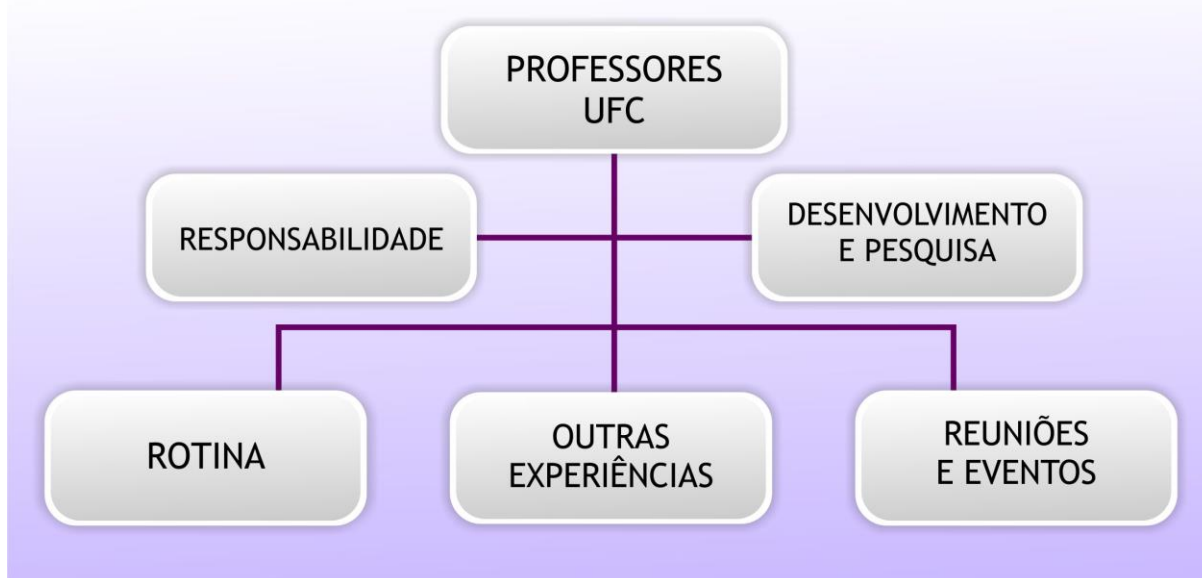


Gráfico 4: Plano hierárquico do vídeo 3

Acrescida a essas novas informações, temos o fato em alguns momentos da conversa um dos informantes pode tomar para si o domínio tópico. A partir daqui pontuaremos também a teia conversacional baseada no desenvolvimento do tópico discursivo sugerido para que a interação acontecesse. Chamamos de teia conversacional a pertinência do que se fala e a relação do que é dito com o tópico sugerido. Quanto mais próximos o supertópico, os tópicos e os subtópicos, o que indica a manutenção tópica, mais imbricada será a teia conversacional. Para essa interação traçamos o que acreditamos estar relacionado ao supertópico, aos possíveis tópicos e subtópicos e, ainda, as rupturas que podem ter ocorrido durante a conversa.

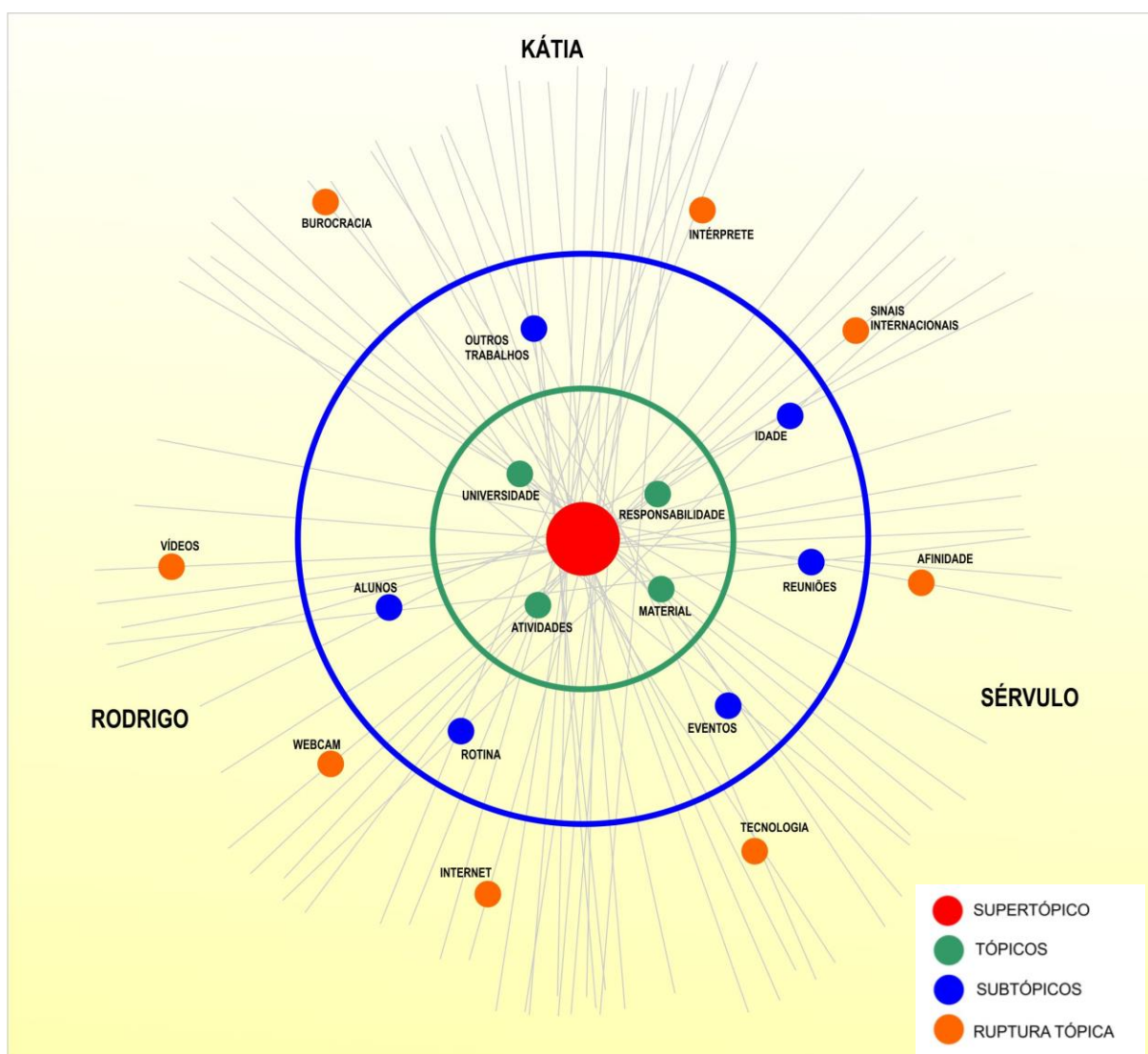


Gráfico 5: Modelo de teia conversacional do vídeo 3

Nesse gráfico da teia conversacional podemos perceber o que já foi explicitado no gráfico do plano hierárquico relacionado ao tópico sugerido. Na teia, porém, foi acrescentada a ruptura tópica. No desenho foram inseridos os termos que mostram o atendimento aos tópicos e subtópicos e, da mesma forma, os termos que representam as rupturas que ocorreram durante a interação. Nesse caso, a ruptura é marcada por termos como: afinidade, tecnologia, webcam, burocracia, entre outros.

#### **4.4 Análise do vídeo 4: Leitura, compreensão de textos em português, dificuldades encontradas, gramática da LP**

Todas as análises a partir daqui são de vídeos com quatro interactantes, o que faz como que as análises que se seguem sejam mais extensas e detalhadas. A partir do vídeo 4 atingimos o número máximo de participantes das interações propostas para essa pesquisa. O vídeo foi feito com os informantes Rodrigo, Kátia, Vanessa e Sérvulo e teve duração de 00:17:14 min. A gravação desse vídeo foi realizada na sala dos professores de Libras da UFC, na Faculdade de Educação. O tema proposto foi “leitura, compreensão de textos em português, dificuldades encontradas, gramática da LP”, objetivando perceber como o processo de aprendizagem de LP ocorreu para cada um dos informantes envolvidos na conversa.

Começamos esse vídeo com a pergunta do informante Sérvulo: quem vai me perguntar? Ele inicia falando sobre as dificuldades dele quando criança e troca um sinal (gestos – sinais) que é imediatamente corrigido pelos outros envolvidos na conversa. Ele reinicia e diz que para ele era importante aprender o nome próprio, pois não conseguia saber o que era substantivo, verbo, advérbio. Conta que foi estudar no Rio de Janeiro, no INES e que lá tinha acesso a textos e que era difícil entender o que era dito, então ele fingis que entendia. Kátia afirma que não sabia o que era tempo verbal, fala da escola em que estudou e da filosofia oralista a qual foi exposta nesse período de escolarização. Diz que estudava em duas escolas ao mesmo tempo, uma para surdos e outra para ouvintes. Mesmo assim, tinha muitas dificuldades de compreender o significado das palavras e que decorava as palavras em LP.

Essas mesmas dificuldades são compartilhadas pela informante Vanessa quando ela fala sobre a escola. Diz que não aprendia o significado das palavras e aprendia a pronúncia de forma errada. Conta que precisou ir a ASCE para desenvolver a Libras para poder desenvolver a LP, pois sempre insistia em relacionar a pronúncia com o significado da palavra. Nesse momento, aproveitando o que foi dito, Kátia faz uma relação entre o par mínimo faca/vaca e evoca uma lembrança de quando esteve em um sítio e pensou estar enganada quando alguém falou “traz a vaca”. Quando compreendeu que se tratava mesmo do animal vaca, percebeu que o contexto pode contribuir para a compreensão de algumas palavras ou frases.

Quando o informante Rodrigo fala, diz que esse momento para ele aconteceu de forma mais rápida, mesmo tendo passado pela mesma metodologia de ensino dos outros. Ele acreditava que o fato de gostar de ler jornais diariamente o ajudou muito no desenvolvimento da LP. Devido ao fato de gostar de esportes, ele acompanhava as notícias pela TV e pelo jornal. Mas admite que compreendia a LP melhor do que escrevia, pois, em concordância com

os outros, fala da sua dificuldade na escrita de LP. Admite que não teve dificuldade em aprender sobre o tempo verbal (termo que foi citado anteriormente), mas a aprendizagem era básica e compreendia passado, presente e futuro. Quando Rodrigo falou sobre os benefícios do uso da internet para seu próprio desenvolvimento, todos concordaram de forma imediata.

A ruptura tópica ocorreu nesse momento em que se falou de internet, pois começaram a ser citados os nomes de alguns softwares que eles usavam com frequência para outros fins que não a aprendizagem ou compreensão de LP. Foi falado que se utilizava a internet como forma de comunicação com os amigos quando se mora fora do estado, o que, de certa forma, aproximava as pessoas.

A retomada do tópico foi realizada quando Rodrigo falou sobre a forma de alfabetização inicial de pessoas surdas. Como eles eram alfabetizados em LP, entendiam pouco as palavras e o avanço para essa compreensão se deu quando eles passaram a desenvolver a Libras.

Nesse momento da interação a informante Kátia pediu para fazer duas perguntas para os colegas. Primeiro ela quis saber se a família (ouvinte) os ajudava com a aprendizagem da LP. Vanessa respondeu prontamente que não teve ajuda da família. Sérvulo disse que a família não se envolvia nessa aprendizagem, que ele desenvolveu sozinho e com auxílio de outros surdos. Rodrigo relatou que apenas a mãe o auxiliava, mas de maneira natural, ela não corrigia o certo e o errado, não forçava a aprendizagem. Por sua vez, Kátia disse que sua família, na figura da mãe, corrigia as palavras que por ventura ela escrevesse errado, cobrava dela o aprendizado da LP e que apontava quando ela se equivocava no emprego de palavras dentro das frases que ela construía.

A segunda questão proposta pela informante foi sobre a internet e a tecnologia como ferramentas de auxílio na aprendizagem de LP. Nesse momento, todos começaram a falar ao mesmo tempo, o que representa uma sobreposição de fala. Todos concordaram que a internet traz benefícios para o desenvolvimento de pessoas surdas, pois alguns surdos que nunca foram à escola passaram a enviar mensagens, usam a internet, mesmo demonstrando um pouco de vergonha de se expor ao escrever em LP.

Aproveitando sobre o assunto que está se tratando, Sérvulo conta uma experiência que viveu quando precisou passar por uma entrevista. Foi perguntado a ele sobre a leitura em LP, sobre sua compreensão dessa leitura. Em resposta ele disse que em alguns textos que tenham um vocabulário específico ele compreende em torno de 60% do que lê e perde os outros 40% do texto pelo fato de não conhecer o significado de algumas palavras. Por sua vez, o entrevistador alega que ele estudou no INES, a melhor escola para surdos no Brasil. O nosso



informante fala de sua experiência no instituto do Rio de Janeiro, fala dos amigos, do espaço físico e diz que lá desenvolveu a Libras. Mas não remete sua fala, em nenhum momento à leitura e compreensão.

Num outro ponto da conversa, Kátia lembra quando estava cursando o ensino médio e pensou em fazer faculdade. Depois dessa decisão saiu em busca de livros do ensino fundamental para que pudesse acompanhar as aulas das mais diversas disciplinas. Vanessa corroborou com o que foi dito. Rodrigo fez o seguinte comentário: “você faziam isso com livros, hoje nós fazemos isso no Google”, porque para ele isso significava que precisaria cada vez menos fazer perguntas ao intérprete, ressaltando que durante o mestrado não podia confiar no Google, pois precisaria de informações mais consistentes.

Cortando a fala de Rodrigo, Sérvulo introduz um questionamento sobre o uso do dicionário. Surgiram alguns comentários sobre o fato de Sérvulo ter aprendido a usar o dicionário antes de todos e conseguir apreender o significado de alguns termos e não ensinar aos outros como fazer. Imediatamente ele se defende e diz que mesmo usando o dicionário tinha dificuldades, pois algumas palavras podiam, às vezes, ter vários significados. E mesmo olhando os exemplos de aplicação de determinado termo fornecido pelo dicionário, ele não compreendia. Quando isso acontecia ele solicitava ajuda de um intérprete. Nesse momento acontece algo que chama a atenção da pesquisadora. Rodrigo alega que Sérvulo sempre solicita ajuda de ouvintes e nunca de surdos para resolver tais dúvidas. O que prontamente é retrucado por Sérvulo que diz perguntar a Kátia, mas que precisa que ela lhe transmita confiança, pois de outra forma ele vai entender que ela não sabe o significado de um termo específico.

Já quase na conclusão da interação eles ainda citam uma estratégia que é muito utilizada por surdos para a aprendizagem de LP, fazer palavras cruzadas e assim, trabalhar o vocabulário. Vanessa faz uma observação importante quando diz que o ouvinte escutam diariamente muitas coisas, o que facilita o acesso à informação ao contrário do surdo que tem esse acesso limitado. Rodrigo levanta a questão de que a LP não é a L1 do surdo, mas sim do ouvinte. Eles falam ainda de algumas pesquisas e pesquisadores das LS, citam o dicionário de Libras que eles raramente usam e falam brevemente da distinção entre as gramáticas de LP e Libras. Assim, encerram a conversa.



Imagem 5: Rodrigo, Kátia, Vanessa e Sérvulo. Exemplo da sobreposição de falas

Tópico	Leitura, compreensão de textos em português, dificuldades encontradas, gramática da LP.
Objetivo	Observar o uso do Tópico, do Subtópico e a possível presença do constrangimento durante a conversa com quatro interactantes.
Hipótese	Ocorre o uso do Tópico e do Subtópico e os temas ligados a eles aparecem com frequência durante todos os momentos na fala dos informantes; pode ocorrer a ruptura e a retomada tópica a qualquer tempo da conversa; caso ocorra o constrangimento ele é desfeito pelos interlocutores antes do final da interação.
Resultado	Podemos perceber a marca de Tópico em termos como <i>leitura, escola, tempo verbal, significado de palavras em LP, compreensão da leitura, aprendizado</i> ; o uso do Subtópico pode estar presente em termos como <i>vocabulário, auxílio da família, desenvolvimento da LS, estudos, uso de dicionário, acesso a informação, tecnologia, internet</i> ; mas a ruptura do tópico ocorre quando se fala em nome de <i>alguns softwares, morada em outro estado, internet para me aproximar das pessoas</i> ; mas há a retomada tópica percebida por expressões: <i>alfabetização em LP, compreensão após o aprendizado da LS, auxílio da família</i> . Em seguida uma das informantes faz duas perguntas <i>a família ajudou a vocês com a aprendizagem da LP? e a internet ajudou?</i> Quando se falou sobre o auxílio da internet para o desenvolvimento escolar dos surdos houve uma sobreposição de falas, todos os informantes falaram ao mesmo tempo sobre os benefícios da internet. O constrangimento ocorre bem no início da conversa quando Vanessa utiliza um sinal específico para aprendizagem de língua materna e Sérvulo usa esse sinal para o que corresponderia em LP fazer um trocadilho. Os outros informantes sorriem e em seguida iniciam a conversa sobre o tema pedido.

Quadro 6: Síntese da interação 4

Ao analisarmos esse vídeo, nos deparamos com a confirmação do que foi dito anteriormente sobre o fato de termos mais de dois interactantes juntos, ou seja, a variação do número de participantes o que gera maior complexidade no momento de analisarmos a interação realizada em uma língua visuoespacial.

A centração é mantida através de suas propriedades. Isso é percebido pela relevância que é dada ao tema a ser discutido. Quando se fala nas dificuldades de aprendizagem, na compreensão de termos da LP e do possível auxílio vindo das famílias. A concernência é promovida pela relação entre os mecanismos utilizados para a manutenção tópica, percebida pela referências que eles fazem de experiências vividas por eles sobre o tema em desenvolvimento. A pontualização é marcada pela preservação das duas primeiras propriedades que apontam para a finalidade de conversa entre eles. Eles optam sobre o que vão falar ou não e mantém o foco nessa escolha o máximo de tempo que podem. Quando ocorre a ruptura do tópico, eles buscam a retomada logo que podem.

A organicidade se dá nos dois planos propostos por Jubran (2006), o plano linear com as articulações intertópicas traçando relações com tópicos da mesma linha do que está sendo dito e o plano hierárquico ou vertical que estabelece a dependência entre supertópico, tópico e subtópicos da conversa analisada. Vejamos no gráfico como se estabelece o pelo hierárquico:



Gráfico 6: Plano hierárquico do vídeo 4

Logo abaixo podemos visualizar a propriedade da espacialização através da foto em que Rodrigo está falando, Kátia e Vanessa olham para ele, enquanto Sérvulo sinaliza, mas não é captado pelos outros interactantes, pois a tenção visual das duas está focada na fala de Rodrigo. Assim, confirmamos que essa propriedade está relacionada ao sentido visual e motor

dos usuários de Libras e se não for considerada, pode gerar falhas na manutenção e continuidade tópica.

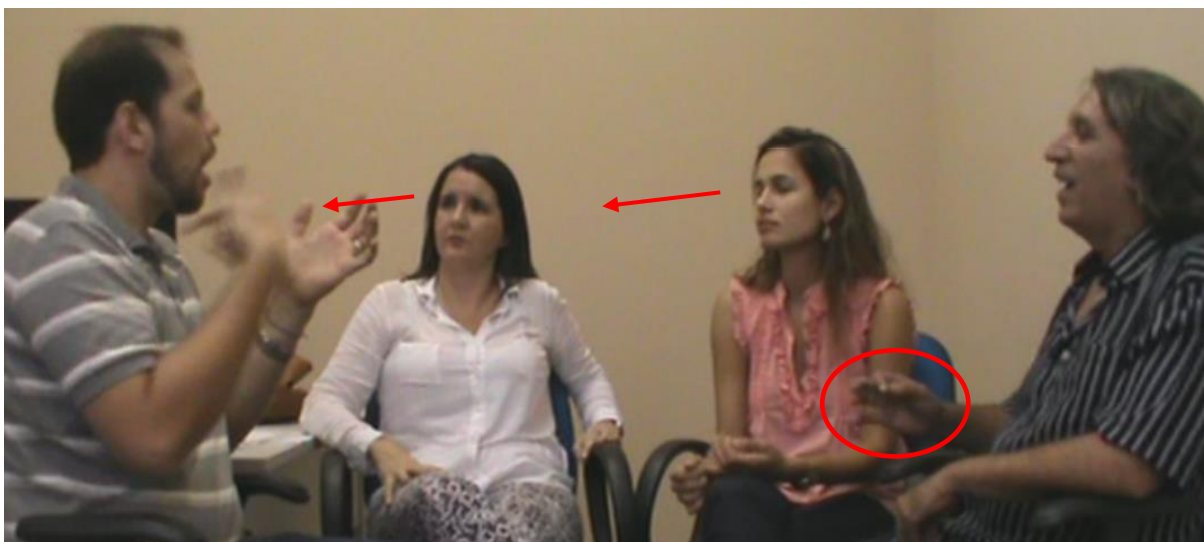


Imagem 6: Rodrigo, Kátia, Vanessa, Sérvulo. Exemplo da espacialização.

A espacialização como ponto presente em determinado local exige que o sentido visual esteja deslocado para o interactante que fala, para que o que se diz não se perca por ter sido desconsiderado pelos demais participantes da conversa. Com a atenção visual de Kátia e Vanessa voltada para o que diz Rodrigo, elas não podem saber o que Sérvulo poderia estar dizendo. Nesse caso, ele apenas concorda com Rodrigo, mas se ele fosse discordar e argumentar sobre o que está sendo dito, o deslocamento visual precisaria ocorrer para que houvesse a continuidade tópica. Dessa forma, a espacialização é concreta para que o tópico seja mantido.

Com a intenção de demonstrar o que foi dito e o cumprimento das exigências para o desencadeamento das ideias que podem manter o tópico e apresentar as possíveis rupturas tópicas, podemos visualizar abaixo o gráfico que representa a teia conversacional desenhada com base na interação sobre o tema sugerido para a realização da conversa:

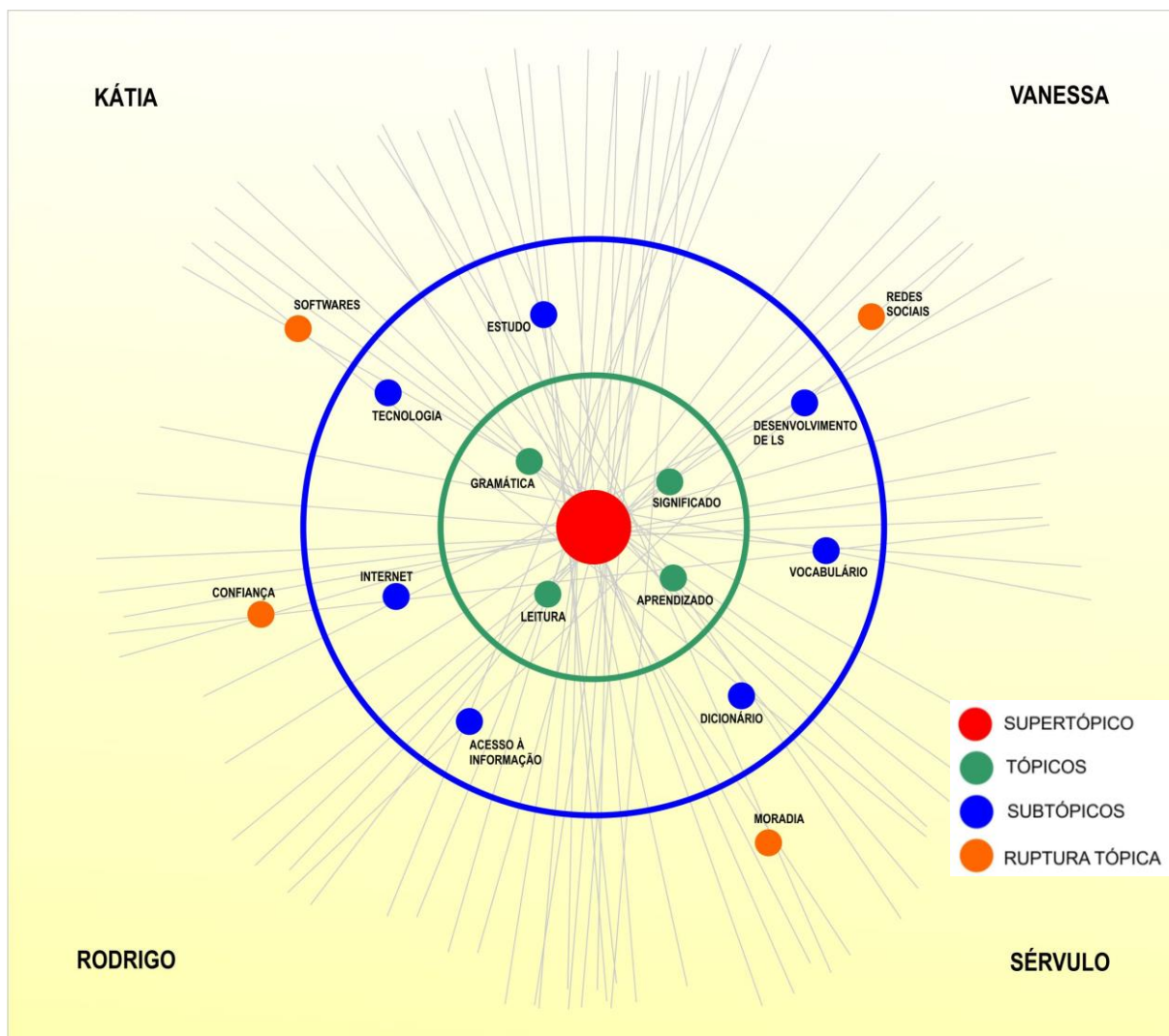


Gráfico 7: Modelo de teia conversacional do vídeo 4

Como esse parece ser um tema familiar aos nossos informantes, não percebemos dificuldades no decorrer da interação. Eles acionam o supertópico imediatamente no início da conversa e o sustentam aparados nos tópicos que aparecem em verde no gráfico acima. Esses tópicos mantêm uma relação direta com o supertópico, porque são temas propostos pelos interactantes para que seja tecida a interação. Logo, esses tópicos também se encontram ligados aos subtópicos em azul no gráfico, que têm o objetivo de dar fluidez a conversa, pois também são temas relacionados ao assunto discutido pelos interlocutores. A ocorrência da ruptura tópica, marcada em laranja, é identificada durante a interação porque os temas não mantêm uma relação direta com o supertópico sugerido para que a interação acontecesse.

#### **4.5 Análise do vídeo 5: Lei nº 10.436 e o que foi modificado na vida deles após a homologação dessa lei**

No vídeo 5 foi solicitado aos informantes que conversassem sobre a Lei nº 10.436<sup>30</sup>, o que essa lei significou e o que modificou para eles depois de sua homologação. O vídeo tem duração de 9 min e foi realizado na sala dos professores de Libras da UFC, na Faculdade de Educação.

Mais uma vez, Sérvulo iniciou a conversa falando de sua experiência de morar no Rio de Janeiro, mas admitindo que não se sentia, naquela época, participante de nenhum movimento surdo. Ao iniciar sua fala sobre o tópico solicitado cometeu um equívoco sobre a criação da lei que foi prontamente corrigido pela informante Kátia. Fez referência a um amigo surdo que lhe contou sobre os movimentos surdos e que isso despertou nele o interesse sobre o assunto. Rodrigo lhe perguntou se a lei não havia mudado nada para ele e a resposta foi que não sabia e não tinha isso claro em sua cabeça.

A informante Kátia foi eloquente quando falou sobre acessibilidade, falta de respeito à pessoa surda e seus direitos, como ter um intérprete em sala de aula. Ratificou o fato da pessoa surda ter um língua própria, a Libras, e do respeito que essa língua merece, pois ainda é vista como uma língua de menor importância por algumas pessoas e por determinadas áreas de estudos.

Após essa fala, Rodrigo insere o tópico que tenha a maior relevância para o tópico proposto, o Decreto nº 5.626<sup>31</sup>, pois foi o decreto que regulamentou a lei. A isso, Kátia acrescenta uma importante informação: o decreto foi assinado em dezembro de 2005 e no ano seguinte já estava funcionando o Curso Semipresencial de Licenciatura em Letras-Libras e, logo após em seguida, o de Bacharelado. Para ela a lei e o decreto foram muito importantes, pois a partir deles, além do curso superior, os concursos também foram uma realidade.

A partir desse momento eles falam que a pessoa com deficiência era tratada de forma simplória, sem ter reconhecidos os seus direitos. A ruptura tópica ocorre nesse momento quando se fala em minorias, pobres e negros. Quando eles discutem quem mais apoiou essas minorias se foi o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ou o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Em seguida falam sobre o preconceito, o negro não era igual ao branco. Kátia insere a pessoa surda nesse contexto quando diz que desconhece qualquer

---

<sup>30</sup> Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)

<sup>31</sup> Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

processo encaminhado por um surdo contra um ouvinte relacionado a preconceito por falta de audição. Rodrigo vai além e cita a Lei Maria da Penha, alegando que deveria haver um lei que protegesse a pessoa surda contra o preconceito. O que para Vanessa só pode acontecer se algo realmente grave acontecer, algo que chame a atenção pública.

O constrangimento se dá pelo fato de Rodrigo citar Vanessa como uma pessoa pública e que ela pode fazer alguma coisa sobre isso. Vanessa ignora a insinuação de Rodrigo e mantém o curso da conversa dizendo que as vezes algumas pessoas que desconhecem totalmente o surdo se espanta ao vê-lo dirigindo ou exercendo a profissão de professor, o que ela considera um retrocesso. Kátia alega que pode ser por falta de informação, nesse momento acontece a retomada tópica quando ela fala que se trata de uma legislação recente e que talvez em alguns anos isso faça diferença.



Imagem 7: Rodrigo, Kátia, Vanessa, Sérvulo. Momento de interação.

Tópico	O que para eles significou a Lei nº 10.436 e o que foi modificado na vida deles após a homologação dessa lei.
Objetivo	Observar o uso do Tópico, do Subtópico, a possível presença do constrangimento durante a conversa com quatro interactantes e a ocorrência da espacialização.
Hipótese	Ocorre o uso do Tópico e do Subtópico e os temas ligados a eles aparecem com frequência durante todos os momentos na fala dos informantes; pode ocorrer a ruptura e a retomada tópica a qualquer tempo da conversa; caso ocorra o constrangimento ele é desfeito pelos interlocutores antes do final da interação. A espacialização ocorre, pois a atenção visual dos interlocutores é direcionada para que haja a manutenção tópica.
Resultado	Podemos perceber a marca de Tópico em termos como <i>identidade surda, surdo, direitos, respeito à língua, Letras-Libras, Decreto</i> ; o uso do Subtópico pode estar presente em termos como <i>direitos, luta, movimentos surdos, legislação, ensino de Libras, pessoas com deficiência</i> ; mas nessa interação o supertópico não é alcançado de forma completa, pois nenhum deles disse especificamente o que de fato a lei significou. A ruptura do tópico ocorre quando se fala em nome de <i>ex-</i>

<p><i>presidentes, minorias, negros, Lei Maria da Penha; e a retomada tópica só ocorre já final da conversa quando se diz a legislação é nova. Talvez daqui há uns trinta anos... O constrangimento ocorre quando Rodrigo diz que Vanessa é famosa e pode fazer alguma coisa a respeito do que eles estão falando. Ela, então, ignora essa fala e desfaz o constrangimento que ele tenta gerar.</i></p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 7: Síntese da interação 5

Analisar o tópico conversacional em uma língua de modalidade diferente da nossa língua requer muita paciência, pois, além de trabalharmos com uma teoria, por vezes nos deparamos a barreira da dificuldade de entendimento. Esse vídeo (5), tratou de um assunto bem direcionado aos informantes e exigiu em certo domínio de conhecimento para além da língua. Portanto, foi necessário saber do que estava se falando, dos referentes e dos dados inferíveis presentes na interação. A partir do momento em que se sabe sobre o que essa unidade discursiva trata, podemos passar a analisá-la.

Consideramos que a centração desse tópico foi um pouco comprometida, pois a relevância do que foi discutido não fica evidente. Há uma superficialidade sobre temas ligados ao tópico proposto e, além disso, uma mistura de subtópicos que ficam no limiar da ruptura do fluxo da informação que se quer passar. Não podemos apontar uma falha apenas na relevância, uma vez que a concernência também é prejudicada pela falta de segurança ao se falar de determinado assunto. Dessa forma, não se desenvolvendo de maneira satisfatória a concernência e a relevância fica exposta a falha na pontualização. Muito embora, tenha acontecido a interação e tópico se desenvolvido de forma fragmentada, pois há a inserção tópica e logo após a ruptura. Quando ocorre a retomada a conversa já está sendo encerrada o que pode comprometer os elementos de análise dessa propriedade.

Quanto à propriedade de organicidade, podemos apresentar o gráfico de hierarquia vertical do supertópico, dos tópicos e dos subtópicos.





Gráfico 8: Plano hierárquico do vídeo 5

Como podemos ver através do gráfico, o tópico se desenvolve de forma limitada, não deixando que os tópicos e os subtópicos evoluam durante a interação. Vale ressaltar que criamos uma grande expectativa em torno da sugetão desse tema que, como pudemos ver na análise, não se confirmou.

As imagens abaixo elencadas mostram o desenvolvimento da espacialização no momento da interação. Mesmo quando ocorre a sobreposição de falas, a direção visual pode interferir na continuidade tópica, pois os interactantes falam, observam e falam entre si, as vezes concordando e, as vezes, inserindo naquele momento um subtópico que ainda não tinha sido mencionado na conversa. Isso pode ser constatado pelo olhar e pela posição de cabeça. Como o espaço onde acontece a interação é restrito, quase não conseguimos observar o deslocamento do tronco.





Imagem 8: Exemplo da propriedade de espacialização no momento de interação

No início, mesmo com a sobreposição de falas entre Kátia e Sérvulo, Rodrigo e Vanessa mantêm a atenção no que a primeira informante diz, desconsiderando assim, o que diz o segundo informante. Em seguida Rodrigo fala e além de deslocar a atenção ao que ele diz, Kátia ainda aponta de forma a concordar com o que está sendo dito por ele. Em seguida uma nova sobreposição de falas entre Kátia e Sérvulo. Rodrigo olha para Sérvulo, enquanto Vanessa dispensa sua atenção a Kátia. Depois todos se deslocam para captar o que é dito por Sérvulo e, imediatamente em seguida, Rodrigo e Kátia pedem atenção para o que vão falar. Por fim, todos dão atenção ao que diz Vanessa. Todas essas observações podem ser percebidas pelo deslocamento do olhar, da cabeça e até do corpo dos participantes da interação.

Logo abaixo o gráfico que representa a teia conversacional dessa interação:

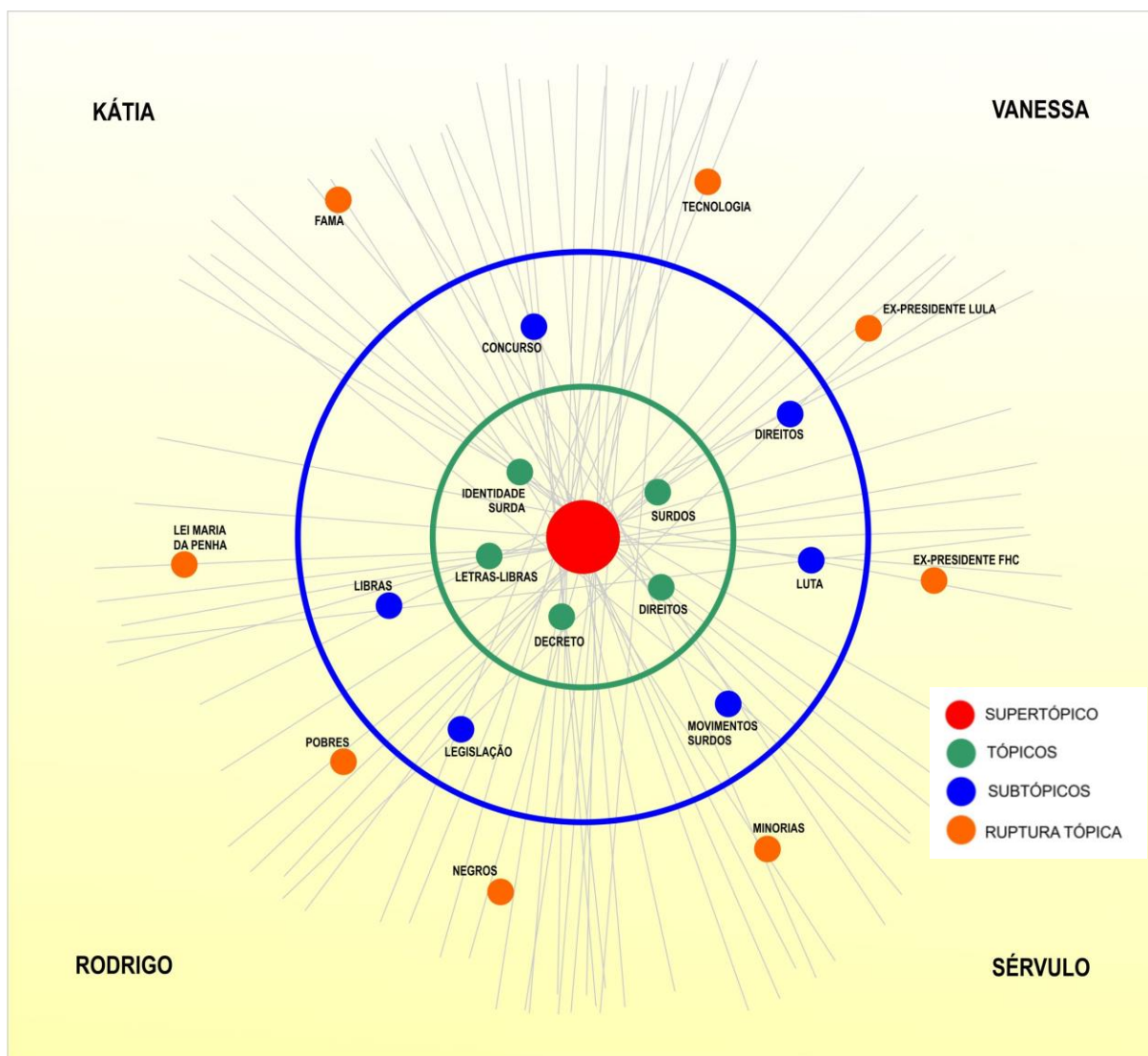


Gráfico 9: Modelo de Teia conversacional do vídeo 5

Como dito anteriormente, a expectativa em torno da interação sobre o tema sugerido não foi satisfatória, em vista de que esperávamos um debate mais fluido sobre a Lei nº 10.436, uma vez que é um tema que trata diretamente da oficialização da Libras. No entanto, a ruptura tópica se destaca durante a interação entre os temas citados no gráfico em laranja. Quando se fala, por exemplo em Lei Maria da Penha, os interactantes sugerem uma lei contra o preconceito com a pessoa surda, sem, no entanto, fazer relação com a Lei de Libras. O ponto principal do tópico abordado nessa interação foi a inserção do tópico Letras-Libras, visto por eles como um marco posterior à lei. O mesmo ocorre com o fato de citar o Decreto que regulamenta a lei, pois foi a partir do decreto que a Libras foi reconhecida de fato.

#### **4.6 Análise do vídeo 6: Momentos de folga**

Para a realização do seguinte vídeo foi solicitado aos informantes que conversassem da forma mais espontânea possível sobre o que fazem nos momentos de folga, esses momentos podem ser na família, na associação e em outros lugares onde eles encontram outros surdos, o vídeo teve duração de 00:09:13 min e da mesma forma que os anteriores foi realizado na sala dos professores de Libras da UFC, na Faculdade de Educação.

Já estávamos chegando ao final das filmagens e resolvemos inserir um temas mais tranquilo e fizemos o rodízio dos lugares ocupados por eles para que os informantes pudessem se sentir um pouco mais à vontade. No início da filmagem já começaram um pouco mais descontraídos, brincando uns com os outros. Rodrigo disse que Sérvulo é folgado e tranquilo ao passo que ele, Rodrigo, quase nunca tira folga, pois tem o trabalho na universidade, a ASCE, a FENEIS e, por isso, quando quer descansar precisa viajar. Sérvulo relembra que entre ele, Rodrigo e Kátia, foi o último a assumir o cargo de professor na UFC e que achava que ia ser mais fácil, com horários mais tranquilos, mas na verdade não é assim. Mas afirma que sai sozinho, sem precisar de companhia e que gosta de ir a barzinho e finge que está conversando com alguém.

No momento de sua fala, Kátia afirma que tem poucos momentos de folga, pois visita a ASCE, algumas escolas, além do trabalho na universidade e por isso trabalha muito. Durante o fim de semana ela não gosta de falar sobre política ou trabalho que prefere ficar com a família e diz ainda que durante o mestrado essas folgas eram ainda mais raras. O que gosta realmente de fazer em momentos de folga é assistir a uma série que passa na TV, diz que já viu todos os episódios e que fica até de madrugada assistindo. Rodrigo aproveita a fala de Kátia e diz que ele e Vanessa não viram toda a série, pois não tiveram tempo.

Para Vanessa o momento de folga é a hora da novela que passa na TV e no fim de semana visita a ASCE e sai para passear, mas não perde a novela. Nesse momento é posto na conversa o fato de Rodrigo e Vanessa serem um casal, o que ainda não tinha acontecido. Sérvulo faz um comentário indiscreto sobre isso e diz que não imagina como o intérprete ou a pesquisadora vai traduzir esse trecho da fala.

Falam ainda sobre ir à praia e em frequentar academia e ainda do perigo das ruas. Voltaram a falar do fim de semana e Rodrigo contou a experiência de ir a um desfile acompanhando Vanessa e lá todos os surdos foram conversar com ele para solicitar ajuda para os surdos de seus municípios, isso tudo porque ele faz parte da diretoria da FENEIS e, portanto, precisa ajudar as pessoas surdos do interior. Encerrou repetindo sua fala sobre precisar viajar para descansar.



Imagem 9: Vanessa, Rodrigo, Sérvulo e Kátia. Momento de interação. Rodízio de lugares.

Tópico	O que fazem nos momentos de folga, esses momentos podem ser na família, na associação e em outros lugares onde eles encontram outros surdos.
Objetivo	Observar o uso do Tópico, do Subtópico, a possível presença do constrangimento durante a conversa com quatro interactantes e a ocorrência da espacialização.
Hipótese	Nas conversas realizadas em Libras ocorre o uso do Tópico e de possíveis Subtópicos e os temas ligados a eles aparecem com frequência durante todos os momentos na fala dos informantes; pode ocorrer a ruptura e a retomada tópica a qualquer tempo da conversa; caso ocorra o constrangimento ele é desfeito pelos interlocutores antes do final da interação, da mesma forma que pode ser ignorado e a conversa pode seguir adiante. A espacialização ocorre, pois a atenção visual

	dos interlocutores é direcionada para que haja a manutenção tópica.
Resultado	Podemos perceber a marca de Tópico em termos como <i>folgado, fim de semana, passear, descanso</i> ; o uso do Subtópico pode estar presente em termos como <i>falta de tempo, família, novela, praia, academia, viagem</i> ; não localizamos a ruptura do tópico, pois consideramos pertinentes ao tópico todos os temas levantados pelos interactantes, de forma que foi atingido o supertópico sugerido para a conversa. O constrangimento ocorre quando é dito que Rodrigo e Vanessa formam um casal e Sérvulo aproveita para falar do que eles podem fazer nos momentos de folga. Vanessa então desconsidera o que foi dito e desfaz o constrangimento que ele tenta gerar.

Quadro 8: Síntese da interação 6

Trabalhando com um tópico mais ameno e mais descontraído para os participantes da conversa, torna mais agradável a análise. Aparentemente o envolvimento colaborativo na conversa flui mais suavemente. Além disso, abre-se um número maior de possibilidades que podem desencadear um fluxo de informação mais regular. O que percebemos ao analisar esse vídeo foi que esse viés mais agradável possibilitou uma conversa sem rupturas tópicas, o que enriquece a interação sobre o tema proposto, pois eles interagiram e utilizaram mais os subtópicos sempre referenciado pelo tema principal.

Os traços que se referem à contração são plenamente atendidos, visto que a concernência é firmada pelos mecanismos propostos por Jubran (2006) e promovem a relação entre a sequência e a referência do que é dito. A relevância é observada pelas escolhas feitas pelos participantes e pelo grau de importância que é dado a elas, ver exemplo no quadro acima. A pontualização é determinada pela integração das propriedades anteriores, concernência e relevância, apresentando, através da fala dos interactantes, a finalidade da interação.

Podemos perceber nessa interação que a organicidade se manifesta através das relações de interdependência dos temas discutidos pelos informantes, de tal forma, que traçamos os planos propostos pela autora sem maiores dificuldades. O plano linear se apresenta pela inter-relação entre os subtópicos propostos pelos falantes. O plano hierárquico representado pela relação de dependência entre o supertópico, os tópicos e os subtópicos, definidos pelo grau de abrangência com que são tratados na interação analisada. Vejamos como se apresenta o gráfico dessa interação:

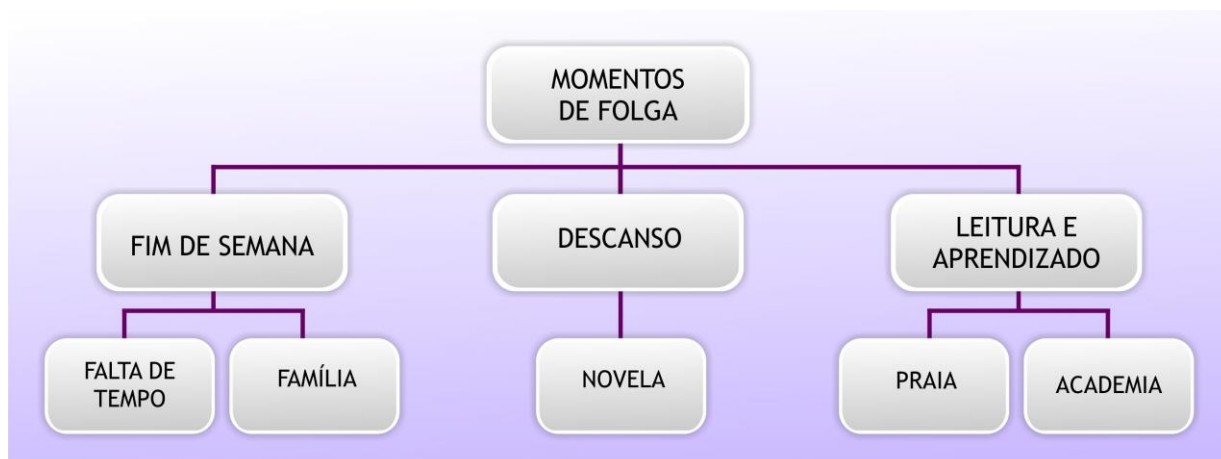


Gráfico 10: Plano hierárquico do vídeo 6

Relembrando que a Libras é uma língua de modalidade visuoespacial, retomando o conceito de espacialização sugerido nesse trabalho e pensando no sentido visual e motor que são necessários para que essa propriedade seja estabelecida, analisaremos mais uma sequência de imagens retiradas dos vídeos.



Imagem 10: Vanessa, Rodrigo, Servaldo e Kátia. Exemplo da propriedade de especialização



Enquanto Rodrigo fala, todos estão com a atenção visual no que ele diz. Mas logo em seguida, Sérvulo pede atenção porque ele tentou dizer algo, mas o que ele tentou dizer não foi captado pelos outros. Veja como ele chama a atenção de Kátia. Quando Rodrigo silencia, todos se voltam para Sérvulo que vai falar sobre seus momentos de folga. Se acontecesse de forma diferente e os outros não se voltassem para o informante, a espacialização não ocorreria e isso poderia gerar prejuízos para a interação.

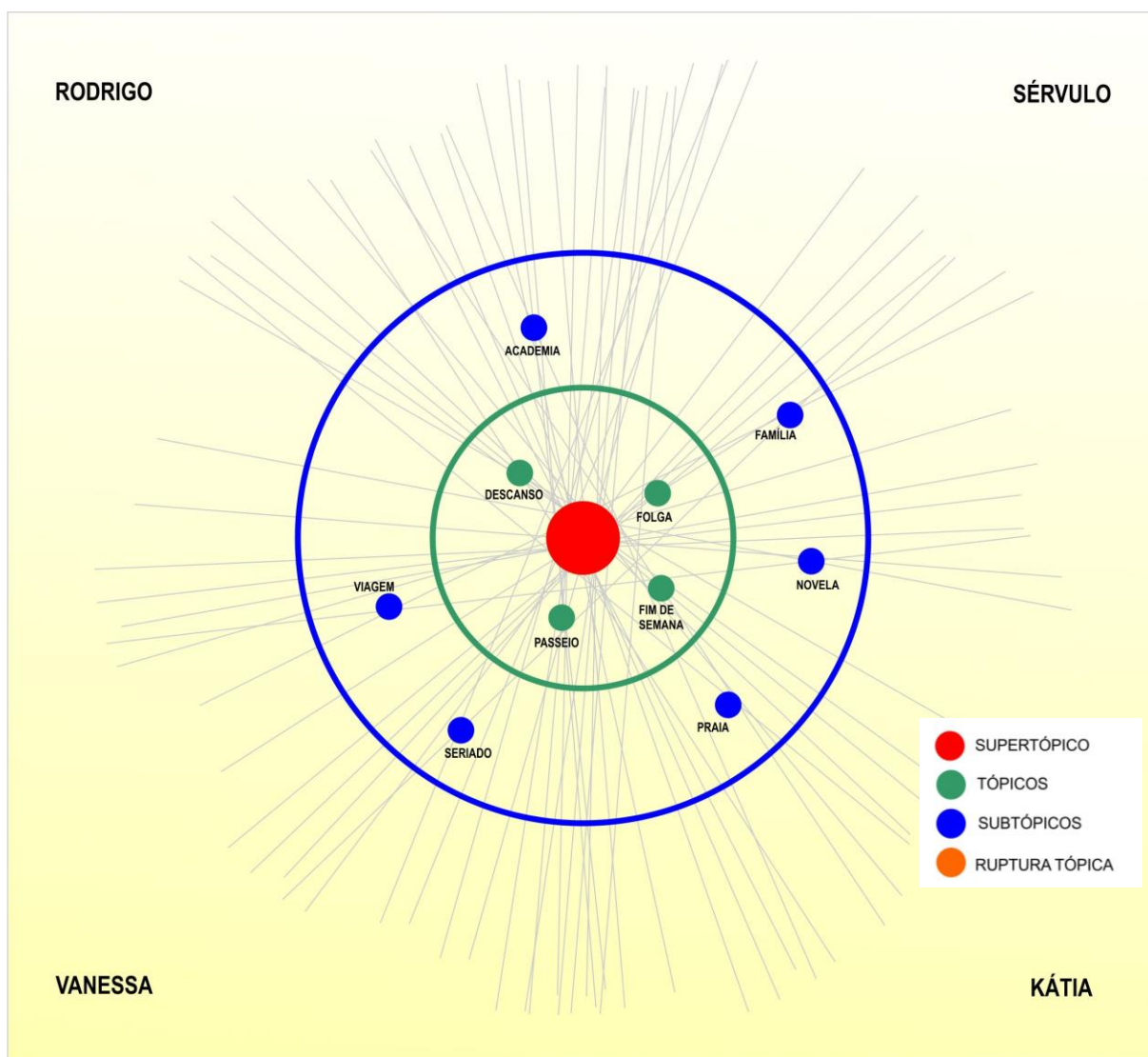


Gráfico 11: Teia conversacional do vídeo 6

Falar sobre os momentos de folga se mostrou um tema interessante e agradável para os interactantes. Eles mencionaram o que fazem nesses momentos, falaram de família e também de planos que têm para o futuro. Não foi constatada nessa interação a ruptura tópica, sendo considerados todos os tópicos e os subtópicos.

#### 4.7 Análise do vídeo 7: Cursos ministrados por eles para ouvintes

Esse foi o último vídeo realizado por nós para essa pesquisa. Envolveu os mesmo quatro informantes e foi feito na mesma sala que os anteriores. Foi pedido a eles que conversassem sobre os cursos ministrados por eles (cursos básicos, conversação...) para ouvintes, teve duração de 12 min. Continuamos com a disposição anterior: Vanessa, Rodrigo, Sérvulo e Kátia.

Eles iniciam fazendo referência a alguns surdos mais velhos que começaram o trabalho com os cursos para ouvintes. Sérvulo faz o sinal de vários amigos surdos que foram instrutores em cursos de Libras. Ele fala sobre a preparação do material que ia ser utilizado nesses cursos<sup>32</sup> e admite que os primeiros cursos eram muito difíceis e que para ele ensinar Libras resumia a ensinar vários sinais. Só mudou depois do curso superior de Letras-Libras, porque antes disso quase não tinha uma visão teórica.

A informante Kátia corrobora do que foi dito por Sérvulo e diz que a educação deles foi oralista, baseada no ensino de vocabulário e como eles aprenderam assim, julgavam que era assim que deveriam ensinar. Também admite que houve uma mudança significativa depois do Letras-Libras, mas muitas pessoas surdas que fizeram o curso de graduação não avançaram em nada, não assumiram uma postura teórica diante do que lhes foi ensinado durante o curso e continuam utilizando os mesmos recursos em sala de aula. Ela levanta uma questão acerca da metodologia utilizada por alguns surdos no momento de ministrar aula em cursos básicos de Libras. Ressalta que vale a pena citar nomes porque todos eles se conhecem e não quer gerar um mal estar por causa disso. Ainda fala que sua postura como professora mudou bastante, pois acredita ser uma profissional melhor do que antes.

Também apoiada no que foi dito, Vanessa comenta sobre um curso que fez no passado e que teve muita importância para seu trabalho, pois durante o curso teve acesso a muitas informações que não tinha antes. No curso ela realizou atividades práticas que a ajudaram quando começou a atuar como professora. Quando ela fala algo relacionado à sua entrada na universidade ocorre o constrangimento na fala de Rodrigo que a corrige prontamente, momento em que é apoiado por Kátia. Vanessa se defende alegando não precisar detalhar tanto as informações. Admite, como os outros, que a universidade mudou muito sua forma de pensar em como trabalhar.

---

<sup>32</sup> Cursos básicos de Libras, dividido em unidades que eram ministrados em 180h.

Sérvulo questiona a todos sobre a diferença entre disciplina e curso. Kátia responde dizendo que o curso tem um significado diferente da disciplina, porque a disciplina está dentro de um curso maior que segue um currículo e tem objetivos diferentes. Para ela o curso traz um aprendizado mais rápido porque é mais curto. Nesse momento, Sérvulo retoma o que já tinha dito no início da conversa sobre o professor ensinar apenas sinais. Ele fala de uma experiência vivida por ele em que os alunos perguntam por textos que viram em algum lugar sobre a Libras, então, para ele, o professor precisa conhecer a parte teórica da disciplina.

Quando Rodrigo entra na conversa, ressalta que é importante saber escolher o que utilizar como conteúdo e que essa escolha deve ser feita pensando nos alunos. Para ele, a disciplina na universidade é bem diferente do curso, pois é preciso falar sobre surdez, cultura surda, história da escolarização da pessoa surda e também a Libras. Ele acredita que hoje o objetivo da disciplina na universidade seja desmistificar questões relacionadas à pessoa surda de uma forma geral, mas pensa que daqui a alguns anos se possa ensinar somente a Libras, porque todos esse conhecimento já seria de senso comum. Kátia retruca que mesmo com essa possível mudança a parte teórica é importante deve ser mantida.

Após isso eles começam uma discussão sobre o que ensinar de fato e quando Vanessa cita alguns exemplos, Rodrigo aponta falhas e diz não é isso que deve ser ensinado. Ela se defende e diz que está apenas citando exemplos e diz outras coisa que para Rodrigo não está correta. Ele alega que ela precisa ser mais prática e que ensinar conceitos da gramática pode não ser a melhor estratégia de ensinar Libras aos ouvintes. De repente, eles viram para a frente e dão a conversa por encerrada.



Imagem 11: Vanessa, Rodrigo, Sérvulo e Kátia. Momento de interação.

Tópico	Os cursos ministrados por eles (cursos básicos, conversação...) para ouvintes.
Objetivo	Observar o uso do Tópico, do Subtópico, a possível presença do constrangimento durante a conversa com quatro interactantes e a ocorrência da espacialização.
Hipótese	Nas conversas realizadas em Libras ocorre o uso do Tópico e de possíveis Subtópicos e os temas ligados a eles aparecem com frequência durante todos os momentos na fala dos informantes; pode ocorrer a ruptura e a retomada tópica a qualquer tempo da conversa; caso ocorra o constrangimento ele pode ser desfeito pelos interlocutores antes do final da interação, da mesma forma que pode ser ignorado e a conversa pode seguir adiante. A espacialização ocorre, pois a atenção visual dos interlocutores é direcionada para que haja a manutenção tópica.
Resultado	Podemos perceber a marca de Tópico em termos como <i>ensino, metodologia, material, Letras-Libras, cursos</i> ; o uso do Subtópico pode estar presente em termos como <i>atividades, prática, recursos, gramática, apostilas, DVDs, trabalho</i> ; a ruptura do tópico é constante, pois foi solicitado que se falasse sobre cursos ministrados para ouvintes e a todo o momento se falava em cursos que eles tinha feito no passado, inclusive o Letras-Libras, as retomadas, da mesma forma, também eram constantes, pois se fala de material, de apostila, de possíveis dúvidas dos alunos, de perguntas que poderiam ser feitas durante a aula pelo alunos. E sempre ocorria a quebra do que estava sendo dito, uma vez que percebemos na fala dos informantes muitas experiências vividas por eles que nem sempre estava ligada com o que estava sendo dito no momento. O constrangimento ocorre quando Rodrigo faz uma correção do que é dito por Vanessa. Diferente das outras vezes em que ficou no centro do constrangimento, dessa vez, Vanessa responde e mais uma vez é corrigida por Rodrigo. Eles estavam discutindo sobre o que seria melhor ensinar em um curso para alunos ouvintes. O constrangimento não se desfaz e eles encerram a conversa.

Quadro 9: Síntese da interação 7

Talvez por esse ser o último vídeo e por se tratar de um assunto de trabalho com Libras a conversa fluiu de forma espontânea e isso gerou, inclusive, algumas discussões entre os informantes que discordavam uns dos outros. Dessa forma, julgamos que essa interação foi enriquecida não só de informações, mas também de elementos próprios da conversa.

Analisando a categoria elegida por nós nessa pesquisa, percebemos que a centração é atendida na medida em que suas propriedades são apresentadas ao longo da conversa. A concernência se manifesta através das referências feitas pelos interactantes promovendo a integração dos elementos propostos por essa propriedade. A relevância se dá pelas escolhas feitas pelos informantes acerca do que vai ser tratado no processo interativo estabelecido entre eles. A propriedade de pontualização é determinada pela relação existente entre a integração e proeminência da conversa demonstrando, dessa forma, sua finalidade que é, além de atender ao tema proposto, estabelecer a interação entre os interactantes. Portanto, a

propriedade que estabelece uma relação entre o tópico e a função informacional da conversa é atendida e mantida durante a interação ora analisada.



Gráfico 12: Plano hierárquico do vídeo 7

Vejamos a sequência de imagens selecionadas do vídeo para a análise da espacialização dessa interação:





Imagem 12: Vanessa, Rodrigo, Sérvulo e Kátia. Exemplo da propriedade de especialização

Pelas imagens podemos ver a sobreposição de falas de Kátia e Sérvulo, enquanto Vanessa pede a vez de falar e Rodrigo observa Sérvulo. Em seguida, Vanessa fala, mas Rodrigo e Kátia mantem a atenção voltada para Sérvulo. Vanessa desiste da fala e Rodrigo começa a sinalizar quando Sérvulo tenta chamar a sua atenção com um toque em seu ombro. Todos voltam a atenção ao que Kátia vai dizer nesse momento. Em seguida ocorre uma sobreposição de falas entre Rodrigo, Sérvulo e Kátia. Ao fim dessa sobreposição, os interactantes voltam-se para Sérvulo que troca um olhar com Rodrigo enquanto Kátia sinaliza. Os pontos estabelecidos, a espacialização, para que haja o desenvolvimento tópico de alguns dos informantes participantes da interação precisa ser acompanhado pelo canal visual de cada um deles. No momento em que não ocorre o deslocamento do olhar, o informante que tenta falar pode perder a ideia que pensava desenvolver sobre o tópico.

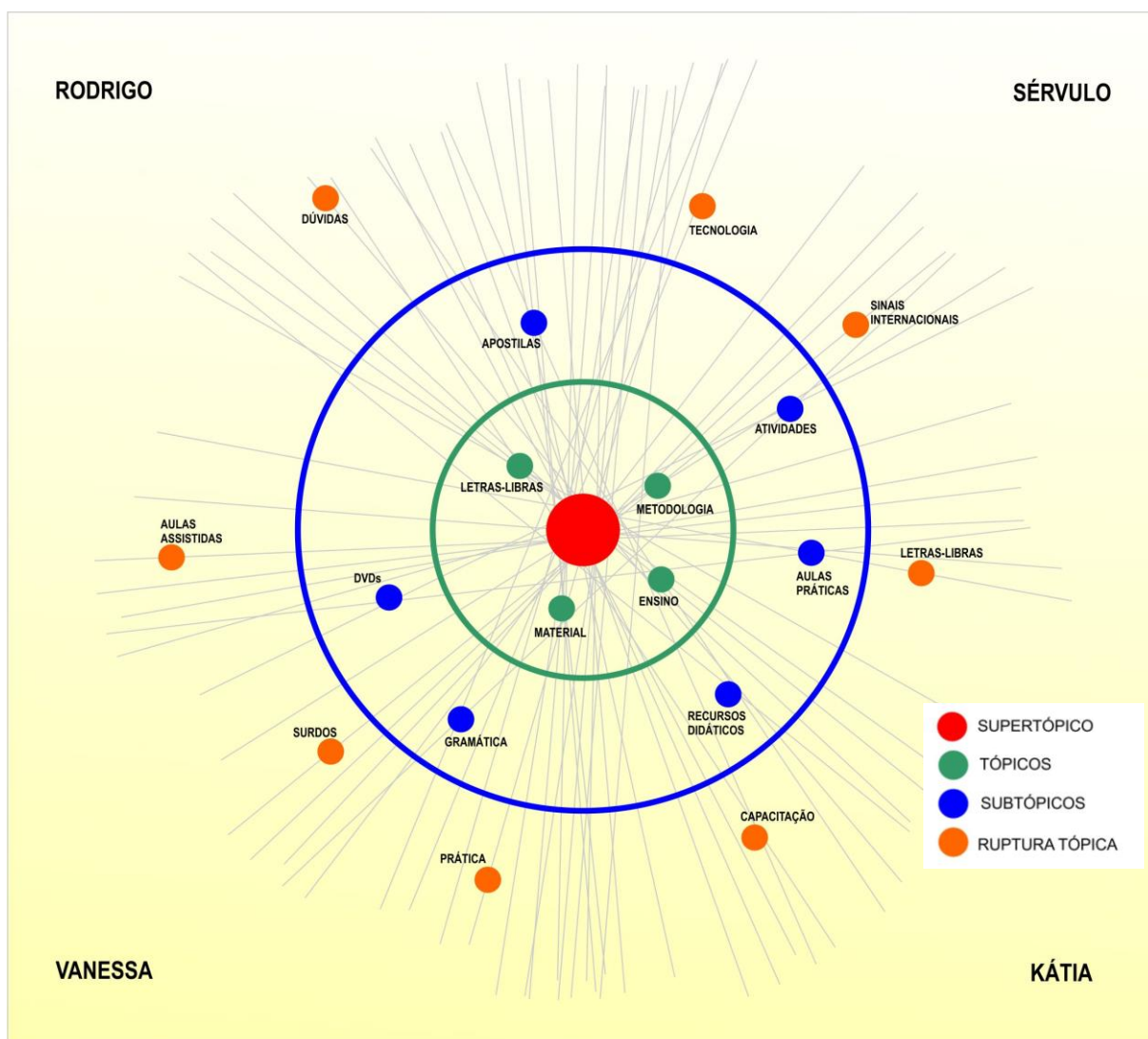


Gráfico 13: Modelo de Teia conversacional do vídeo 7



Nesse gráfico da teia conversacional podemos perceber que na interação há marcas de tópicos, subtópicos e rupturas tópicas. O supertópico dessa conversa aparentemente foi confundido, pois a solicitação era sobre cursos ministrados para ouvintes. No entanto, durante as falas os interactantes inseriram cursos que eles fizeram enquanto alunos. Um ponto que chamou a atenção foi quando falaram sobre o Letras-Libras. Num primeiro momento o curso foi citado como um curso para surdos e ouvintes, alcançando a marca de tópico. Mas em seguida foi citado enquanto curso de graduação que eles mesmos fizeram, ficando à margem dos tópicos e subtópicos, gerando a ruptura do fluxo da conversa.

#### **4.8 Amostra de Transcrição**

Nesse seção apresentaremos uma amostra de transcrição de trechos da interação entre os informantes. Vale ressaltar que essa transcrição foi realizada com base no protocolo de transcrição sugerido por Felipe (1988). Esse protocolo não contempla alguns pontos básicos para que a transcrição seja realizada, por isso o que não foi feito com base no protocolo dessa autora optmos por explicar através de notas de rodapé.

##### **4.8.1 Transcrição do vídeo 3: O trabalho como professores da UFC**







Imagem 13: Interação video 3. Professores da UFC.

00:05:56 – 00:06:58

S18: //Toque na perna do Rodrigo// <sub>1s</sub>EU PERGUNTAR <sub>2s</sub>VOCÊ DUAS COISAS. VOCÊS SABIAM, EU NÃO SEI, <sub>3s</sub>MARIANA ENSINAR A <sub>1s</sub>MIM EU FICAR SURPRESO. INTÉRPRETE PRECISA AFINIDADE COMBINAR. <sub>1s</sub>EU FALAR PRA <sub>3s</sub>ELA DESCULPE-ME PERDER OBRIGAÇÃO COMBINAR PROXIMIDADE, MAS LIVRE TROCAR. <sub>3s</sub>EL@ (INTÉRPRETE) NÃO <sup>negativa</sup>PODER. ((NÃO. JÁ MARCAR, JÁ MARCAR. EU IR ENCONTRO SURD@, NÃO SENTIR AFINIDADE ESSE SURD@, ESSE SURD@, ESSE SURD@))<sup>33</sup>. <sup>interrogativa</sup>ACHAR VOCÊS OPINIÃO? EU NÃO <sup>negativa</sup> COMPREENDO ISSO...

<sup>33</sup> Absorve a fala do intérprete.

K18: [[CALMA <sup>34</sup> ! <sub>3s</sub>MARIANA DIFERENTE, <sub>3s</sub>MARIANA ME EXPLICAR DIFERENTE...

S18: [[SE ELE JÁ MARCAR JÁ NÃO <sup>negativa</sup>IMPORTA.

K18: ME EXPLICAR DIFERENTE.

R18: [[VOZ. EI //chama a atenção//, EXEMPLO, JÁ JÁ+ <sub>3s</sub>ELA ME EXPLICAR JÁ. EXEMPLO VOZ CADA-UM SENTIR FLUIDEZ <sup>negativa</sup>NÃO-PREJUÍZO PORQUE <sup>negativa</sup>NÃO-É POR EXEMPLO <sup>negativa</sup>FALAR-NÃO POR CAUSA AFINIDADE SURD@. GRUPO JÁ ALUN@ CONHECER BEM SEMPRE...

S18: <sub>1s</sub>EU-VOU-VER. <sup>negativa</sup>NÃO SEI. PODE.

R18: CONTEXTO SABER. GRUPO ALUN@ INTÉRPRETE INTERPRETAR FALA, EXPLICAÇÃO INTERPRETAR EXPLICAÇÃO+. PRONTO! OUTRA SITUAÇÃO, EXEMPLO. PESSOA FALAR, JÁ EXPLICAR AULA, DEBATE. OUTRO INTÉRPRETE, OUTRO INTÉRPRETE+ VIR. OUVIR AFINIDADE FLUIDEZ SENTIR OUVINTES-EL@ FLUIDEZ DIFERENTE...

S18: ISSO MESMO. <sup>interrogativa</sup>MAS-COMO?

K18: <sub>3s</sub>MARIANA ME EXPLICAR DIFERENTE. <sup>interrogativa</sup>PODE? BOM /MU... INTERPRETE TROCAR, TROCAR, TROCAR+...

S18: ENTÃO!

K18: PORQUE OUVINTE GRUPO...

R18: TAMBÉM...

K18: PERCEBER DIFERENÇAS BOM, APRENDER EXPERIÊNCIAS. <sub>2s</sub>VOCÊ DIFERENTE E <sub>2s</sub>VOCÊ DIFERENTE. <sub>3s</sub>ELA ME EXPLICAR...

S18: <sub>1s</sub>EU ME EQUIVOQUEI MUDAR.

K18: INTÉRPRETE TROCAR.

R18: VOZ MESMO.

R18: <sub>1s</sub>EU ACHO QUE DEVERIA PEDIR FILMAR, FAZER EDIÇÃO DEPOIS MOSTRAR COMO PROVA SIM OU NÃO PARA VER.

---

<sup>34</sup> Simultaneidade de falas.

#### 4.8.2 Transcrição do vídeo 5: Lei nº 10.436 e o que foi modificado na vida deles após a homologação dessa lei





Imagem 14: Interação video 5. Lei e decreto.

00:00:09 – 00:01:32

S22: <sub>1</sub>EU LEMBRAR PASSADO 10436 LEI ANTES 2002 FENEIS 2002, /<sup>35</sup>2002...

R22: FENEIS <sup>negativa</sup> CRIAR-NÃO, FENEIS <sup>negativa</sup> CRIAR-NÃO+.

S22: NÃO, NÃO, NÃO+...

---

<sup>35</sup> Truncamento de ideias.

V22: /LEI 2002, /2004 DECRETO.

S22: DESCULPA LEI 2002 FENEIS JÁ FUNDADA ANTES FENEIS 1982, /18, 1887, /87...

R22: /77, 77 FENEIS R-I-O, PRIMEIRA DIRETORIA.

S22: <sub>1s</sub>EU ESTAR R-I-O ESTUDAR ESTAVA LÁ R-I-O+. ANTES CONHECER COMUNICAÇÃO LIBRAS OUTROS SURD@ JÁ IDENTIDADE PARACER <sub>1s</sub>EU <sup>negativa</sup>NÃO-PERCEBER POLÍTICA <sup>negativa</sup>NÃO. PARECER EU FUTURO DIFÍCIL TER SIMPLES PODE DESENHO, PROJETOS ARQUITETÔNICOS <sub>1s</sub>EU IMAGINAVA. <sub>1s</sub>EU PROFESSOR <sup>negativa</sup>NÃO-PODER. <sub>1s</sub>EU PARECER PENSAR MUITO <sup>muito</sup>NEGATIVO, NEGATIVO, NEGATIVO. DEPOIS ESQUECER <sub>1s</sub>EU COMUNICAÇÃO LIBRAS. PARECIA <sub>1s</sub>EU ACHAR ASSOCIAÇÃO FENEIS. PARA <sub>1s</sub>MIM F-E-N-E-I-S NÃO-CLARO. <sub>1s</sub>EU <sup>negativa</sup>NÃO INTERESSADO, <sub>1s</sub>EU SAÍA, SAÍA, SAÍA+. PASSOU TEMPO, <sub>3s</sub>WILLER AQUI FUNDAR <sub>3s</sub>WILLER /1-2002...

K22: [[2003.

S22: FUNDAR FENEIS. <sub>1s</sub>EU SENTIR, SENTIR+ COMEÇAR-INTERESSAR, DORMIR, DE REPENTE ACORDAR. <sub>1s</sub>EU COMEÇAR CONHECER, CONHECER COISAS, DISCUSSÃO... É ISSO MESMO! OCORRER MUDANÇA EM <sub>1s</sub>MIM, AUMENTAR. <sub>1s</sub>EU PARTICIPAR, PARTICIPAR, PARTICIPAR, PARTICIPAR+, DISCUTIR, DISCUTIR, DISCUTIR+. <sub>3s</sub>KÁTIA LEMBRA DISCUSSÃO, MOVIMENTO, MUITO BOM. MAS ANTES <sub>1s</sub>EU DEVIA-TER-FEITO PREJUÍZO PARA MIM ANTES.

R22: <sup>interrogativa</sup>VOCÊ<sub>2s</sub> PERCEBER LEI HOJE SENTIR MESMA-COISA?

#### 4.8.3 Transcrição do vídeo 6: Momentos de folga









Imagem 15: Interação vídeo 6. Professores da UFC.

00:00:01 – 00:00:45

V25: JOGAR VIDEOGAME <sub>3s</sub>ELE (Sérvulo).

R25: SEMPRE... <sub>3s</sub>ELE SEMPRE.

S25: C-L-A-R-O.

R25: FOLGA.

K25: //Toque no braço do Sérvulo// <sub>2s</sub>VOCÊ FOLGA D-I-A <sup>interrogativa</sup>FAZER O-QUÊ SÁBADO DOMINGO? SEGUNDA, TERÇA, QUARTA...

R25: FOLGA::<sup>36</sup> <sub>1s</sub>EU FOLGA SEMPRE SABADO DOMINGO SENTIR REALMENTE AGORA MOMENTO FOLGA SABADO DOMINGO <sup>negativa</sup>N-U-N-C-A. ACONTECER+ COISAS SABADO DOMINGO DIRETO, DIRETO+...

S25: [[POR CAUSA <sub>2s</sub>VOCÊ DIRETOR FENEIS, TRABALHAR UFC

R25: DIRETO... (Dá ideia de enumerar ocupações) E [[CASAMENTO...

K25: [[CASAMENTO.

R25: VÁRIAS DIRETO. SENTIR FOLGA <sup>negativa</sup>NÃO-CONSEGUIR. <sup>interrogativa</sup>FOLGAR SABADO DOMINGO? <sup>interrogativa</sup>SENTIR FOLGA O QUÊ? PRECISA FORA.

V25: /PARECE INTERNO MAIS-PESADO.

R25: LÁ VISITAR BRASÍLIA <sub>1s</sub>EU SENTIR FOLGA, MAS <sup>pouco</sup>POUCO. <sup>muito</sup>TRABALHAR, LUTAR, PROJETOS. BRASÍLIA TENTAR LUTAR, REALMENTE <sup>negativa</sup>NÃO CONSEGUIR. PRECISAR FOLGA MARCAR /CERTO VIAGEM PORQUE AMANHÃ QUINTA /SABADO...

---

<sup>36</sup> Alongamento do sinal.

## 5. DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A voz dos surdos são as mãos e o os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”. Permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita” (QUADROS, 1997, p. 119).*

Neste trabalho, buscamos dialogar com os autores da Análise da Conversa (SACKS, SCHEGLOFF, JEFFERSON, 2003; GOFFMAN, 2002; MARCUSCHI, 1986; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), os estudiosos da Etnometodologia (GARFINKEL, 1960; HERITAGE, 1999; GUESSER, 2003) na tentativa de apresentar os conceitos por eles estabelecidos e confrontá-los com dados reais obtidos graças ao trabalho junto a sujeitos surdos em momentos de interação. O empenho em estudar as línguas de sinais e o modo como se produz a interação surdo-surdo advém, como já mencionamos no capítulo 1, da lacuna que se revelou no trabalho de mestrado. Outra razão que nos levou a dar continuidade foi a permanente inquietação em ratificar a relevância desses aspectos para a Linguística, enquanto contribuímos para o crescimento dos estudos científicos nesta área.

Assim sendo, a nossa proposta de começar um estudo que aborde, identifique e analise a interação entre surdos nos pareceu de valor, vez que as teorias que tratam sobre o tema da interação entre ouvintes não davam conta da interação entre surdos. Diante deste vazio teórico, vimos propor um ajuste na modelização de métodos e elementos da Análise da Conversa que atenda ao estudo das interações entre surdos em usuários da Libras.

A experiência valeu o empenho e o esforço não só nosso, como pesquisadora, mas o dos colegas professores surdos e dos intérpretes a quem tanto devemos em trabalho e dedicação. Muitos ouvintes ainda não descobriram a existência desses sujeitos *silenciosos* que muitas vezes se tornam invisíveis sociais. No entanto, eles têm uma linguagem rica, própria, capaz de elaborar comunicações tão ou mais complexas que as comunicações entre ouvintes.

Nosso estudo tenta trazer à luz aspectos nunca antes estudados ou percebidos de maneira clara, mesmo pelos estudiosos de Libras. Daí ganham sentido nossas questões iniciais e nossas escolhas metodológicas para atendimento de nossos objetivos. Vale recordar que os sujeitos participantes da pesquisa eram surdos professores do ensino superior, todos residentes em Fortaleza.

A língua de sinais é uma língua em toda sua estrutura e como tal atende a modelos, tais como as línguas orais. Tomamos como foco de nosso estudo a consideração da pertinência do tópico discursivo por meio da familiaridade dos sujeitos participantes com o tema, para chegarmos a um modelo de Análise da Conversação que atendesse à pesquisa sobre interação entre surdos. Não foi nosso intuito destruir teorias alicerçadas e historicamente sólidas, mas aproveitarmos-nos de sua fecundidade para propor um ajuste concernente à língua de sinais.

Não seria possível fugir ao estudo linguístico, vez que embora a Libras se apresente como uma linguagem cinésica (SERRA, 2009), ou seja, utilizando-se de movimentos corporais, gestos, sorriso, olhar etc. nesses gestos podemos identificar, com o estudo dos aspectos formais da Libras, que os sinais utilizados pela comunidade surda estão diretamente ligados às produções linguísticas, pois eles mesmos trazem em si muitos traços linguísticos.

Observamos que da mesma forma que acontece com os ouvintes, a competência linguística do sujeito surdo pode auxiliar em sua desenvoltura conversacional. Como trabalhamos na perspectiva de Goffman, consideramos que a interação só ocorre numa situação social específica, o que nos levou à ideia de criar temas geradores que fizessem parte do cotidiano dos participantes, como vimos no estudo.

A interação desempenha um papel fundamental na experiência social humana. É por meio da interação que podemos realizar o ato comunicativo, pois é assim que podemos criar e manter nossas relações sociais. A motivação desta pesquisa esteve centrada na conversa entre sujeitos surdos usuários de língua de sinais. Por isso mesmo, realizamos encontros em que as conversas foram filmadas e analisadas em busca de perceber como esses sujeitos realizam momentos de interação e como realizam a manutenção tópica. Uma vez que elegemos o tópico discursivo como nossa categoria analítica das conversas entre surdos em Libras, trouxemos em nossa análise resultados acerca das propriedades relacionadas a essa categoria, a saber: a Centração e a Organicidade.

Sete dos catorze vídeos foram analisados, interpretados e três tiveram alguns trechos transcritos e traduzidos para ilustração das conversações e melhor interação dos ouvintes sobre as conversas realizadas. Nosso interesse prioritário é mostrar que os elementos

utilizados em línguas orais, Centração e Organicidade, são partilhados também nas línguas de sinais até o momento em que a *Espacialização*, categoria que emergiu de nossas análises, não seja fator de interferência para a interação. Portanto, buscamos apresentar evidências de que o desenvolvimento do tópico discursivo, assim como suas propriedades, está presente nos discursos realizados em línguas visuoespaciais. Essa visualização nos levou à Teia Conversacional, que expõe de maneira mais sistemática os lugares e os valores dos tópicos, dos subtópicos, mas também das rupturas ocorridas durante a interação, muito frequentemente pelo toque que um sujeito faz em outro. Vemos ainda nos estudos dos vídeos como se operam as intervenções por superposição ou tomada de tópico, quase sempre marcados pelo movimento do corpo ou pelo toque no corpo do outro, o que nos remete aos aspectos não verbais estabelecidos por Steinberg (1988), esse o recurso tacético, que se refere ao uso toque no interlocutor. Nos vídeos entre três ou mais interactantes, o toque foi um agente inibidor do descaso conversacional, do mesmo modo como a alteração de posição do corpo em relação ao outro – a que atribuímos a categoria de espacialização – foi atenuador ou agravador de constrangimentos. Os constrangimentos que ocorreram durante as interações aqui analisadas foram resolvidas pelos próprios interlocutores ou desconsideradas para evitar a descontinuidade das conversas.

Esperamos que a Linguística acompanhe com interesse os avanços e as transformações pelas quais passamos constantemente e reconheça os estudos sobre as línguas de sinais como estudos que contribuem para mudanças sociais, históricas e linguísticas. Dessa forma, é possível perceber a relevância de se estudar as línguas sob uma nova perspectiva, sob uma amplitude que ultrapasse os limites das modalidades oral e escrita e alcance uma estrutura tanto linguística como cinésica, retomando o que já havíamos proposto no mestrado como Cinesiolinguística. Com este trabalho, acreditamos ter contribuído, mesmo que minimamente, para o desenvolvimento dos estudos sobre a interação entre surdos. cremos, com isso, que esta pesquisa e seus resultados produzirão implicações positivas tanto para a Linguística com para a Língua Brasileira de Sinais.

## 6. REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2003.
- BERTAUX, D. *Les récits de vie*. Paris: Nathan, 1997.
- BRONCKART, J. P. atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo; trad. Anna Rachel machado, Pericles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- CABRAL, L. S. *Introdução à linguística*. 7ª ed., p. 4-19. Rio de Janeiro: Globo, 1998.
- CASTRO, A. R. de; CARVALHO, I. S. de. *Comunicação por língua brasileira de sinais*. Brasília: Editora Senac, 2005.
- CAVACANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. SP: Contexto, 2013. p. 127-129.
- CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A. A surdez, o surdo e seu discurso. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. V. 6, n. 02, p. 166-171, 2004. Disponível em [www.fen.ufg.br](http://www.fen.ufg.br) Data de acesso: 25 de julho de 2008.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- CORREA, R. B. S. A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos. 2007. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- COUTINHO, D. Libras: Língua brasileira de sinais e língua portuguesa – semelhanças e diferenças. João Pessoa: 3ª Ed, Arpoador, 2000.
- DORZIAT, A. Educação e surdez: o papel do ensino na visão de professores. *Educar em Revista*, Curitiba: n. 23, p. 87 - 104, jan./jun., 2004.
- DORZIAT, A. Deficiente auditivo e surdo: uma reflexão sobre as concepções subjacentes ao uso dos termos. Disponível em: <[www.asurdosporto.org/artigo.asp?idartigo=78](http://www.asurdosporto.org/artigo.asp?idartigo=78)>. Acesso em: 01 de março de 2007.
- DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In: MUSSALIN, F.; BENTES A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1992.

FÁVERO, Leonor L. et alii. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2005.

FELIPE, T. A. *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANAPOLL*, Recife, 1989.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GARFINKEL, H. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge England: Polity Press, 1984.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*, 2ª Ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ P. M. (Org.) *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Les cadres de l'expérience*, Paris: Les éditions de Minuit, 537 p., 1991.

GUESSER, A. H. A etnometodologia e análise da conversação e da fala. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168

HERITAGE, J. C. Etnometodologia. In GIDDENS, A. e TURNER, J. (org.). *Teoria Social Hoje*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. 1ª reimpressão, São Paulo: UNESP, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*; trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

- KOCH, Ingedore G. Villaça. A repetição como mecanismo estruturador do texto falado. In: ANPOLL, 1993. (mimeo)
- KOCH, I. G. V. Construção dos sentidos. 7ªed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOJIMA, SEGALA, Libras: língua brasileira de sinais – a imagem de pensamento. V. 5. São Paulo: Escala, 2008.
- JACKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: 21ª Ed, Cultrix, 2006.
- JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*, v.II. Campinas/SP: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1992.
- JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*, 4ª ed. rev, v.II. Campinas/SP: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 2002.
- JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, 48: 33-41, 2006.
- KOCH, I. G. V. *et al.* Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T (org.). *Gramática do Português Falado*. Volume I: A ordem. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAZARINI, P. R.; CAMARGO, A. C. K. Surdez súbita idiopática: aspectos etiológicos e fisiopatogênicos. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, vol. 72, n.4, p. 554-61, jul/ago, 2006.
- LEITE, T. A. A segmentação de língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LODI, A. C. B. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set/dez 2005.
- LYONS, J. *Linguagem e lingüística*. Rio de Janeiro: LCT, 1987.



LUFT, C. P. *Língua e liberdade*. Porto Alegre: L& PM, 1985. p. 37-93.

MAIA, E. M.; *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. 4ª ed, São Paulo: ed. Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MAREGA, L. M. Pontes; ROMUALDO, E. C. Estudo comparativo da organização tópica de uma Elocução Formal e sua Retextualização. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 1540-1551.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. (2007). Transcrição de dados de uma língua sinalizada. In H. SALLES (Org.), *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia, GO: Cãnone Editorial. p. 73-96.

MORIN, E., *Meus filósofos*. Trad. Edgar de Assis carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ORLANDI, E. P. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

PINHEIRO, C. L. Organização tópica do texto e ensino de leitura. *Linguagem & Ensino*, Vol. 8, No. 1, p. 149-160, 2005.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porta Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M de; SCHMIEDT. M. L. P. *Ideias para ensinar português para surdos*. Brasília : MEC, SEESP, 2006.

REIS, V.P.F. A linguagem e seus efeitos no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança surda. *Espaço Informativo Técnico Científico do INES*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 23-38, 1997.

- ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- SACKS, O. W. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & e JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for tion. *Language*, 50 (4), p. 696 – 735, 1974.
- SANTANA, A. P.; GUARINELLO, A. C.; BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 297-306, abr./jun. 2008.
- SANTOS, F. J. C. GALVÃO, M. A. M. Os elementos enfáticos na organização tópica discursiva na sala de aulas: uma construção semântica do discurso professor-aluno. *Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – Anais do XVI CNLF, pág. 1057. 2012.
- SCARANELLO, C. A. Reabilitação auditiva pós implante coclear. *Medicina*, Ribeirão Preto, vol. 38, n. ¾, p. 273-278, jul/dez. 2005.
- SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. *Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC, SEESP, v.2, 2004.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SERRA, D. G. Educação do indivíduo surdo: a técnica do relato oral e o depoimento de mães. In: *Anais do Encontro Internacional do Texto e Cultura*. 29 de outubro a 1 de novembro de 2008.
- SERRA, D. G. Língua Brasileira de Sinais: escolhas lexicais e desenvolvimento do tópico discursivo.
- SILVA, D. N. H. Surdez e inclusão social: o que as brincadeiras infantis têm a nos dizer sobre esse debate? *Cad. Cedes*, Campinas, v. 26, n. 69, p. 121-139, mai/ago 2006.

SOUSA, A. N. Surdos brasileiros escrevendo em inglês: uma experiência com o ensino comunicativo de línguas. 2008. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

SOUZA, R. M.; SILVESTRE, N. *Educação de surdos: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007.

STEINBERG, M. Os elementos não-verbais da conversação. São Paulo: Atual, 1988.

STUMPF, M. R. Práticas de bilingüismo: Relato de experiência. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 290-299, jun 2005.

TRISTÃO, R. M.; FEITOSA, M. A. G. Percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida. *Estudos de psicologia*, vol. 8, n.3, p. 459-467.

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.

VENTOLA, E. The structure of casual conversation in english. In: *Journal of Pragmatics*, 3, p. 267-298, 1979.

Associação dos Surdos do Porto «Disponível em [www.asurdosporto.org/artigo.asp?idartigo=243](http://www.asurdosporto.org/artigo.asp?idartigo=243)». «Acessado em : 01 de março de 2007».

Editora Arara Azul «Disponível em <http://www.editora-arara-azul.com.br>» «Acessado em: 18 de maio de 2008».

Entre amigos «<http://www.entreamigos.com.br/textos/default/infdefault.htm>» «Acessado em: 01 de março de 2007».

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FALA EM INTERAÇÃO ENTRE SURDOS

#### VÍDEO 18: PROFESSORES DA UFC

BREVE EXEMPLÁRIO DE INTERAÇÕES CONSTITUINTES DO *CORPUS* ANALISADO À GUISA DE ILUSTRAÇÃO ACERCA DAS CONVERSACÕES ENTRE SURDOS.<sup>37</sup>

INTERPRETAÇÃO: MARIANA FARIAS, ERNANDO PINHEIRO E IZALETE INÁCIO.



---

<sup>37</sup> Apresentação das falas meramente ilustrativa, baseada nas interpretações e transcrições.





## APÊNDICE B

### LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FALA EM INTERAÇÃO ENTRE SURDOS

#### VÍDEO 22: LEI E DECRETO

BREVE EXEMPLÁRIO DE INTERAÇÕES CONSTITUINTES DO *CORPUS* ANALISADO À GUIA DE ILUSTRAÇÃO ACERCA DAS CONVERSACIONES ENTRE SURDOS.<sup>38</sup>

INTERPRETAÇÃO: MARIANA FARIAS, ERNANDO PINHEIRO E IZALETE INÁCIO.



<sup>38</sup> Apresentação das falas meramente ilustrativa, baseada nas interpretações e transcrições.







## APÊNDICE C

### LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FALA EM INTERAÇÃO ENTRE SURDOS

#### VÍDEO 25: MOMENTOS DE FOLGA

BREVE EXEMPLÁRIO DE INTERAÇÕES CONSTITUINTES DO *CORPUS* ANALISADO À GUIA DE ILUSTRAÇÃO ACERCA DAS CONVERSACÕES ENTRE SURDOS.<sup>39</sup>

INTERPRETAÇÃO: MARIANA FARIAS, ERNANDO PINHEIRO E IZALETE INÁCIO.



---

<sup>39</sup> Apresentação das falas meramente ilustrativa, baseada nas interpretações e transcrições.





## ANEXOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: *Língua Brasileira de Sinais: Fala-em-interação entre surdos*. Você foi selecionado entre outros sujeitos surdos e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição Universidade Federal do Ceará ou com o Programa de Pós-Graduação em Linguística. Os objetivos deste estudo são investigar a interação entre surdos, como ocorre a inserção tópica e seu desenvolvimento para fins de formar uma teia conversacional. Sua participação nesta pesquisa consistirá em manter conversas, de forma espontânea, com outras pessoas surdas também convidadas a participar da pesquisa. Não há riscos relacionados a sua participação. Os benefícios de sua participação serão percebidos nos resultados obtidos nas análises dos vídeos feitos durante essas conversas. Além de contribuir para o avanço nas pesquisas sobre as línguas de sinais, em especial a Língua Brasileira de Sinais. As informações obtidas através dessa pesquisa, em forma de vídeos, farão parte do primeiro banco de dados em Língua Brasileira de Sinais do nosso país. Dessa forma, além do TCLE será assinado conjuntamente um Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

**DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL**

Dannytza Serra Gomes

**Nome**

85 - 88680423

**Telefone**

**Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.**

Fortaleza, 25 de setembro de 2013

---

Sujeito da pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

***TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS***

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores (Dannytza Serra Gomes) do projeto de pesquisa intitulado “(Língua Brasileira de Sinais: Fala-em-interação entre surdos)” a realizar os vídeos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (teses, dissertações, artigos), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Fortaleza - CE, 25 de setembro de 2013

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável pelo projeto